

5

As histórias de vida

5.1

Com a voz Paula Janaína Silva

(pausa longa) Eu entrei para o mestrado agora em 2009 então vou começar de traz pra frente só uma partezinha, por que faz menos de 10 anos que eu começo a ter consciência de tudo que eu vivi desde a infância e eu digo que isso é um processo um processo doloroso. O conhecimento é muito bom, te abre portas, janelas. Te coloca em contato com o mundo. É muito diferente do que você já viveu, mas, ao mesmo tempo, provoca muita dor por que você começa a identificar as questões raciais, pelo menos pra mim que desde 2007 venho tentando me aprofundar mais e isso me provoca muita dor. Por que eu começo a entender na teoria o que eu passei e passo até os dias atuais. É doloroso porque você junta a teoria com a prática e começa a perceber o quanto que o racismo, a discriminação não te deixam marcas físicas, mas deixam marcas internas muito mais profundas e o quanto é doloroso perceber o que você viveu, o que a sua família viveu, o que sua mãe viveu. Você consegue entender algumas falas que por algum motivo te machucaram e você não sabia exatamente por que. Para mim o conhecimento hoje em dia é muito esclarecedor, mas é muito doloroso. Eu acabei de ler um texto da *Bell Hooks* – que é uma escritora americana – “Vivendo de amor” e foi muito difícil ler esse texto porque eu consegui identificar ali a minha mãe adotiva Maria José. Ela era uma mulher assim tão forte e ao mesmo tempo tão dura nas suas vivências. Queria que eu fosse também a mesma rocha que ela era e eu achava às vezes que ela era desumana, pois parecia que não tinha muito sentimento. Ela não demonstrava muito sentimento e quando eu li esse texto da Bell eu consegui entender. Eu falei: gente como que a nossa população realmente sofre. Eu fui entendendo as dores da minha mãe, as minhas dores, algumas falas que eu não conseguia entender e fui meio que sintetizando algumas leituras que eu já tinha feito anteriormente. E eu sei que ainda vou ler muito mais coisa que me dará uma maior visão desse todo. Eu fui criada por essa mulher negra Maria José, ela é minha mãe adotiva. Eu fui dada de presente para ela ainda bebê. Nem a minha mãe biológica ainda me explicou por que e esse também é um dos motivos de eu entender as nossas dores. E eu sei que vai ser muito difícil pra ela falar sobre o assunto. A minha infância foi pautada por essas histórias que não tinham nem fim nem começo. Eu fui criada em casa de família porque minha mãe adotiva era empregada doméstica e durante a semana nós ficávamos na casa de família onde ela trabalhava e no final de semana, só nos domingos nós íamos pra casa. Então minha infância era sempre essa dualidade. Ficava num mundo que não era o meu que era a casa da patroa, vivendo com os filhos dela e não era um mundo que me pertencia. E quando eu ia também para Baixada Fluminense em Mesquita também não era o meu mundo porque eu também não vivia lá e as crianças às vezes também não me aceitavam. Eu não tinha muito essa questão. Eu não sentia essa questão do racismo e da discriminação, acho que por ser criança. Embora eu

tivesse vergonha por ser empregada doméstica e por algum tempo eu tive vergonha dela. Aí eu fui entendendo que é porque ela (riso), não tinha muito tato assim pra ir às reuniões da minha escola vestida de empregada doméstica, com aquela roupa toda manchada de água sanitária com um turbante na cabeça ou não sei o quê. Eu morria de vergonha por causa das minhas amigas – e eu estudei por algum tempo num colégio particular – e ela chegava daquele jeito na escola para saber como é que eu estava e para fazer renovação de matrícula. Eu achava que tinha vergonha por ela ser empregada doméstica, mas eu acho que era mais por conta da estética, por causa da roupa e tudo. A minha adolescência foi assim muito fechada, por conta, eu acho, da minha mãe. Ela era meu exemplo, ela é meu exemplo de vida de mulher forte, guerreira, trabalhadora e tudo. Mas ela não era uma pessoa muito carinhosa. A minha adolescência foi muito quieta e eu querendo muito me ver num mundo a parte. Eu queria sempre viver numa história diferente daquela na qual eu vivia. Ela faleceu quando eu tinha 17 anos e ao mesmo tempo em que ela era muito dura, ela era muito protetora. Então quando ela faleceu a primeira coisa que eu falei foi: agora o mundo me engole. Por que eu estava sozinha. A minha mãe biológica tinha um convívio comigo, mas não era de mãe e filha, era como se fosse uma pessoa só conhecida. Então eu fiquei por algum tempo morando na casa dessa ex-patroa da minha mãe adotiva. Quando eu completei 18 anos, depois de ter feito um curso de auxiliar de enfermagem, a irmã dessa moça adotou um filho um menino chamado Gabriel e me chamou pra trabalhar com ela. E nesse período de 17 a 18 anos eu tive duas experiências que foram duas experiências de discriminação racial. Assim que a minha mãe faleceu essa moça com quem eu fiquei morando se ofereceu pra pagar um curso pra mim e eu toda empolgada pois na época havia um curso de informática chamado Data Control no Rio de Janeiro que era o auge da informática e um curso de inglês que era o Brasas também era o auge. Todo mundo queria fazer esses cursos e aí eu cheguei com um panfleto. Por que ela (a patroa) dizia que eu estava no primeiro ano do ensino médio e paralelo aos estudos podia fazer curso e me inserir logo no mercado de trabalho. Então eu cheguei toda empolgada com os dois panfletos com o preço, com os horários e ela virou pra mim e falou assim: “Não Janinha, não é esse tipo de curso que você tem que fazer você tem que fazer cursos que vão te inserir logo no mercado de trabalho. Esse curso de inglês e esse curso de informática são para os meus filhos, que eles vão cursar uma universidade eles vão é com certeza viajar pra fora do Brasil, para o exterior. Você tem que conseguir uma coisa mais prática um curso mais prático.” E foi por isso que eu fui fazer auxiliar de enfermagem na Cruz Vermelha e eu pensei que eu nunca ia exercer essa profissão. Quando surgiu a possibilidade de virar empregada doméstica e babá eu falei: “eu preciso de um lugar pra morar, dinheiro e dignidade, por que pra gente e para muitos da população negra é o trabalho que dignifica uma pessoa. E a formação de caráter através do trabalho. Então eu fui trabalhar como empregada doméstica e babá cuidando do Gabriel. Ele tinha quinze dias quando eu fui cuidar dele e lá eu fiquei por dez anos de 1995 a 2005. Em 2002, 2003 eu acordei um dia e eu já estava com vinte e cinco para vinte e seis anos e olhei o que eu tinha. Era só um quarto de empregada desses que a gente sabe como que é: bem pequenininho, com todas as coisas entulhadas da casa que não prestavam mais. E eu já não gostando mais do que eu estava fazendo. Eu me vi e tenho orgulho em ter sido trabalhadora doméstica, mas quando eu me vi melhor educadora do que trabalhadora doméstica eu senti necessidade de fazer outras coisas. E eu me vi educadora por dois motivos: eu tinha amigas também trabalhadoras domésticas que não sabiam nem ler nem escrever e eu ajudei na alfabetização delas. Eu fazia aqueles bilhetinhos pra que elas entregassem para as patroas. E também tinha muita patroa que humilhava as minhas amigas porque não

sabiam a diferença entre um talher de peixe e um talher de salada, um copo de vinho e um copo d'água. Aí eu dizia para elas que as patroas não podiam humilhá-las que isso estava errado, mas elas também tinham razão de dizer o que você tinha que saber por que essa é uma profissão como qualquer outra e você tem que se qualificar. E elas começaram a fazer cursos no Rio de Janeiro, na Prefeitura que tinha cursos para garçom. E muitas delas começaram a fazer esses cursos e começaram a me perguntar: “Ah por que você também num faz esse curso?”. Porque eu não me interessava por essas coisas, e até me arrependo hoje em dia, porque é bom pra caramba fazer esse negócio de etiqueta “de copo disso, de copo daquilo”. Faz a maior falta agora, mas na época eu achava que não tinha que me qualificar enquanto trabalhadora doméstica porque era uma coisa que eu sabia que um dia ia passar. Eu queria fazer outra coisa. E uma outra coisa que me fez querer ser educadora foi que eu ajudei na alfabetização do Gabriel o menino que eu cuidei. E como ele tinha muita dificuldade com a questão da escrita e da leitura eu ficava inventando outras maneiras com joguinhos lúdicos pra que ele gostasse de ler e de escrever. E foi assim que eu o ajudei na alfabetização porque ele tinha horror à leitura e à escrita. Ele falava que queria ser burro e eu falava pra ele que não era burro, era ignorante (risos). Então eu me vi educadora e quis fazer o pré-vestibular para fazer Pedagogia na UERJ. Esse era o meu foco, tanto que eu não prestei pra nenhuma outra universidade. Em 2003 eu entrei para o pré-vestibular e tive que fazer um acordo com a minha patroa, porque eu morava no meu emprego e ela sempre contou comigo durante a noite também para trabalhar, e esse é um dos problemas da trabalhadora doméstica –a questão da jornada de trabalho – porque a gente não tem direitos. Às vezes eu estava lá no meu quarto dez e meia da noite depois de um dia inteiro de trabalho e ela me chamava pra ficar com o Gabriel. Então eu fiz um acordo com ela pra poder fazer o pré-vestibular e ela só aceitou porque ela achava que eu não ia passar na primeira vez que eu fizesse a prova porque já faziam quase dez anos que eu não estudava. E ela disse: “Ah Janinha, você vai fazer mas você não pense que você vai passar logo nesse primeiro ano.” Eu comecei a fazer o pré-vestibular e não tinha no primeiro momento nenhuma ideia de que eu ia fazer pelo sistema de cotas. Não foi isso que me moveu até porque essa discussão estava ainda muito incipiente no Rio de Janeiro. Estavam começando os debates sobre as cotas e em 2003 foi a primeira turma de cotas. Eu não acompanhava muito esse debate. Então fui fazendo o pré-vestibular para passar pelo sistema aberto mesmo. A minha ex-patroa já alguns, mesmo antes de eu fazer pré-vestibular, quando ela começou a ver que eu tinha um interesse começou a criar um pouco de resistência. E ainda mais quando comecei a fazer concurso público e a pensar maneiras que me dessem a chance de sair de lá para poder fazer um curso universitário em paz. O sistema de cotas no primeiro momento veio como uma possibilidade quando o governo do Estado do Rio ofereceu a bolsa para os cotistas. Assim, no primeiro momento, a questão das cotas foi uma questão financeira. E comecei a fazer um esquema para poder sair de lá, porque sabia, no meu íntimo, que iria ter problemas quando passasse para universidade, porque tinha certeza que ia passar. Comecei a ver como é que eu ia sobreviver só com a bolsa do estágio e quando é que poderia começar a fazer estágio. Então comecei a bolar um esquema financeiro pra que eu pudesse fazer a universidade. E passei logo no primeiro vestibular pelo sistema de cotas. Foi nesse primeiro momento que comecei a ter a primeira noção do que eram as cotas como uma política pública de ação afirmativa. Foi logo nos primeiros dias de aula no seminário teve um seminário sobre as cotas, sobre ação afirmativa na UERJ e aí foi que comecei a pensar que a gente não tinha muitos locais de debates sobre cotas Não tinha um momento de falar da vivência dos cotistas. Há pouco tempo o Professor Ricardo Henrique deu uma palestra aqui em Brasília

falando sobre uma pesquisa que ele fez sobre os cotistas e o sistema de cotas do Rio de Janeiro e que a maioria dos cotistas só quer saber de fazer a universidade – e esse foi o meu caso eu entrei pelo sistema de cotas e o que eu queria era dar conta dos quatro anos, tanto que eu nunca deixei de pegar todas as disciplinas. Eu não passei nem um mês a mais na Universidade e essa vontade de simplesmente ter o diploma e concluir o curso me distanciou um pouco da questão política, de estudar à fundo o que significava ter entrado pelo sistema de cotas. Mas, tive alguns episódios lá na UERJ que tive contato com a questão política. Em 2004, quando estava no segundo período a minha ex-patroa exigiu que eu parasse de fazer a universidade. Ela disse que eu não tinha direito de estar naquela universidade, numa briga que nós tivemos porque eu precisava entregar um trabalho para o Professor Gaudêncio Frigotto. Esse tinha sido meu primeiro trabalho com mais de dez páginas e era assim como um filho, o meu orgulho e eu queria entregá-lo. E ela sempre deixava levar o Gabriel para as aulas se ela estivesse viajando e não tivesse alguém para ficar com ele. Então ele assistia às aulas comigo e ela nunca criou caso com isso, mas quando ela viu que a universidade era realmente uma coisa importante para mim começou a pôr resistência e a brigar e a me esperar todos os dias depois da aula pra dizer que: “Ah você esqueceu de botar comida no prato, você esqueceu de limpar ali, você esqueceu de limpar aquele cantinho ali porque você não tá dando conta de fazer uma universidade e de trabalhar, então você vai ter que fazer uma escolha.” E aí nesse dia eu disse para ela que no dia seguinte tinha que entregar esse trabalho, que era o último dia de aula. E foi uma briga muito feia e digo que naquele momento, naquela noite de dezessete de dezembro de 2004 eu vi a discriminação e o preconceito se materializarem. E foi muito ruim porque eu não tinha resposta pra dar para ela, porque me pegou tão de surpresa. Como é que alguém diz que eu “não tenho direito de está num lugar. Que aquela faculdadezinha não ia me levar a lugar nenhum, que eu não ia sair da condição que eu estava por conta dessa faculdadezinha?”. Na hora doeu tanto, foi tão pesado aquilo, porque que ela é professora de uma universidade pública. E isso é que era mais espantoso. E eu dizendo pra ela: “Eu tenho direito sim, eu estudei para estar naquele espaço, que aquilo não me foi dado, eu conquistei, eu fui lá, eu estudei, eu passei por uma prova eu tenho direito sim.” Foi a única resposta que eu dei pra ela, que era a única que eu tinha naquela hora pra dar. E então em 2005 eu fui chamada pra ser estagiária numa incubadora afrobrasileira de negócios que era vinculada com o Instituto Palmares de Direitos Humanos que é uma instituição do movimento negro. Eu fui parar nessa ONG por conta de uma exposição do Abdias do Nascimento no Arquivo Nacional. Nesse dia eu não tinha aula na UERJ, mas não podia voltar para casa mais cedo porque era naquela época em que minha patroa queria que eu saísse da universidade, então só chegava em casa depois que ela estivesse dormindo, para evitar o conflito. Foi nesse evento que conheci um senhor que era do movimento negro e me convidou para conhecer essa ONG. Eu não levei muita fé na época e falei: “Esse povo do movimento negro fala, fala, fala, fala...” (risos) E aí eu meio que fugi, mas depois foi onde eu fui acolhida, me abraçaram. Eu comecei como estagiária em 2005, mas fiquei ainda trabalhando como empregada doméstica e porque eu gostava muito do Gabriel e não podia largar-lo na mão de qualquer pessoa. Então fiquei lá três meses ainda até conseguir outra pessoa pra ficar no meu lugar. E depois de quatro meses como estagiária, eles me contrataram como funcionária e eu fiquei lá até 2008. Foi lá que realmente eu consegui enxergar qual era esse papel de mulher negra ex-empregada doméstica, ex-cotista qual era o papel que realmente eu queria para minha vida que era trabalhar com as questões raciais para me entender e para tentar contribuir para que a sociedade também entenda o que é essa questão do racismo e o que ele provoca nas pessoas negras e não negras.

Porque acho que o racismo não afeta só a população negra. Eu chamo o racismo às vezes de doença e não se pode deixar as pessoas doentes. E em 2008, o diretor executivo da incubadora afro-brasileira, Sr. Giovani Harvey, veio para Brasília trabalhar como Secretário de Políticas de ações afirmativas e me convidou para ser sua assessora técnica na Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Então eu vim e aqui fiquei. Prestei a prova para o mestrado em 2009, passei e estou desenvolvendo agora a pesquisa. É isso.



Figura 8 e 9- Paula Janaína.
Fonte: arquivo pessoal.

5.2 Com a voz Evelin Fernanda S. Dias

Na minha casa era assim, carinho, dedicação delas comigo (mãe e avó), mas eu tinha um problema que era a falta da presença do meu pai. O conflito da minha mãe com meu pai era permanente. As brigas eram frequentes, isso me marcou muito. Marcou pelas ausências nas festas na escola, que às vezes ele não ia, às vezes chegava atrasado. Sentia a necessidade da presença masculina. Minha mãe acabou influenciando na minha personalidade porque era hiper-apaixonada pelo meu pai. Eu estava no meio de tudo; minha mãe fazia escândalo, chegamos a ir a um terreiro, minha mãe ia ao centro de Umbanda e me levava, não entendia nada, só ia brincar e comer, apesar de que fui criada na religião cristã. Minha mãe pedia o meu pai de volta, me colocava junto para pedir o meu pai debaixo da mesa. Fiquei muito envolvida na situação deles. Lembro que quando eu tinha 12 anos meu pai resolveu dizer que não era meu pai, ele já tinha me registrado, disse que não era meu pai, para não pagar pensão. Fiquei com muita raiva e comecei a me afastar dele, até que ele faleceu. Até eu ter meus filhos fiquei um pouco dura, com raiva dele. Tirei o nome dele; os meus filhos não têm o nome do meu pai, só o da minha mãe. Hoje, acho que eu o perdoei, voltei com o nome do meu pai. Ele sempre foi uma pessoa boa e carinhosa comigo. Tinha problemas, mas com a minha mãe. Lembro que quando a minha mãe faleceu, fui morar com a minha tia, vivia muito em conflito porque a minha mãe tinha uma criação mais liberal; mais aberta. Eu ia pro baile, eu tinha amigas na minha porta. Mas, fui morar em outro lugar com a minha tia, num apartamento que não tinha vizinhos. Desde pequena, onde eu morava, viviam pouquíssimas crianças negras; eu não percebia muito essa questão do racismo, mas entre as crianças, algumas não queriam brincar porque eu era preta. As meninas brancas implicavam com o meu cabelo queriam que eu soltasse o cabelo, queriam ver como era meu cabelo. Quando essas questões eram levadas à diretora, ela sempre reprimia. Por uma ou duas vezes eu soltei o cabelo e fui que nem uma onça. Comecei a achar estranha a questão do cabelo porque eu percebi que o cabelo da gente nunca ficava liso. Depois minha mãe começou a passar alisante no meu cabelo, antes penteava com creme, água e fazia cachinhos, acabei naturalizando essa questão. Quando fui morar com a minha tia, ela me colocou em outra escola, mas não queria que eu me misturasse com as crianças e adolescentes; eu não tinha nenhum colega. Era muito complicado; às vezes eu fugia do colégio com um grupo, ia para o baile e quando tinha que fazer um trabalho de grupo não podia ir à casa das pessoas. Esse tempo que eu vivi com a minha tia, a gente viveu um tempão brigando. Eu queria estudar, mas não queria fazer nada que ela queria que eu fizesse. Comecei a trabalhar no McDonald's, conheci meu marido, à época era namorado. Depois fui modelo fotográfico, fiz alguns desfiles. Comecei a querer realmente sair da casa da minha tia. Fui morar com algumas amigas. Depois, me afastei da minha tia. Comecei a lembrar das coisas que minha mãe me falava, queria que eu fosse psicóloga. Comecei a voltar a estudar. Nessa época, fiquei grávida da minha primeira filha. Não voltei à escola, esperei. Depois que tive filho fiquei em casa, comecei a entrar em depressão, porque eu, antes, era uma pessoa que saía quase todos os dias. Quis formar uma ONG, que não deu certo. Fiz um curso na UERJ, um curso de empreendedor social, para ser empreendedor na comunidade. A partir desse curso, entrei e contatei com pessoas que

me indicaram um curso de Historia Negra. Comecei a cursar. Fazia uma articulação com o meu marido. Eu ia na sexta-feira para casa da minha tia, deixava as crianças, saía de manhã no sábado para o curso, minha tia fazia um pão de cebola, eu levava para comer; não podia gastar dinheiro para o almoço. Às vezes, no começo do mês, meu marido recebia parte do ticket-alimentação, me dava. Meu marido, às vezes, quando saía do trabalho pegava as crianças e a gente ia junto para casa. Passei todo esse processo durante um ano, então em 2006, entrei na UERJ, para fazer Serviço Social. No curso de empreendedor social um assistente social me explicou qual era o serviço da assistente social. Achei mais fácil fazer Serviço Social do que fazer Psicologia. Tanto Serviço Social quanto Psicologia trabalhava com gente. Vim para a faculdade, acho que eu estou amadurecendo. Participei algumas vezes de debates na faculdade sobre cotas. As pessoas questionam nossa formação. Acho que preciso sempre me atualizar. A gente precisa se superar aqui dentro. Eu vou falar agora de como eu comecei a ser negra. No 2º grau não queria ser preta, porque tinha um avô índio. Ele me questionava, você já se olhou no espelho? Qual a sua característica quando você se olha no espelho? Qual a sua descendência? Chegou um dia, a principio, muito tensa, que eu tive que falar que eu era preta. Então, me olhava no espelho, via o cabelo crespo, não tinha como não dizer, tinha que confessar. Comecei também a me questionar, por que a gente tem tanta dificuldade em dizer que é preto, por que eu tenho mais facilidade de dizer que eu sou moreninha. O volume do cabelo foi a principal questão. Era mais fácil usar o cabelo alisado, as pessoas não me incomodavam tanto, disfarçava melhor a questão. Mas, começou a surgir a questão da beleza, do namorado, comecei a me perceber como preta. Mas ninguém falava, você é bonita porque você é preta. A gente, às vezes se ofende e fica calado, não fala nada, não grita. Comecei a participar de seminários que falavam sobre a questão, todo lugar que o pessoal ia falar dos pretos, eu ia. Comecei a fazer permanente, também cortei o cabelo, me surpreendi, me senti legal e radical. Fiz tranças embutidas. Passei a conhecer, passei a ter orgulho. Mas, para conseguir usar o cabelo black, cheio, foi um processo. O cabelo não é a pessoa, o cabelo é meu, faz parte do meu corpo, faz parte da minha identidade, eu conheço a minha cor, eu sou negra. Mas, às vezes, eu ainda entro em conflito com a minha personalidade. Hoje, tenho filhos no colégio e não vejo eles trazerem nada a esse respeito para debate na escola. É uma coisa que me incomoda porque era legal quando, por exemplo, eu estava na escola e alguém vinha falar da gente de forma positiva.



Figura 10- Evelin Dias – Batizado com os pais e padrinhos. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 11- Evelin Dias - Coroação de Nossa Senhora. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 12- Evelin Dias - Infância no local de trabalho da mãe. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 13- Evelin Dias - Festa caipira. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 14- Evelin Dias - Festa da Primavera.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 15- Evelin Dias - 19 anos.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 16- Evelin Dias - Mãe e Avó Materna
(Mãe Luiza).
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 17- Evelin Dias - Formatura do
Jardim II. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 18- Evelin Dias – Foto dos pais.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 19- Evelin Dias - Visita em um quilombo em Paraty (Projeto NESA UERJ 201).
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 20- Evelin Dias – Ela e a Avó Materna – 93 anos.
Fonte: Arquivo pessoal.

5.3 Com a voz Luane Bento dos Santos

Outro dia estava lendo um artigo da Helena Theodoro, sobre as orientações educacionais para implementação da Lei 10639, então ela falou um pouco da história do Martinho da Vila, e disse uma coisa que me chamou muita atenção.. ele nasceu no mesmo dia que eu, aí eu vou imitar. Nasci no dia 9 (nove) de fevereiro de 1984, não sei se no ano era carnaval, mas boa parte de todos os meus aniversários eram carnavais, até os meus seis sete anos adorava carnaval. Hoje não gosto mais. Como eu havia falado, eu sou filha de Claudete Bento e Sebastião Maurício, eu sou filha de uma família pobre, meu pai estudou até a quinta série e minha mãe até a segunda série do ensino fundamental (...). Uma coisa eu fico pensando... Uma coisa que me marca muito na posição do meu pai. Ele ia à reunião de escola, sabe?Eu fico pensando que isso é uma coisa de intelectual, porque nas classes baixas não tem muito isso. Meu pai ia a reunião de escola, ele ouvia, minha mãe não ia, sabe, ela não tinha muito “saco”, porque ela sempre falava: -Olha, essas professoras só sabem ficar reclamando do salário e não estão interessadas se os meus filhos estão aprendendo ou não. Era essa mensagem que ela queria passar, não com essas palavras, porque ela usava uns termos muito pesados, mas meu pai ia e ainda brigava com a minha mãe.

Então essa coisa da presença masculina num mundo machista, a presença masculina do meu pai foi muito importante pra mim na minha construção por que a professora Maria José, fala muito que a gente não pode seguir África porque a África não é freudiana, mais a minha construção de identidade feminina parte muito do contraposto com os homens também, parte muito do coletivo com as mulheres negras, mais parte desse contraposto. Eu tive um pai que era muito carinhoso isso me marcou muito. E marcou muito porque foi um período de carinho muito curto, meu pai morreu, eu tinha sete anos, uma semana antes de fazer... Morreu no dia dois de fevereiro. Eu tive uma infância... Eu sempre fui muito doente: bronquite, onze pneumonias, uma em cima da outra, era pneumonia em cima de pneumonia durante um ano, tive parada cardiorrespiratória, fiquei no hospital na infância, mas eu sempre passava na escola, sempre estudava, fui alfabetizada entre aspas em casa, porque meu irmão, eu via meu irmão escrevendo. Meu irmão, na verdade, foi alfabetizado, porque meu pai o alfabetizou em casa. Comprou as cartilhas de antigamente e alfabetizou o filho, aí meu irmão passava o dever pra mim, porque no horário do dever eu queria fazer o dever, e a minha tia também, minha tia paterna, passava deverzinho, fazia a letra com laçinho, eu vejo a história do Milton Santos e me vejo.

Porque eu aprendi a ler mesmo, por que... Os meus amiguinhos da escola levavam muito tempo e eu aprendi logo porque eu tive isso em casa. Sempre tive uma mãe assim muito carinhosa, muito possessiva, muito incentivadora a estudar e um pai também, que me marcou muito, por ser muito carinhoso e também por sempre me incentivar sabe, ia à escola, levava, e, por exemplo, tem muita gente que tem muita dificuldade de se ver enquanto bela durante a vida. Eu com tudo que eu passei, eu sempre me vi bela, porque eu era a linda do pai, e, como eu fui a única neta durante dez anos, por parte de pai, por que lá não nascia mulher, entre eu e a minha tia há uma diferença de dezesseis anos e só tinha a minha tia, então eu era a linda do pai e a linda dos tios não é? Então assim, o meu avô que não é meu avô paterno, consanguíneo, mas

meu avô de consideração tinha uma relojoaria, então eu era uma Oxunzinha, porque me vestia de anel, era pulseira, era tornozeleira, tudo! Eu ganhei um brinco de coração com ouro branco e ouro amarelo, então tinha muito assim, muitos incentivos. Ficava em casa e ficava arrumadinha; ficava de meia calça, toda arrumada, penteada, meu pai mandava trançar meu cabelo, com a minha prima que é trançadeira, que usa técnicas de trança já há muito tempo. Hoje ela não trabalha mais com isso, mas, quando a Alcione chegou ao Brasil ela já trabalhava com essas coisas. Então vivi essas duas referências: meu pai e minha avó. Minha avó viveu até os meus seis anos, mais marcou muito, porque ela era a pessoa que eu ia pro centro sabe? E isso teve uma influência na minha infância muito positiva. Teve um período na minha adolescência que eu fui evangélica, mais eu não conseguia discriminar, apesar de ser incentivada pra isso no discurso protestante, pentecostal no caso, no neo-pentecostalismo brasileiro. Tive essa vivência, e pela minha mãe e pelo meu pai eu não teria. Porque a minha mãe, apesar de ter vários problemas que eu vejo que não só físicos são espirituais, ela nunca quis ir para a religião e o meu pai assumiu o catolicismo, era devoto de N. Senhora. Assim, eu ia com a minha avó que era muito importante, minha avó materna... Que não era muito carinhosa. Lembro que ela fugiu no dia que não podia ir criança. Ela freqüentava umbanda e eu adorava ir, e eu perguntava: - Vai pro centro vó? Ia às festas e quando chegava em casa imitava como ela dançou (...). Tem a morte do meu pai que é um... Tem a morte da minha avó, minha avó morreu eu tinha seis, só que eu não tinha essa coisa social da morte não é? Do sofrimento, minha avó tava morta e eu só não queria beijar a minha avó porque ela tava gelada e tem essa coisa social que você tem que chorar não é? Que é bem européia, não é? (...) Daí no outro ano, eu fiquei doente o ano inteiro. Fiquei no hospital, foi quando eu tive as paradas respiratórias e aí viram que o problema era espiritual e aí minha avó paterna começou a fazer vários trabalhos, e meu pai se desesperou e falou: - Eu troco a minha vida por você e no outro ano, antes de eu fazer oito ele morreu.

Ele vivia falando isso, que trocaria a vida, então assim eu tive uma infância com muito carinho, uma mãe e um pai que me davam muitas coisas. Uma mãe que eu dormia com ela, contava história, um irmão também, mas que meio que sacaneava, porque contava aquelas histórias boi da cara preta, e falava: pega boi! Tem uma relação que meu irmão é mais velho do que eu sete anos de diferença e nasci muito... Porque assim, minha mãe só teve os filhos que ela quis, minha mãe fez aborto, minha mãe é favorável ao aborto, o primeiro filho foi aborto natural, o terceiro filho ele fez aborto, ela disse: - meu filho tem um ano e meio, não vou ter outro filho! Eu só a quarta filha, então assim, eu nasci por que meu irmão pediu muito um irmão porque não queria ser sozinho, mas por que ela quis, porque se ela não quisesse eu não nasceria, mas meio que desestimulada, porque dos três filhos todos eram homens, e assim, ela nunca quis ter filhos, quando veio ela abraçou, amou, mas realmente, foi um filho que deu muitos problemas. Era uma questão de sensibilidade, meu irmão deu muito trabalho, ele só não violentou ninguém, não usou drogas e não se matou, porque tudo que um homem negro pode fazer pra se mal suceder ele fez. E essa é a imagem que eu tenho da minha mãe, aquela mulher que correu muito atrás pra tirar o filho das piores encrencas e que tem muito amor, que pelos filhos faz tudo, essa é a minha mãe. Então, nasci muito porque o meu irmão queria e meu pai nunca foi favorável ao aborto, friso isso, porque era muito católico, mais a minha mãe era. Aí ela fala, se você quiser abortar, eu não vou falar pra você abortar, porque eu sei que tem conseqüências no corpo e eu acho que você já tá numa idade que pode assumir um filho, mas não sou contra o aborto, isso é uma decisão sua. Minha mãe tem essa perspectiva.

Então assim, foi uma infância... eu não gostava muito de ir à escola no início, por que é aquilo não é? Quando eu fiz a minha monografia eu sempre ouvia a mesma fala, dentro de casa a gente é tratada que nem uma princesa, chega na escola é outra coisa. Em casa eu era a linda do pai, sabe? Aí eu estudei em escola particular, até metade de alfabetização, da alfa, aí eu era muito boba, as crianças pegavam a minha merenda. Tinha a questão do racismo, apesar que tinham amiguinhos meus de infância que não me tratavam com racismo, mas me passavam a perna, comiam minha merenda toda. Eu odiava estudar em escola particular que eu tinha que carregar comida e a comida embolava na merendeira, eu odiava.

Quando eu fui pra escola pública foi minha realização porque lá tinha merenda e eu não tinha que carregar comida. Mas, eu estudava numa escola pública que era dentro de uma comunidade que era recente que é a do Cantagalo em Niterói, e eu morava em Pendotiba Badu. Nasci lá, sou criada lá, desde os dois meses de idade, hoje eu não moro mais no Badu. Mas era um terreno que minha avó comprou e deu uma parte para cada um dos filhos fazer a casa. Minha mãe morava na parte da frente, fui criada numa casa grande, dividi quarto com meu irmão até os quatro anos, depois eu tive meu quarto, sempre tive brinquedos, o que te falei sobre a alimentação... Eu fui saber... sei lá! Carne, na universidade, numa crise econômica muito grande na minha família, porque eu sempre tive carne, sempre teve frango, sempre tive fruta; o pão era bisnaguinha, não era francês porque agente não gostava de pão que ficasse duro. Sempre teve bolo. Uma amiga minha, a Glaucia, fala que eu me pensava como classe média. Olhava pro outro e outro não tem. Eu nunca passei fome, não tenho aquela história... “Ah! Eu tenho vários irmãos e de manhã só tinha arroz e feijão...” Não... Eu tinha leite, nunca gostei de leite, mas bebia, tinha frutas, eu gosto de frisar porque é sempre aquela imagem de que o negro é criado sem nada, os meus pais passaram por isso de ter que ir à moita e pegar cana, mais eu e meu irmão, a gente teve essa possibilidade, de ter brinquedo. Marco também a questão de nunca ter tido agressividade, eu posso contar nos dedos as vezes que minha mãe me bateu, meu pai me bateu uma vez com uma varinha, porque eu chamei ele de cachaceiro e bebum, porque eu era uma criança muito abusada, aí ele me bateu e eu fiquei de mal uma semana. Isso foi num domingo, aí na sexta-feira próxima ele me trouxe um sorvete, adorava sorvete, apesar de não poder comer por causa da bronquite, aí me trouxe um pote de sorvete, aí eu ficava de bem, então era assim não é, muito mimada mesmo, apesar que esse mimo me fez mal (...)Fui criada assim, na infância brinquei muito, brincava no quintal o que é muito positivo, por que eu já morei em apartamento e é um tanto estranho, e você ser criada em quintal parece até que sua imaginação vai mais longe. Pegava minhas bonecas e colocava no carrinho, saía andando pelo quintal, brinquei mesmo, até os treze anos e quando eu tinha treze anos as minhas amigas todas já estavam “ficando”, e eu não queria ficar, pois achava aquilo muito agressivo. Ah! Agora você tem que beijar na boca e largar suas bonecas, e eu adorava brincar de boneca, adorava andar de bicicleta na rua, apesar que eu não era uma criança que brincava muito na rua, sempre brincava no quintal, e eu adorava brincar no quintal, não gostava de subir em árvore, não pulava em rio, sempre fui medrosa, mais brincava muito.

Me lembro que não gostava de ir à escola no início, depois é que me tornei estudiosa. Mais no início eu não gostava, principalmente na escola municipal (...). Eu saio da escola particular, e assim, eu saio não porque meus pais não tinham condições de

pagar, mas, porque minha mãe tinha medo do meu pai perder o emprego e perder o consórcio, porque a gente tinha direito de estudar em escola particular até o ensino médio, aí eu fui pra essa escola municipal e como eu era uma criança negra que era diferente, porque eu tinha pai e mãe, não passava fome, minha mãe não era alcoólatra, meu pai bebia só final de semana, mais já causava conflito, mas não era bêbado todo dia. Já os meus amiguinhos de escola não, quando não eram negros eram nordestinos, brancos que são extremamente problemáticos, quando eram negros, um perdeu a mão... a mãe era alcoólatra, a mãe colocava o livro errado, então assim, eu era discriminada, existia uma ofensa racista porque eu era uma criança diferente naquele contexto, por que eu era uma criança que não estava igualada ali, aí assim eu era muito boba, nunca vi os meus pais transando, e como tinha crianças que moravam em um cômodo, via os pais transando e já se sexualisava logo e como eu era doente, eu lembro muito da história do meu santo, essa coisa dele ser discriminado por ele ter as chagas no corpo e eu fui muito discriminada porque eu vivia doente sabe? Aí eu fico assim, até aonde isso é racismo e até aonde isso não tem a ver com o mito do meu santo? Porque eu era muito discriminada porque eu ficava doente.

Eu lembro assim de uma menina negra que era sarará, ela tinha muito ódio de mim por eu ter essa construção familiar, e uma outra menina branca que me chamava de café e não sei mais o que, aí um dia, eu tinha dez anos, eu cansei, eu lembro assim, uma coisa que marca também eu não podia colocar química no cabelo, só podia trançar porque meu pai era contra, e pra mulher dele não, pra minha mãe ele achava que ela tinha que usar cinta e tinha que alisar o cabelo, mas a filha dele não, a filha dele só podia alisar o cabelo naquele momento ritual dos quinze anos, que vai fazer a festa, então assim, minha prima que era trançadeira chegava lá em casa ele falava: - Trança o cabelo de Luane! Mas eu acho isso estranho, é uma coisa que causa conflito...de trançar o cabelo...Vai fazer aniversário, trança o cabelo dela, aí uma tia minha vinha e trançava, e eu sempre tive aniversário, só que aí eu saía na rua com as trancinhas, meu cabelo era grande, ia até o ombro assim, sem química, aí eu saía com eles com pai e com mãe e as crianças na rua me chamava de meduza, aí eles não falavam nada, ficavam quietos, aí eu chegava em casa chorando, aí eu falava: - Poxa fulana, ou então eu ia buscar um pão na rua, aí eu falava pra minha mãe que me chamaram de meduza, aí ela falava, pra deixar pra lá. Não tinha intervenção contra o racismo, aí a minha mãe falava: - Ah minha filha! Você é linda, mais ninguém contava uma história positiva sobre a meduza, então eu ia interiorizando aquilo. Então assim, nunca tiveram intervenção, minha mãe sempre me trançou, sempre me fez penteados afros e eu hoje falo com ela, e eu trabalhei isso até na monografia, que é essa questão, não de pentear o cabelo, que ela sempre soube pentear, nunca foi doloroso, ela sempre penteava das pontas pra raiz e não da raiz para as pontas... Mas assim as falas: - Ai Luane você nunca vai poder ter franjinhas, seu cabelo é duro! Filha, seu cabelo não é bom. Ela achava que estava construindo a minha identidade. E hoje eu vou questionar isso com ela, mais ela não ver erro nisso, ela é uma mulher negra que usa dreads, e quando vou questionar ela diz que não tinha informação, que isso tem a ver com o estudo da pessoa. De certa forma sim, se ela tivesse no movimento negro também, ela não precisava ter estudo pra saber que não ia me construir bem.

Mas assim, quando eu fui pra escola, fico nessa escola, que era a escola Cantagalo, e depois, quando eu estava na 8ª série o tráfico fechou, a comunidade cresceu muito. Então (...) sempre fui muito discriminada pelas crianças porque era doente, porque eu

era negra, as crianças brancas tinham raiva, porque no dia que tinha que levar boneca, eu tinha Barbie, e a minha Barbie não era falsificada, eu ia lá e levava, elas ficavam revoltadas, então assim, sempre queriam me discriminar, era discriminada também pelos meninos, às vezes as pessoas acham que a sexualização das crianças começou agora, mais não é verdade, porque na minha época em 1992 já tinha começado, eu tinha amiguinhas de treze anos que usavam sainhas, beijavam na boca e transando. E com treze anos, eu era bobona, vivia com o mundo nas nuvens, desenhando e não sei o que, eu tava fora desse circuito, eu tava nessa escola, fiz, alfa, eu já entrei sabendo ler, mas continuei na Alfa, fiz a alfa até a quarta série, fiquei até os dez anos, eu lembro assim que até os sete anos eu não gostava de estudar, eu odiava ir pra escola, eu odiava ir pra creche, que eu fui pra creche com dois anos, eu odiava estudar, eu odiava. E revendo hoje foi por causa do racismo. Ficar sendo xingada, humilhada, sendo maltratada só por que eu era negra, eu lembro que lendo o livro da Neusa Santos, lendo a história da Luiza que ela quer fazer medicina, que analisa como uma forma de se limpar também, eu também queria ser médica. Eu lembro que assim, eu tinha uma coisa dos 6 anos de idade, quando eu ficava sozinha em casa, enquanto meu irmão ainda não tinha chegado da escola, eu ficava de frente pro espelho me tocando assim com a mãe e me perguntando por que eu tinha nascido naquele corpo. Eu tinha seis anos sabe, olha como já estava o processo do racismo, com seis anos eu não ia pra casa da minha avó e ai minha tia ligava pro telefone do serviço da minha mãe (que naquela época telefone era difícil não é) e perguntava: - E aí Claudía, a Luane não vai não? Telefone só chega a partir dos anos dois mil pra cá, e ai minha tia perguntava: Não vai vir aqui não? Não Babi! Ah já sei! Luane não é? Então, eu não saía por causa do cabelo. E meus pais não se ligavam. Poxa! A gente tem que fazer alguma intervenção, olha como é que a nossa filha tá ficando! Porque essa coisa do racismo como a gente estuda na academia e na militância, não esta para todos os negros sabe, acha que vai botar uma roupa e dizer que a filha é linda, dar os brinquedos, que a ela vai ser bem construída. E tanto é que minha percebe que isso não é fato, por que outro dia a gente estava conversando sobre outra pessoa, daí ela falou assim: - É... não é? Tem que trabalhar muito a auto-estima da mulher negra, pra ela não ficar caindo nesses casamentos que nem fulana. Por que pelo que eu percebo que você fala das suas amigas, todas elas são muito mal construídas, e são mal construídas justamente pela autoestima, então ela fica com essas análises, mais assim nunca reconhece a criação que ela me deu, sabe? Que é muito engraçado. Assim, com nove ou dez, anos, pra imitar o meu irmão, para competir com ele(...)queria ter a letra bonita como a dele, porque tem essa questão do gênero, meu irmão, homem, não precisa ter a letra bonita, meu irmão tem, porque a minha mãe batia na mão dele e arrancava a folha e colocava os dois pra reescrever os deveres pra ter a letra bonita pra não ter a letra igual a dela, aí eu queria imitar o meu irmão, daí eu comecei a estudar, mais por causa do foco no irmão mais velho, porque a escola em si e as relações de amizade, eu sempre ficava pra trás, aquilo me revoltava muito, porque assim eu sempre fui muito falante, mas eu passei a falar mais na oitava série, eu não falava muito, eu era aquela garota tímida que era discriminada e ficava muda. Passei muito tempo assim, eu só falava na aula de história, adorava aula de história, geografia eu falava um pouco, e sempre fui boa aluna nessas áreas.

Teve um momento assim, acaba que a gente conta a nossa história muito pela educação, na escola eu fui representante de turma, fui aluna destaque nos dois semestres, naquele ano eu fui aluna boa de matemática, e eu lembro que quando eu estava na sexta série que foi no ano de 1996, eu passava química no cabelo, que meu

pai morre uma semana antes que ia fazer oito anos, no dia dois de fevereiro e eu ia fazer aniversário dia nove, e eu não entendia a morte do meu pai e eu quis por que quis que minha mãe fizesse bolo, e meu irmão: _ Luane, nosso pai morreu! E eu e daí? Agente tava na casa da minha avó é meu aniversário, aí minha mãe falou: _ Ai D. Lurdes, não sei o que eu faço com ela; D. Lurdes é minha avó. Aí ela falou: _ Não Clau, não deixa de fazer o bolo dela, senão ela vai aguardar, aí foi, minha mãe fez o bolo chorando, meu primo foi e colocou as bolas, meu irmão foi na padaria e comprou a vela e eles batendo parabéns e eu, gente canta, canta! Aí meu irmão chorando... Essa é uma cena que eu tenho muito forte, porque como meu pai vinha do percurso do serviço, ele foi assaltado, aí de novo a merda do racismo, sempre tem que falar que ele foi assaltado e não que foi um assalto, porque se não fica um sentido ambíguo e se entende que ele era assaltante. É uma ferida que nunca se acaba, se eu falar que é um assalto, que é uma pessoa branca, será que as pessoas não vão entender que no assalto aquela pessoa foi assaltada? Quando é pra falar do meu pai e subentende-se que ele é negro, eu tenho que falar que ele foi assaltado, aí eu já tenho que passivar o verbo, que ele foi assaltado e ele reagiu ao assalto, e era engraçado que ele era um cara muito calmo, mas ele falava que nunca ia aceitar ser assaltado e ele faleceu, e é muito interessante porque ele chegava sempre naquele horário assim de quatro horas do serviço, ele era metalúrgico da Gerdau e já tinha assim, faltava pouco tempo pra ele se aposentar, acho que em 5 anos ele se aposentava, por que ele trabalhava desde novinho, desde aos quatorze anos, morreu, super cedo, trinta e seis anos sabe? Meu pai era um homem negro assim muito preto sabe? Retinto, às vezes ele tava capinando o quintal, o sol batia assim e você via a pele brilhando. A aparência também que ele tinha um espírito muito jovial e aí assim, eu lembro que a gente estava esperando ele chegar, eu tava em casa porque eu estava recém saída do hospital, acho que tinha uns dois meses, e aí agente escutou o portão bater e a minha mãe falou: _ Leandro, olha lá que seu pai já deve ter chegado! Aí meu irmão foi, saiu do quarto e foi olhar, e viu que ele ainda não tinha chegado aí depois chegou o amigo dele e disse que tinha acontecido um acidente. Aí, na mesma hora, eu nem tinha ouvido que tinha acontecido um acidente, o clima ficou tão pesado, mas eu já sabia que meu pai tinha morrido, aí saiu minha mãe e meu irmão e pegou os documentos e foram só que com a esperança de que ele ainda estivesse vivo. Só que ele tomou um único tiro de uma bala chamada “Dundu”, aí a bala pegou na barriga e subiu, foi pro pulmão e chegou até o coração, e ele faleceu assim, eu lembro que eu fiquei em casa com a minha tia, minha mãe e meu irmão chegaram de noite, eu lembro que eu estava lá e que eu fiquei rezando, como eu tinha passado aquele ano todo no hospital, tinha ganhando do meu tio uma coleção cristã de Alice no Mundo da Bíblia, aí eu fiquei rezando o “Pai nosso”, e eu fiquei rezando a tarde inteira, aí quando foi pela manhã, minha mãe foi preparar o café, meu irmão ficou muito revoltado, porque ele brincava com meu pai, meu irmão roubava as cuecas do meu pai, meu pai era um pai muito presente. E isso é muito fundamental, as vezes quando eu penso na minha construção e daí meu irmão levantou revoltado, e a minha mãe falou: _ A Luane, eu tenho uma coisa pra te contar minha filha, seu pai morreu, aí eu falei: _ A mãe eu já sei, eu já sei, eu já sabia que meu pai tinha morrido, eu já tinha sentido. E eu lembro que assim, agente falava que o “anjo da guarda” de papai chegou antes, por que o portão bateu que nem quando ele batia o portão. E eu lembro assim, eu não consegui ficar triste, a ficha que que ele morreu só caiu quando eu tinha dez anos, ele morreu no dia dois e enterrou no dia três, aí eu quis bolo no dia nove, aí meu irmão: _ Você não entende que nosso pai morreu? E eu lembro que no enterro, meu irmão sempre foi assim, tipo seu filho, é mais ou menos a mesma altura, só que meu irmão é gordinho. Meu irmão chorava, ele tava com uma camisa branca, “a

camisa tava com isso aqui tudo só de lágrimas” sabe? E como meu pai foi enterrado nesses cemitérios tipo “Parque da Paz”, eu achava que era um parque e eu queria brincar sabe? E meu irmão chorava tanto, muito, muito mesmo. É uma coisa que mexia tanto com ele que a gente nunca pode ter uma foto em casa do meu pai, porque ele via a foto e começava a chorar, ele nunca aceitou. Se a minha mãe fosse fazer pernil, que eles comiam juntos, ele começava a chorar, foi uma coisa que marcou muito a minha vida, porque foi uma coisa que desestruturou toda a família. Foi uma coisa muito forte, porque se você vê como um casal se pensa e aí quando não tá mais assim, desestrutura sabe? Porque eles não brigaram, porque quando eles brigavam, brigavam mais continuavam juntos, mais aí com a morte dele, não tem mais como voltar não é? E aí é uma mulher negra pra criar dois filhos, uma de sete e outro de quatorze. E meu irmão tá extremamente revoltado, aí tem essa coisa que, (calma aí... deixa eu voltar, porque na história tem essa coisa assim não é? de vai e volta...), tem essa coisa assim de não poder alisar o cabelo, porque na 6º série, porque quando ele morre, com oito pra nove anos, eu não podia alisar o cabelo e então eu fui fazer permanente afro, e mesmo fazendo permanente afro, o cabelo ficava assim tipo o seu, continuava volumoso, com esses cachos que dá ver, porque eu penso que todo cabelo crespo tem cachos, só que tem cachos que dá ver e os que não dá pra ver, e o meu ficava assim, “armadão”, e eu lembro que ia pra escola, eu era “zuada”, não sei o que! Aí, parei de fazer o permanente, fiz até os dez anos, aí parei de fazer, fui pro amaciamento, porque o permanente queimava minha cabeça toda, porque com a morte do meu pai, foi permitido alisar, minha mãe começou a usar pasta, e aí ela descobre, de fato, que salário ele recebia, porque ela dizia que recebia dois salários e com a morte dele, ela descobre que ele recebia entre nove e dez salários. Então assim, ela descobriu que não precisava nem trabalhar, que ela podia ficar em casa só pra cuidar dos filhos. Ele dava dois salários em casa e gastava o resto na rua, o salário dele dava pra comprar terreno, mais, ele já pegou aquela penúria dos metalúrgicos, mais ele pegou aquela ascensão também. E hoje é interessante, porque minha mãe com o Governo Collor, minha mãe demorou nove meses pra receber a pensão, pegou aquela “onda verde” e entrou naquele plano de redução, hoje a pensão dela foi reduzida a quase um salário mínimo, ela já entrou na justiça várias vezes, porque se fosse realmente revisto, ela receberia entre nove e dez salários, mais nunca pegam o ano da morte dele. E assim, ela vai e descobre isso, e daí ficou um tempo em casa, ficou só fazendo bico, faxina, lavando roupa, aí fico em casa e disse – ah... Vou cuidar de mim. E disse: _ Ah Luane! Eu quero colocar pasta em seu cabelo. Eu por mim, ela só usava trançado mesmo, porque por mim, eu só colocava química com quinze, eu tinha esse pensamento. Quando eu tinha doze anos, eu fazia relaxamento, só que meu cabelo não abaixava do jeito que eu queria e não balançava, ficava aquele todo com buraco aqui atrás na nuca e a cabelo todo quebrado, era um horror. E eu lembro que na época, era em 1996, a Taís Araújo tinha estreado como Chica da Silva, e os meninos da escola cantava: - Ah! Lá vem a Chica da Silva! Meu cabelo tava na altura do da Taís Araújo e os garotos da escola ficavam cantando Chica da Silva, eu me sentia extremamente ofendida. Eu era negra, gordinha, com o cabelo duro não é? E ficavam sempre cantando, então por mais que eu tirasse as notas altas, por mais que eu fosse representante de turma, eu sempre tinha que conviver com as brincadeiras racistas do contexto escolar, e isso foi sempre! Sempre!

Na oitava série, eu começo a me emancipar, eu começo a responder contra o racismo e como eu era melhor aluna da escola praticamente, era eu e uns brancos, porque, era eu, um amigo que hoje é bibliotecário da UFF, negro também e o resto dos melhores

alunos eram os brancos, porque os negros, dentro das condições sociais que a gente conhece, não eram. E aí os outros professores olhavam pra mim e diziam: _ Agente olha pra você e percebe que você vai ser alguém não é? _ Você é diferente não é? E eu lembro que quando eu tinha catorze, minha mãe foi operar, e nem acho que foi muito aquela política de tirar tudo da mulher negra, minha mãe estava há muito tempo com mioma e os miomas dela não tinham jeito, e mesmo ela tomando remédios, não ia reduzir. Era aquele mioma mesmo que tinha que tirar, não é aquele mioma mesmo que desce. E naquela época, eu entrei em crise, fiquei chorando muito, porque eu fiquei pensando, poxa, eu já não tinha pai e pensei que iria ficar sem mãe. E meu irmão só aprontando, nem se ligou que minha mãe iria operar. E eu lembro assim, como meu pai morreu com sete, minha mãe só arrumou um companheiro quando eu tinha treze pra quatorze, porque ela sempre teve medo de violência sexual, por ter quase sido violentado na infância, quando eu tinha quatorze anos minha mãe arrumou um cara, depois que o meu quarto tinha porta e tudo, porque ela dizia que não iria colocar homem dentro de casa com a filha dela ainda pequena, para depois ela chorar. Eu lembro que esse namorado da minha mãe era muito comilão, e eu tava aprendendo a cozinhar, eu lembro que minha mãe fez muita comida e deixou no freezer e o infeliz comeu tudo, ela ficou quase uma semana no hospital e o infeliz comeu tudo, e eu tava aprendendo a cozinhar, para ela não cozinhar e quanto mais eu cozinha, mais o cara comia, e aquilo me irritava profundamente, e eu naquela lerdeza de quem tá aprendendo a cozinhar, o cara comia tudo, e eu era empregada dele. O que marca nessa história é que eu fiquei com muito medo dela morrer e eu ficar órfã. Minha avó veio e ficou uma semana com agente lá em casa e meu irmão não tava nem aí. E eu fiquei desesperada, chorava muito. Eu lembro que nessa época eu estava começando a emagrecer, minha mãe me colocou na ginástica pra eu não ficar gorda, porque segundo ela, toda menina gorda é infeliz, diz que é feliz, aí vai para as lojas americanas e se empanturrava de doces. Dizia que não levou nove meses gerando uma filha pra ter filha gorda com cara de infeliz como eu tinha. Me botou na ginástica pra malhar e malhei até os dezessete anos pra ter corpo e não devia ter saído que ia definir tudo. Até hoje ela fala, volta pra ginástica. Eu lembro que cheguei na escola muito triste, muito triste mesmo, eu estava chorando, quando a professora me perguntou o que tava acontecendo e eu disse que era por causa da minha mãe ela disse pra eu ficar lá fora um pouco e uma amiga minha me deu uma força. Ai os meus colegas diziam o que eu estava fazendo lá, se eu estava com medo da minha mãe morrer, tinha que esta no hospital, perguntavam o que eu estava fazendo na escola, diziam que eu tinha que ficar com minha mãe no hospital, porque eu já não tinha pai.

É... Com nível de crueldade. Ai meu professor de Educação Física, se achando muito interdisciplinar, veja bem, eu com catorze anos nunca tinha beijado na boca, só fui beijar na boca com quinze anos e eu não saía de casa. Eu não queria fazer a aula e o professor chegou pra mim e perguntou: _ O que foi Luane, ontem o carinha no baile funck te deu um fora? Eu nunca tinha ido ao baile funck, só tinha ido a duas festinhas perto de casa e eu nem gostava muito. Ai eu respondi: _ Professor, eu não vou a baile funck, eu ouço Gal Costa, eu ouço Luiz Melodia, meu irmão pode ir a baile funck, mais eu não vou não! Eu fiquei chocada. _ Ontem o cara te deu um fora lá no túnel? Ai eu fiquei olhando pra ele, porque na minha época, os funks tinha a questão do corredor, que era a questão da porradaria, mais eu lembro que tinha muita música romântica, era o auge de Claudinho e Bochecha, MC Marcinho, MC Cacau, mas, eu não ia a baile funck, meus coleguinhas iam, e tudo mundo cantava as músicas. Mas ele se achando aquele relacionado com as questões sócias, porque ele era um ex-bancário, cansado de

ser funcionário público, ele era funcionário público do banco do Brasil, e cansado disso foi dar aula de Educação Física, coitado dele, ganha mal, setecentos reais, podendo ganhar dois mil pra ficar batendo no computador, foi ser professor de educação física. Ele achava que aquilo era o auge da questão social e falou isso pra mim. Eu falei pra ele, eu ouço Gal Costa, Tim Maia, meu pai ouvia Tim Maia, e fiquei olhando pra cara dele, tipo, professor eu não estou entendendo. Porque eu era muito nova, eu morava em Pendotiba e tinha medo de ir fazer inglês no centro, em Niterói, como assim eu ia a baile funk? Então, eu tinha muito medo de perder minha mãe, porque essas coisas assim da escola marcam muito agente. Quando você faz algumas idades, quando você é uma mulher negra, não é permitido você ser menina, é uma coisa que eu converso muito com a Nalui, você já é sexualizada, é colocada numa fase adulta que você não vivencia, eu não podia gostar de outra coisa? Desde criança eu queria fazer balé, minha mãe correu tudo lá porque eu queria fazer balé, mais não tinha lá perto e ela ia gastar muito dinheiro de passagem, por isso que eu não fiz. Eu não podia gostar de outra coisa, tocar piano, por exemplo, eu não to fazendo uma crítica ao funk em si, mas é muito difícil, eu não podia gostar dessas coisas consideradas mais clássicas? Ai tem aquela coisa da igreja, eu odiava a igreja católica, eu fui obrigada a fazer catequese, porque eu não podia morrer pagã. Apesar de a minha família ser mais voltada pra umbanda, todo mundo ia à igreja católica, e eu odiava ir pra lá, minha família apesar de ir à umbanda, alguns eram iniciados no Candomblé e voltavam pra Umbanda. Na igreja evangélica era mais interessante, na igreja católica eu faltava muito a catequese, quando eu ia pra missa, ficava brincando no pátio da escola de pique alto, porque eu odiava ir pra igreja, eu achava um saco. E eu lembro que quando eu fui me confessar, eu menti pro padre, eu não falava nada, só disse que a menina tinha me chamado de macaca na escola e eu bati nela. Mentira, eu nunca tinha batido em ninguém por causa do racismo. Tinha uma menina na escola, que eu descobri que ela tinha uma condição pior do que a minha e que vivia me chamando de café, então eu virei pra ela e disse: _ É... eu posso ser da cor do café, mas pelo menos eu tenho uma casa pra morar, e você que é filha do caseiro, que não tem nem casa, eu nunca usei uma questão de raça, usei sim uma questão econômica. Eu me livre, mas enfim... E com catorze anos, eu não podia ser uma menina, tinha sempre que já tá pensando em engravidar, por eu ser uma mulher negra, eu não podia ser menina. Com quatorze anos eu pensava em ser médica.

Eu ia pra igreja evangélica por que lá tinha música, mais eu tinha muita dificuldade de acreditar, e eu ficava me perguntando: _ Será que historicamente Jesus Cristo existiu mesmo? E eu mais por causa das amizades, lá tinha muitos jovens e lá tinha aquele discurso da aceitação, entre aspas, te aceita... com cabelo alisado, falando que você é ser humano e não porque você é negro. Então assim, eu era uma menina que ia pra igreja sabe? Como que um cara falava que eu tava chorando por causa de um garoto, era tão tímida, que podia até tá chorando por causa de um garoto, podia até tá chorando, mas era por causa da minha mãe. E eu fiquei assim olhando pra cara dele e ele dizendo: _ Tudo bem cara, quando você quiser falar... A escola realmente, foi um ambiente me travou em vários sentidos. E muito da minha aptidão que me levou a fazer Ciências Sociais, embora eu tenha sido representante de turma, eu nunca fui do grêmio, mais eu gostava muito de geografia, história e questões políticas, e odiava aquelas aulas de educação artes, não aflorou nada em mim, aflorou mesmo aquela coisa do discurso, por isso que eu fui fazer Ciências Sociais. Eu sempre gostei muito de desenhar, mais na escola eu fiquei tão amargurada, que eu parei de desenhar sabe. Desenhei até os dezenove e depois parei, só voltei a desenhar depois que eu tava no Movimento Negro. E hoje eu também parei, não é mais uma paixão. Então tem essas

coisas, assim que eu passei na vida escolar, e também aconteceram umas coisas horrorosas na igreja. E tem questões familiares, por que minha mãe sempre ajudou todo mundo, e todo mundo sempre se aproveitou disso, e ela literalmente se “fudeu”, porque assim, minha mãe tem esquizofrenia, e minha avó morreu em 1991 e meu pai morreu em 1992. Minha mãe surtou, e com a morte do meu pai, ela começou a fazer arroz com açúcar, e meu pai deixou um seguro alto, e assim ela pegou o dinheiro e colocou numa conta, e eu tenho um tio que é um tremendo bandido e dizia pra minha mãe: _ Olha só Claudete, você pega esse dinheiro e compra um apartamento no centro de Caxias e eu vou morando lá e vou pagando o condomínio morou lá por quase dois anos e não pagou nada ai a prefeitura tomou e tinha uma dívida enorme que ela não conseguia pagar quando ela foi pedir ajuda a minha tia, que ela sempre ajudou, foi uma tia que foi muito violentada pelo marido, que fugiu pra cidade e minha mãe praticamente custeou toda a festa de quinze anos da minha prima com a pensão que o meu pai tinha deixado. E essa tia disse que minha mãe não podia brigar com o Cleber porque ela ganhava bem, e minha mãe brigou com a família toda, e ficou sozinha com dois filhos pra criar. E meu irmão dava muito trabalho e minha família nunca apoio. E tinha outra questão também, minha avó não criou meu pai nem meu tio mais velho. Deixou eles no interior e disse que a família não deixou ela trazer eles, e minha avó casa de novo e tem mais cinco filhos e quando meu pai chega na família com treze anos, era aquela discriminação, porque meus tios são todos mais claros, eu tenho um tio que é bem sarará. E minha avó falava que eles eram filhos de um casamento que ela não queria lembrar e meu pai sempre falou pra minha mãe que ela não gostava dele e ele sempre disse as coisas na cara. E minha mãe não conseguia acreditar e com a morte do meu pai, minha mãe viu isso, porque assim, minha avó nunca perguntou se agente tinha pão em casa pra comer, o meu tio que fez isso, morreu um ano e meio depois com da morte do pai porque ele tinha câncer. Porque o resto, nunca perguntou como ela tava fazendo com dois filhos pra sobreviver, por que a pensão levou nove meses pra sair e ninguém perguntava como ela tava fazendo para viver com uma família que vivia dando golpes nela. Então não teve essa união familiar, muita vezes eu já me peguei com inveja de que tem essa união familiar. Por que eu nunca vi isso na minha família sabe, eu vi um passando a perna no outro mesmo, e meu irmão é a família da minha mãe em pessoa, foi um ótimo irmão, mas é bem canalhinha mesmo sabe?

Eu lembro que meu irmão deu muito trabalho, de fazer dívida com agiota, de querer fazer festa. E como a gente não tinha essa figura paterna, eu lembro que minha mãe queria dividir tudo comigo porque eu era muito madura, e como eu era crente, eu queria ser madura. Com treze anos, ela não dividia isso com o namorado dela, ela queria dividir comigo e com essa questão da doença e desses golpes que são vários e aqui eu só contei esse porque aqui não dá tempo de eu contar tudo, ela quase matou a minha tia, ela ia dar com a cabeça na pedra e ela percebe que surtou e vai buscar tratamento, porque aí ela começa a ver que ela tinha a doença desde pequena. E minha avó nunca levou ela no médico, pra evitar que ela ficasse internada igual se fazia antigamente, então minha avó sempre evitava contar pra ela uma notícia ruim, e também não buscou tratamento porque ela queria que minha mãe tivesse uma vida normal. E ela sempre controlava as coisas lá de casa, do tipo, não larga seu marido não, porque meu pai, sempre levantava a filha, mais com minha mãe era aquele tratamento machista, sempre fugia de casa, traía, não batia mais em compensação... e papo dele levar doença pra dentro de casa, ele pegou gonorréia, porque essa coisa de trair, mas vou usar camisinha, isso é atual, ele dizia que pegou doença lá no trabalho, quando ele começou, os metalúrgicos, não tinha nem banheiro ainda, as necessidades eram feitas

em um buraco, e ela acreditava, e chegando na casa da minha avó, ela dizia pra ela: _ Claudia, isso não existe, ele transou com alguém pra tá com gonorréia! Essa coisa assim de gênero, de querer ajudar todo mundo, só pode ser por causa da doença. Ela sempre se “ferrou”, por que ao mesmo tempo em que ela ajudava toda a minha família, ela ajudava também todos os vizinhos. Financiava as coisas pros vizinhos, mais se fosse alguma coisa pra ela, ninguém financiava. Então essa troca não existia e os amigos que ela tinha faleceram, hoje praticamente minha mãe só tem a mim, meu irmão mora aqui na Penha e não quer nem saber se a mãe dele é doente, quem sabe tudo sobre a doença, o laudo sou eu. Minha vida foi assim, eu não queria crescer, não quis crescer rápido, eu achava que não podia beijar na boca se não eu ia engravidar igual a Daniele, Daniela é uma prima minha emprestada que engravidou quando tinha quinze anos. E minha mãe sempre dizia que eu podia beijar na boca que não engravidava. Falava que pra engravidar tinha que fazer sexo, mais eu tinha muito esse medo. Então assim, eu era muito tímida, apesar de que assim quando tinha algumas brincadeiras no quintal eu liderava mais eu era muito pra dentro, devido às humilhações que passava na escola mesmo.

Ai assim, morei em Niterói até os dezoito anos, estudei na escola de quinta até oitava série, que foi o Paulo Assis Ribeiro, depois eu fui pro Liceu. No Liceu acho que foi o que abriu mesmo os olhos pra questão racial, eu tinha uma professora negra de história, mas ela não tocava na questão racial e dois professores brancos tipo, uma de História e um de Biologia, o de Biologia chegava e dava o livro de política pra gente e falava: _ ah, vocês tem que ler sobre o Governo Collor e dizia, o Brasil é um país racista, onde nos presídios só tem preto e pobre, a professora de História dizia que eu era uma boa aluna em História, porque no Liceu eu continuo sendo uma boa aluna em História, durante muito tempo em minha vida eu achei que faria faculdade de história, mais como meu irmão começou a fazer faculdade de história, eu disse que não queria isso pra mim, disse que não queria esse método de estudar, eu nem sabia o que era o método. Eu lembro que essa professora falava que os excluídos só iriam chegar há algum lugar através da educação, e os excluídos sempre foram os negros e os brancos pobres, mais os negros sempre foram a maioria, ai num dado momento, eu ficava me questionando porque no Brasil não tinha movimento negro, eu achava que não tinha movimento negro no Brasil. Mas, meu irmão era do Movimento Negro, na parte Cultural, porque ele fazia festa, uma festa chamada “Dobow Rasta” uma festa que todo mundo se fantasiava, ele ia naqueles encontros que tinha da Revista Raça Brasil, trazia os vídeos e falava assim: Tá vendo esse cara aí, ele é economista e historiador, olha só o que ele vai falar sobre o negro. O primeiro contato que eu tive com os Racionais MC's, foi com treze anos, em 1997 e meu irmão foi à São Paulo e dizia: _ Ouve aí essa música, olha só ela tá falando sobre agente. E ninguém conhecia os Racionais aqui no Rio. E eu ficava pensando, poxa, se tivesse movimento negro no Brasil, eu ia poder dizer que as coisas que eu passava era racismo, eu sabia que as coisas que eu passava era racismo, era meio essa coisa da invisibilidade, eu sabia que era racismo, mas eu não tinha discurso. E Niterói era uma cidade horrorosa, porque no Rio de Janeiro se o cara vai ali na Lapa, ele vê escrito FEBARJ, Fundação Palmares, se você vai à Madureira... Agora, e em Niterói, eu só fui descobrir algumas coisas do Movimento Negro agora com vinte e cinco anos, a dois anos atrás. Niterói é uma cidade horrorosa, eu descobri que tem um bairro de negros agora, que é o Bairro Caramujo, que antes era chamado de Colônia dos Escravos, eu vou lá fazer trança, mas não tem essa questão da militância a florada, e eu fico pensando que se eu tivesse estudado na UFF eu seria uma dessas mulheres negras exóticas, porque eu não tinha construção de nada, de

identidade nenhuma, eu precisava chegar a universidade, eu precisava chegar a uma universidade com cotas raciais que nem a UERJ, tinha toda aquela polêmica, porque eu precisava costurar toda essa história, porque era tudo assim fragmentado, porque eu acredito que assim, a identidade você se alinha, e eu não tinha isso, da forma que eu tenho hoje. Vivia naquela cidade e assim, no Liceu tinha um centro de línguas, ainda era evangélica, mais tava saindo da igreja, porque era engraçado que na igreja tinha aquele discurso assim, que, a faculdade te faz mal e que lá você só faz perversidade. E meu irmão falou assim: _ Ó você tá na igreja, mais você quer estudar não quer? Então, você não vai agüentar você vai sair da igreja, porque quando você chegar à faculdade você não vai agüentar aquele bossau falando que não é pra você estudar e que a faculdade te faz mal, tudo isso vai mudar e ele me dava umas “porradas” que me faziam balançar, e repensar muitas coisas, você não vai agüentar ficar e realmente, não consegui ficar, fiquei até os dezessete anos, mais com dezoito já estava “ralando o pé”. Voltando a história do Liceu, eu cheguei lá com quinze anos, lá tinha um centro de línguas, era uma escola tradicional de Niterói, meu irmão estudou lá, quando eu cheguei lá, a escola tinha cento e cinquenta anos, Roberto Marinho estudou lá, todas as escolas do Rio de Janeiro estavam decaindo, lá o ensino era bom, tinha professores que tinham mestrado, apesar de o professor ser de Biologia, ele falava, lê esse livro aqui que falava sobre o Governo Collor, e apesar de não receber mais a mesma verba do Estado, ainda era uma escola de Referência, e eu tinha uma colega que fazia inglês lá desde os doze anos, e lembro que eu não fui fazer inglês porque eu tinha medo de ir pro centro de Niterói sozinha, e assim ela falou pra eu entrar no curso de inglês que era o Celema, você vai gostar, eu “to” na turma B4, que era o quarto período, ela já fazia há dois anos, e assim, eu fui falar com minha mãe, porque tudo o que eu fazia, eu falava com minha mãe, e isso assim, desde os treze anos e pergunta. E minha mãe, como já tava tratando dessa questão da pensão, ela já tava trabalhando muito e já tinha voltado a trabalhar porque ela tinha ficado afastada por um ou dois anos, porque os livros do Liceu eram os mesmos usados nas escolas particulares caras de Niterói, então custava uma fortuna. Então ela me disse que só dava pra eu fazer o curso e a ginástica, não iria mais pra boate ou sair pra outro lugar. Eu falava pros professores que eu queria fazer, francês, espanhol e italiano e os professores olhavam pra minha cara e perguntavam por que eu queria fazer tanta coisa assim e eu dizia que queria ser diplomata, eu tinha umas viagens assim. A professora me olhava de cima abaixo e eu nem aí, eu achava que podia ser diplomata, médica, umas coisas assim. Ela ficava olhando assim tipo, nossa tudo isso, essa não é a realidade do negro, fazer várias línguas. Depois de dois anos eu fui fazer curso de espanhol também, a professora me perguntava como eu conseguia fazer curso de línguas e eu lembro que tinha umas mulheres brancas que me perguntavam como eu conseguia pagar, eu respondia que era porque minha mãe trabalhava. Eu lembro que cheguei lá com vários sapatos que minha mãe tinha comprado pra mim e me perguntaram em que minha mãe trabalhava pra conseguir me dar tantas coisas, eu respondi que ela era empregada doméstica, na época, não conseguia fazer a relação que ela era empregada doméstica que não eu não podia fazer curso de línguas e por isso podia comprar vários sapatos. Tinha essas coisas no curso e quando você não faz certo filtro, você não consegue perceber o grau da discriminação não é?

Eu tive que sair de Niterói, porque minha mãe teve que tirar meu irmão de casa, porque nessas festas que ele fazia, um cara queria passar drogas dentro da festa, aí o que o “asno” me pega e manda os seguranças botar pra fora e dar uma surra no cara. O “cara foi parar no hospital e quando sai, vira gerente da “boca” do Comando Vermelho”, ele

não pediu desculpas, ele achava que não tava errado, porque o cara queria passar cocaína daí o que o cara faz, vou pegar aquele maluco que mandou me bater, aí minha mãe tirou meu irmão de casa, eu tinha dezessete anos. Botou ele na casa da minha avó e minha mãe é muito apegada aos filhos, aí agente tava brigando muito dentro do quintal com a minha tia, aí fomos morar fora, em S. Gonçalo para ficar perto do meu irmão. Só que ele tava devendo a vários agiotas e ela começa a vender várias casas que ela construiu ao longo da vida pra poder pagar dívidas do meu irmão, desesperada pra ele não ir preso, sabe, que agiota manda matar. Aí ele volta a morar com agente, com dezoito anos, entrei no pré vestibular e só aí comecei a sair e a fazer coisas que eu reprimi a minha adolescência inteira, mas sem identidade racial nenhuma, aí eu lembro que no último momento eu não tinha condições de passar no vestibular, porque eu tava estudando de qualquer jeito, eu só queria saber de sair, porque sempre reprimida, passando por vários problemas que esse irmão trazia, minha mãe sempre surtando, mesmo com a agressão da minha tia quando ela foi fazer o tratamento, ela tinha uma agressividade a flor da pele. Engraçado que ela sempre soube dessa agressividade e ela nunca bateu na gente, porque ela sabia que era agressiva demais e que podia ferir os filhos dela. Então ela sempre educou na política do não bater. Eu apanhei umas três vezes ao longo da adolescência toda, só quando estava muito rebeldezinha, no caso de perder o respeito mesmo. Eu sabia que não tinha condições de passar no vestibular, só queria saber de sair. era socióloga e estava num encanto, perguntei o que era sociologia e ela me respondeu, não entendi direito, mais eu sabia que queria alguma coisa entre a geografia e a história, daí eu falei que queria ser socióloga, eu lembro que minha mãe mandava estender a Minha mãe falou pra eu colocar as opções de enfermagem, farmácia e por último a opção de ciências sociais, essa coisa que não tem emprego, bem que minha mãe me avisou, porque minha mãe sempre foi aquela empregada que prestava atenção nas conversas dos patrões e levava o que tinha de bom das conversas dos patrões pra dentro de casa. Uma vez ela perguntou a patroa dela o que ela fez pra ganhar tão bem e ela respondeu que fazia faculdade, então ela respondeu que os filhos dela iriam fazer faculdade também. Iriam ganhar bem e não iam ter que arriscar a vida, iriam trabalhar no ar condicionado, esse era o discurso dela. Mais eu conheci uma ex-namorada do meu irmão que roupa e dizia não, porque eu seria uma socióloga. A namorada do meu irmão fazia na UNICAMP e estudava questões étnico-raciais, me explicou um pouco e eu disse que iria pra UNICAMP, minha mãe até me deu o dinheiro pra eu fazer o vestibular da UNICAMP. Então eu não escutei a minha mãe, não botei enfermagem nem farmácia, em todas eu coloquei ciências sociais, ela surtou, comecei a fazer os vestibulares e indo sempre mal. E no último momento me surge no vestibular da UERJ o tal do SAD pra implementação das cotas de cinquenta por cento das vagas pra escolas públicas e para negros, e meu irmão sempre antenado com as questões raciais, disse: - Luane, você não vai mais fazer o vestibular da Estadual da UERJ não?: Eu lembro que eu tinha tirado B e C na primeira e segunda fase. Daí eu disse que eu ia colocar pra geografia, então ele disse, não coloca pra ciências sociais que é o que você quer, e coloca aqui que é cotas pra negro, então eu perguntei porque estava colocando aquilo, ele disse, não importa, tão colocando aqui uma vaga pra gente e você não tem que questionar, parece que vai ter uma bolsa também, você vai querer essa bolsa também. Eu lembro que foi em novembro e quando eu fui fazer eu tirei uma nota boa. Mais aconteceu o seguinte: eu tenho problemas de atenção muito grande, e o tema da redação era pra falar sobre o defeito... Não prestei atenção que era pra falar mal sobre os defeitos, levei dois na redação, aquela nota foi tão baixa, que eu só entrei na reclassificação, fora os erros de concordância e de coesão, porque eu lembro que na sexta série eu fiquei noventa dias sem aula de português, o português da escola é um

horror e por mais que minha mãe cobrasse, é até onde ela estudou. Meu irmão quando fez vestibular, minha mãe teve que colocar ele numa aula de redação também. Agente sabe que tem um déficit, eu entrei por cotas, mas tem muita coisa que eu corro atrás até hoje. Embora eu tenha passado, tomei muito pau na faculdade por causa disso. Por não ter tido acesso a uma boa educação e por mais que eu tenha estudado numa escola que era referência em Niterói, eu não tive uma boa educação, e eu sei que vou ter que correr atrás a vida inteira, porque quando eu cheguei na faculdade, já tinha passado um bonde inteiro. Não passei de cara no vestibular, e fiquei em segundo lugar na reclassificação, as notas saíram no dia do meu aniversário, ela disse que se eu não passasse no vestibular eu iria trabalhar no mercado “Jereizinho”, as meninas que trabalhavam lá, só tinham meninas negras, obvio, elas tinham que ser caixa e ainda limpar o mercado. Minha mãe disse: - Você não acha que eu to pagando pré vestibular, inglês e espanhol, e ainda informática pra você ir pra shows não é Luane? Se não passar no vestibular, vai trabalhar no supermercado. Quando ela falou isso eu entrei em desespero, eu era uma menina que saia de manhã pro pré pra não ter que limpar o cocô do meu cachorro, meu irmão que fazia minha cama, não fazia nada em casa, dai me bateu um desespero e eu comecei a estudar igual a uma condenada. Ai chega o dia da reclassificação, e ela disse que Marlene, que era sindical, disse que tinha reservado uma vaga pra mim lá no “Jereizinho”, aí eu disse pra ela que mercado não era muita humilhação. Nesse período, a UERJ entrou em greve e eu fiquei enrolando ela, então quando saiu a reclassificação eu fui chamada. Nesse período, entra tanta coisa que saia na televisão sobre a política de cotas, parecia aqueles filmes americanos sobre a “Kurklus Klan”. Aí eu falei pro meu irmão que eu não queria ir sozinha, queria que ele fosse comigo pra fazer a inscrição, então ele dizia que na sala dele só tinha ele de negro e que na geografia, só tinha a Fabrícia. Eu falei pro Leandro ir comigo por que eu tava com muito medo. Tinha medo de apanhar, eu comecei a faculdade com quatro matérias, porque eu passei na UERJ do Rio e não tinha dinheiro pra passagem, nem sabia dos esquemas pra colocar carteirinha falsa, usar uniforme, e eu tava com muito medo, porque do jeito que passava na televisão aquela revolta das pessoas, parecia que eu tava roubando a vaga deles, eu tinha muito medo mesmo de apanhar, devido aos discursos que a TV passava, eu tinha muito medo mesmo. Eu nunca vou esquecer isso, que eu tinha um medo mesmo de ser agredida pelo o que a TV passava. O que mais me chocou foi aquela competição entre dos alunos dentro de sala de aula, minha mãe já tinha dito que isso iria acontecer, eu estudava segunda, quarta e sexta, e no primeiro dia de aula, eu me choquei com as pessoas querendo aparecer mais do que os outros, aparecer pro professor, falar mais do que outras pessoas, de onde eu vim não tinha isso, essa competição, eu nossa, as pessoas competem tanto, isso foi a primeira coisa que me chocou, a segunda foi porque nós da classe média, nós da classe média, eu olhei assim e disse, que eu não era da classe média, ali eu já tinha uma noção do que era classe média. Outra coisa, era também na aula de ciências políticas, era que então gente, esse discurso aqui do Locke, é igual aquela música do Chico Buarque, daí eu perguntava que música, ah tá, quem é Chico Buarque? Esse eu não conheço não, ai todo mundo a é, Chico Buarque, daí falava, esse eu não ouço não, ouço Gonzaguinha e Tim Maia. Aquilo assim eu não me sentia dentro, e aí assim, se eu tivesse estudado em outra universidade eu seria exótica, por que quando eu entrei na universidade eu comecei a usar interlace, porque eu tive desespero com vários processos com o meu cabelo. Minha mãe pegou empréstimo pra colocar interlace no meu cabelo, quando eu tava no terceiro ano do segundo grau, eu disse que não iria mais pra escola se tivesse que ir com meu cabelo, de tanta crise que eu tinha com o meu cabelo. Quando minha mãe disse que eu não iria mais botar aquilo no meu cabelo, eu passei a usar trancinhas, meu

cabelo tava com química, por que eu já tinha usado química duas vezes no cabelo aquela semana, e comecei a usar trancinhas com química. Mais eu podia usar trancinhas, eu fazia ciências sociais mesmo, eu podia fumar maconha, usar saia cigana e transar livre, esse era o meu pensamento. Essa imagem eu aprendi no pré vestibular, engraçado que eu levei sete anos pra me formar, não fumei maconha, não transei livre, não transei com brancos, só transei com homens negros e dá pra contar nos dedos, gente, eu transei com vinte e dois anos e só porque eu tava cansada de ser virgem, até porque, do jeito que eu era eu perderia a virgindade hoje nesse nível, ainda tinha um irmão que tava preocupado, que eu ter namorados e engravidar, ele saiu de casa eu tava com dezessete anos e voltou eu tava com dezenove, todo dia ele dizia que teve um sonho de que eu tava grávida e eu pegava o cara e espancava ele aqui na grade do prédio e ele saía de cadeiras de rodas, porque imagina, você grávida e fazendo pré vestibular, era um horror. De qualquer maneira, foi bom porque eu não engravidei, mas era bem repressor. E daí eu tomei um choque sabe, porque uma coisa que me chocou muito foi a hipocrisia acadêmica, foi que numa aula, tinha acabado de acontecer a morte daquela menina Gabriela, aqui na Tijuca, aí a professora foi comentar.. não porque agente nunca espera que isso fosse acontecer no asfalto, na baixada, a gente nunca espera, ela usou essas palavras mesmo, porque se fosse acontecer na Rocinha, uma menina 14 anos morrer, seria mais ou menos comum, porque os nosso os olhos estão acostumado, ai levantei e falei, mais professora, no baile funck final de semana, eu falei um número que talvez estatisticamente nem exista, eu falei, morrem cento e cinquenta jovens de comunidade e ninguém fica chocado, ninguém tem que ficar chocado com a morte da Gabriela não. Então ela falou que a Gabriela era do asfalto, e na periferia sempre morrem gente mesmo. Aquilo pra mim foi um marcador, eu lembrei vários primos que foram envolvidos com o tráfico e que morreram, eu fiquei assim, por que naquele momento, eu entendi como se ela tivesse falando que a sua morte é diferente da minha, a sua morte não tem valor, a minha tem. Isso foi no meio do período, e no final do período ela disse que era favorável a política de cotas, mais eu não acreditei muito, porque uma pessoa que diz que é normal os jovens negros da periferia morrem muito, não pode ser favorável a essa política, ela disse que era favorável porque os negros já sofreram muito e que não tinha se posicionado na época da polêmica porque não tinha lido muito e que não gostava de se posicionar sem embasamento teórico. Eu me choquei muito com a dinâmica acadêmica nesse sentido, mais é que talvez eu ache que são falas num contexto onde se tem muitas pessoas favoráveis você tem que dizer que sim, mais se fosse em outro contexto e tivesse que votar, você ia dizer que não, eu entendo que é esse mecanismo. Muitos professores entrando em sala de aula e dizendo que o nível dos alunos caiu muito e eu lembro que e a professora era péssima, sempre reprovava muito, mais sempre tinha que justificar nas cotas. Eu lembro que no início, a turma era misturada, na segunda turma de 2004, era bem dividido, eram os pobres de um lado e classe média da zona sul de outro, não existia uma interação de fato, na turma de 2004 eram os pobres sentados de um lado e os ricos da zona sul de outro. Na minha turma era mais misturado, os pobres e os ricos e você vê um cara que estuda com você no segundo período, entrar num carro de cento e cinquenta mil reais, porque você num primeiro momento entrar por ações afirmativas, não diz muito, se você tem uma identidade racial toda fragmentada. Eu lembro de agente correndo atrás de bolsa, até o Hugo me perguntou porque eu só ia três vezes na semana, eu disse que minha mãe não tinha dinheiro pra pagar a passagem, e naquela época a passagem era muito cara, eu não sabia daquele negócio de usar uniforme falso, do lance da carteirinha, minha mãe disse pra eu estudar uns dois anos, que era as economias que ela tinha, depois eu iria ter que trabalhar. Depois eu não usei

uniforme falso, me escrevi num curso profissionalizante da FAETEC e comecei a usar a carteirinha, então comecei a ir mais à faculdade, e daí Já sobrou dinheiro pra Xerox e nós começamos a correr atrás da bolsa, ai já começou aquela militância, até sair às bolsas, tinha uma união entre os alunos, depois que sai a bolsa, se dissipa, não tem mais aquela integração, aluno branco pobre não fala mais com aluno pobre preto, acabou aquela união, porque aí, qualquer um pode dizer que entrou na universidade por qualquer vaga que não a de cotas, o negro é que ficou marcado como cotista. E assim eu comecei a relativizar tudo, questionar as coisas.

Quando eu entro na universidade, eu entro com aquele cabelinho trançado, e então eu percebo que na minha sala tem muitos brancos, e eles usavam muito o cabelo grande, eu tava com meu cabelo curto e tava começando a crescer, eu sou uma pessoa muito vaidosa e mesmo tentando usar um estilo hippie, eu era muito vaidosa mesmo, eu refazia minhas tranças três vezes por semana, e todo mundo perguntava, quem trançava meu cabelo e dizia que era eu mesmo, porque eu tava aprendendo a trançar, então minha mãe falou que tava legal e que era pra eu continuar trançando mesmo meu cabelo. E eu tive um incentivo muito forte da família pra voltar a usar. E eu ficava olhando o Malcon com aquele cabelo Black Power, que era da filosofia e ficava pensando: - Meu deus, que homem lindo é esse? E é uma coisa muito interessante que quando eu tinha quatorze anos eu olhando meu cabelo e me perguntava: _ Será que dava pra eu usar meu cabelo igual aquele pessoal da década de setenta. Quando eu tinha quatorze anos, eu queria ser modelo porque eu era muito magrinha, minha mãe me colocou num curso de manequim e modelo pra eu ter mais postura, mais não deu muito certo. Pra aprender a comer com garfo e faca, apreender usar salto... enfim e aí conversou com a mãe de uma amiguinha minha, pra filha vir falar comigo, mais na verdade ela já tinha visto tudo. E assim, era muito interessante antropológicamente, porque eu lembro que o professor era um travesti e tudo era excessivamente, os modos femininos excessivos, ele dava palmadinhas na gente pra agente aprender a sentar direito, ter postura, e eu tenho uma amiguinha que falava na infância que: _ Luane, agente é negra Luane, nunca vamos conseguir ser modelo, já viu modelo preta? E eu falava: _ dá sim, olha, eu sou alta, é só perder mais cinco quilos que dá sim, é só ficar com quarenta e cinco quilos que eu posso ser modelo. E ela dizia, então tenta, ela tinha mais pé no chão. Eu lembro que olhava a revista Raça e via as modelos com os cabelos mais afros, e minha mãe dizia que não dava pra eu usar o cabelo Black Power, porque segundo ela, os cachos tinham que ser mais soltos ou então passar uma quimicazinha de leve. E eu lembro que chegando eu vou estudar Antropologia e aprender os primeiros conceitos e tem uma professora que eu gosto muito que a Claudia Rezende, ela dava os textinhos mais o beabá completo, dava pra entender tudo, porque antropologia é bem difícil, sociologia já é dado que é difícil, mais as pessoas falam que antropologia é fácil, mais na verdade não é mesmo e eu comecei a estudar e a questionar por que os homens brancos da minha turma usavam sempre cabelos grandes e eu sempre com o cabelo trançado.

Eu lembro que quando eu usei nagô a primeira vez, eu usei por influência de uma tia minha, eu fui ao show do Luiz Melodia e fiz nagô até a metade da cabeça e o resto eu deixei solto. Eu lembro que quando eu tirei o interlace, eu resolvi que iria deixar de usar química por um tempo, resolvi que iria tirar a química aos poucos que eu mesma tinha passado e decidi que não ia passar química durante um tempo, e quando eu tirava as tranças, eu percebia que meu cabelo ficava bonito, eu gostava do jeito que ele

ficava, ele ficava muito cheio, e era engraçado, porque quando eu tirei o interlace eu não conseguia me olhar no espelho, eu lembro que uma vez eu deixei meu cabelo solto e uma vizinha disse: _ nossa essa menina tem cabelo pra caramba, se ela passar química vai ficar lindo! E eu me incomodei com aquilo e ficava pensando. Minha mãe fazia coquinho e eu gostava, e uma vez, eu disse que queria soltar meu cabelo e comecei a andar com o pessoal da filosofia que usava o cabelo solto, o Malcon e o Samora, comecei a ter contato com pessoas que usavam dreads, e eu não via isso em Niterói, e pensei, porque o cabelo pra mim, as vezes ele vem primeiro do que a minha cor de pele, ele é o primeiro agente pra ser discriminada, não era discriminada por causa do formato da minha boca e do meu nariz, então assim, eu era discriminada por causa da minha cor de pele e por causa do meu cabelo. O cabelo era a grande dor que eu carregava, porque eu ouvia piada por causa do meu cabelo e por causa da minha cor de pele. Eu lembro que eu comecei a me incomodar de ter que usar meu cabelo preso, eu um belo dia eu pensei: _ Vou usar meu cabelo solto, tinha cortado toda a parte com química e disse que iria usar ele solto e minha mãe disse que eu tava louca, minha mãe também oprimida, trabalhou a vida inteira em casa de família, e hoje ela fala: _ agora eu posso usar dreads, porque não preciso mais trabalhar, como eu ia usar dreads trabalhando na casa daquelas mulheres nojentas? E naquele dia eu coloquei uma faixa e fui pra faculdade, esse foi um dos meus primeiros processos de libertação, eu fui pra faculdade e quando cheguei à sala todo mundo olhou, e foi engraçado, porque em 2003 na UERJ eu lembro que já tinha uma menina que usava Black Power na filosofia, mais ela usava porque era totalmente hippie, eu era hippie mais não conseguia me juntar com aquela galera, que nem na escola, eu queria fazer teatro mais não gostava das coisas que acontecia no teatro, e eu sentei na sala, e uns garotos brancos vieram falar: _ Ih, você virou parente do Malcon?, você tá fumando maconha? Nesse nível, eu virei e falei: _ Não Jorge, você não pode usar seu cabelo grande, não pode usar o seu solto, então, porque eu não posso usar meu cabelo do jeito que ele é? Daí quando acabou a aula, eu fui pro corredor, mais fiquei me sentindo oprimida, nisso veio o Malcon e disse: _ Nossa, você tá bonita, eu senti um alívio, parecia que era o meu pai falando quando eu acabava de fazer trança. Então ele me perguntou se eu sabia o que era garfo e eu disse que sim perguntei se não era aquele negócio que se usava antigamente e ele disse que sim e que ia trazer um pra mim, eu fiquei meio assim, porque nem tinha muita amizade com o Malcon, e ele me perguntou por que eu estava usando meu cabelo assim, eu disse que era porque eu tava me sentindo sufocada e que não queria mais usar trança. Nisso a gente já tava escrito nos espaços afirmados e lógico que entrou a questão do interesse, porque chegou um homem bonito e disse que eu tava bonita com o meu cabelo, essa foi a primeira costura, chegou a Helen e disse assim: _ Pô, seu cabelo tá maneiro, eu gostaria de ter coragem de usar, e nisso eu volto pra aula mais fortificada, e nesse dia eu fui pra sala dos espaços afirmados, que era um projeto que tinha na UERJ, voltado pra negros e cotas de escola pública que pegava mais o pessoal da área de humanas, nesse dia, a sala estava fechado, não tinha aberto, e quem eu encontro? Marcio André, ele olhou pra mim e falou: _ Ai poxa, tá com o cabelo bonito! Porque você tá com o cabelo assim? Eu disse: _ eu to me sentindo sufocada com ele preso e ele disse: _ Você tá muito bonita! E me perguntou se eu conhecia a Neuza Santos, e eu disse: _ A atriz? Ele disse: _ Não ela é uma autora. Então eu perguntei: _ Quando você vai me trazer o livro? Ele disse: _ Amanhã, o nome do livro é “Tornar-se Negro”. Nesse período eu agüentei o cabelo solto só um dia, no segundo dia eu já cheguei em casa desesperada e falei pra minha mãe fazer nagô na frente. E nesse prédio que agente morava, tinha uma amiga da minha mãe que era mãe de santo, e falava pra eu tirar aquele cabelo, que parecia uma peruca. _ O negro tem que usar seu

cabelo do jeito que é, ou você solta ele ou usa uma química, na rua todo mundo me pergunta se teu cabelo é peruca. Eu lembro que quando o Márcio me deu o livro, eu fui operar porque eu nasci com má formação do seio da face, e da arcada dentária também e eu fui operar e comecei a ler o livro e eu falo que aquele livro, foi fundamental pra eu entender muita coisa, me entender enquanto mulher negra, de vivência e eu comecei a perceber que muita coisa que havia me sufocado era racismo, e eu fiquei parada uns seis meses naquele livro, eu fiquei parada nele porque ele me deu um choque pra entender muitas coisas, eu fui ler outros, mais aquele foi fundamental e eu fui ler a história da Luiza, e eu lembrei que com seis anos eu tocava o meu corpo e me perguntava por que eu tinha nascido naquele corpo, porque meu espírito tava aprisionado, com aquela cor, e eu comecei a compreender o que era o racismo e como ele nos faz mal e não nos deixa experimentar uma vivência. E eu voltei pra aula e levei pra entregar a ele e ele disse que eu poderia ficar mais duas semanas lendo, porque não é um livro que se você chega novinho numa universidade, você vai ler com facilidade e eu não compreendi a teoria dele todo, o que eu me ative, foi a teoria fácil dele explicando o racismo, e eu me ative mais aos relatos, aquela coisa do ego, do id e do superego eu não domino, tô começando a ver isso na psicologia agora. Nesse momento, eu tava querendo ser atriz, que foi uma coisa que a escola me cerceou e meu irmão falou, ah você quer ser atriz, e eu queria, mais eu queria ser a exótica e não a engraçada, e meu irmão começou a comprar vários ingressos, aquele “teatro para todo mundo”, aquelas coisas que tem no Rio de Janeiro, aí agente foi ver a peça do Miguel Falabela, no teatro da Gávea, e aí, agente entrou no teatro da Gávea num Domingo a tarde e a peça tinha saído muito cara, porque aquele “teatro para todos” a peça custava dez reais e aquela tinha saído quarenta reais por pessoa, e meu irmão disse: _ Não vamos, você não quer ser atriz, então? Eu sempre gostei muito de teatro, desde pequena eu ia no teatro, minha mãe sempre deixava um dinheiro pra gente ir ao teatro, quando entramos no teatro da Gávea, sumariamente branco, e eu lembro que eu fui no banheiro, e todo mundo olhando pra gente, e meu irmão contou: _ um dois, três eu e você cinco. E eu disse: _ cinco o quê? Ele disse: _ cinco negros, olha como todo mundo fica olhando, eles devem estar pensando, no mínimo foram pretos que entraram na faculdade. E agente sentia a repressão no olhar, e ele falava: _ Puxa, não tô entendendo! Você tá maquiada, tá de salto, não tô entendendo porque fica todo mundo olhando. Mais essa coisa da fala nunca foi muito minha, era mais dele, de chegar aos espaços e de ficar se sentindo incomodado e de ficar questionando. Tanto que uma vez quando ele entrou no Liceu ele quase foi expulso, porque uma professora disse que chamar um negro de macaco não era racismo, então ele disse que iria chamá-la de prostituta que não seria preconceito, aí deu a maior bafafá, ele foi parar na diretoria. Ele disse – ah se eu sou macaco, a senhora é uma puta, uma piranha. Ee deu a maior confusão. Quando agente chegou em casa, agente tava sufocados, puxa, fomos pro teatro da Gávea assistir Miguel Falabela com aquelas falas racistas, o próprio Miguel olhava assim e chamou um negro pro palco e o cara nem era brasileiro, era de Angola. Só o cara, eu e meu irmão e mais outro casal, só tinha 5 negros pra assistir a peça dele. E eu disse pra minha mãe que nunca mais voltaria a Gávea. Porque minha família sempre teve aqueles momentos de reflexão sobre o racismo e de enfrenta-lo. E minha disse: _ Não, você vai sim enquanto você tiver dinheiro e enquanto você tiver oportunidade, você vai sim, por que se quando eu fosse nova, quando eu trabalhava em casa de família e saía do trabalho e ia tomar água de coco na praia de Copacabana, e as pessoas olhavam pra mim e diziam que não era pra eu tá ali, e eu ficava com aquilo introjado (não com essas palavras tá?) e deixava de ir, descobri que era só porque eu era preta, eu não tinha deixado de ir e tinha aproveitado mais o meu lazer, então, vocês

não estão estudando, vocês vão sim, porque todas as vezes que vocês quiserem ir, vão sim, todas as vezes que vocês tiverem dinheiro, vocês vão. Então eu pensei: _ Quero militar no Movimento Negro! Já tinha conhecido o M.N. da UERJ, já tinha conhecido a EDUCAFRO, os primeiros coletivos Norte americano e o Márcio André já tinha me dado vários livros, já tinha um contato com a Helen, porque nessa época eu tinha uma relação de amizade com ela, mais depois que eu morei com ela que eu não tenho mais, conflitos domésticos. E eu falei com ela, que queria entrar no Movimento Negro, eu e meu irmão fomos domingo no teatro da Gávea e nós éramos os únicos negros, e agente se sentiu super mal, e eu to pensando essa questão do negro... e ela disse: _ Ah! O único cara que eu conheço que é militante do Movimento Negro é o Paulo. E eu perguntei? _ O Paulo que é meu orientador lá no LPP? E isso foi muito interessante, e eu fui conversar com o Pauloo. E eu disse pra ele:_ Não porque eu fui no teatro da Gávea com meu irmão e nós éramos os únicos negros e quando eu vou teatro em Niterói não é assim, e minha mãe disse que eu tenho que fazer alguma coisa pelo nosso povo e que quando eu ganhar dinheiro (eu achando que ia ganhar dinheiro com as ciências sócias...), e eu quero ser militante, e o Paulo me perguntou o que era Movimento Negro, e o Paulo fez uma fala que a ficha só foi cair em 2006. E o Paulo disse: _ eu posso até te levar lá no CONEI, mais você é uma mulher negra, e o CONEI era o Coletivo de Negros do IFCS da UFRJ, mas, lá é um coletivo misto e eu acho que você poderia ir lá ao Criola que é uma ONG de mulheres negras, porque ser mulher negra tem coisas específicas. E eu disse: _ Ah, qualquer coletivo serve. Ele disse que tava bom então. Agente pode ir, eu quero começar logo e nesse momento eu encontro o Henrique, e ele sempre tava lá observando agente, ia almoçar naquele Restaurante Popular de um real e ele tinha me visto de cabelo solto e o Henrique começou a falar que meu cabelo tava bonito, eu tinha dezenove anos, e ele falou também de uma Associação de Estudantes Negros e eu totalmente alienada da minha condição de mulher negra na sociedade brasileira e ele falava de racismo, de eugenia e eu não entendia nada. E então eu fui lá no CONEI e lá eu conheci a Bruna do enegrecer que tinha vindo fazer um evento, eu conheci o André, a Elaine, o Léo Bento, e eu nossa! E ele começou a falar: _ e aí irmã? Tá gostando, e eu toda boba, falando das coisas que eu fazia, e eles falando, sua mãe é doméstica, fica cuidando dos filhos das brancas enquanto você passou sua infância em casa sozinha. E eu toda boba, pensando: agora eu tô no Movimento Negro. E assim eu começo a sair da opressão. Então eu operei, fiquei um tempo em casa, aí voltei e começamos a militar e porque a reitoria que entrou na UERJ em 2003 não era favorável as Cotas e em 2004 também não, porque a Nilcéia fala hoje que é favorável, mais foi preciso um monte de mãe-de-santo encher o “saco” dela pra ela se ver não é? E pra ela conseguir esse cargo que ela tem hoje. E assim, eu vou pro COPENE, com a boca fechada, porque eu tinha operado, e em 2003, teve a tentativa de greve, mais em 2004, teve uma greve imensa e eu volto pra terminar as aulas do segundo período e agente vai fazendo vários atos porque queriam derrubar as cotas, não traziam as bolsas, fazendo comissão, e aí eu começo a militar no Movimento Negro, mais nunca no sentido da minha condição de mulher, partindo de um ponto do racismo como um todo, sem olhar pra minha condição de mulher negra, sem olhar pra minhas especificidades. E nós fundamos o Coletivo de Estudantes Negros do Rio de Janeiro – CENEGUE, que era misto, de homens e mulheres e de várias universidades. Tinha meninas que falava da questão das mulheres negras, mais minha ficha não tinha caído ainda e como tinha o CEDEM, como era um coletivo diverso, que as cabeças acabavam sendo o Henrique, o Paulo e o Márcio, as reuniões aconteciam quando eles queriam, era pra montar o ato, o Paulo tava no mestrado, o Márcio no mestrado, então as reuniões não rolavam. E eu vou pro COPENE, mais

ainda flutuando, eu lembro que o CENEGUE mesmo só durou um ano e quando eu vou fazer Pensamento Social Brasileiro, eu já sabia um montão de teorias, porque eu tinha aprendido no Movimento Negro. Mas, a minha ficha de mulher negra ainda não tinha caído, mais eu já tava comum incômodo e em 2005 eu começo a estagiar com você, e eu já estava com esse incômodo que era igual ao incômodo do racismo, mais eu não sabia identificar, veja bem, o CENEGUE já tinha se esfacelado, e os caras, até a discussão acerca das mulheres negras estavam muito avançadas, até em relação ao DENEGRIR, mais eram os homens que estavam no controle. Agente já tinha uma questão que era uma chapa de estudantes negros se inscreverem pra concorrer ao DEC da UERJ, porque o DCE da UERJ tava fechado, e nisso o Pedro em e muda pra UERJ, o CENEGUE e queria montar uma chapa, e eu não queria, estava com medo, não queria participar de uma coisa que tem homem, eu tava assim sabe. Mas eu fui e nós montamos uma chapa, e tinha a Luciene, a Lu, que foi sua estagiária, que sacava muito e começou a trazer algumas coisas, eu lembro assim porque, eu não sei se é uma questão da juventude, se é uma coisa espiritual, mais, qualquer coisa eu brigava, tudo eu queria da minha maneira, tinha um ódio, queria jogar pra fora todo o racismo que eu tinha passado, eu tinha muito ódio mesmo, tudo era os brancos, e que foi bom, porque agente tem que jogar esse engasgo pra fora mesmo, eu tava com vinte e um anos. E foi bom jogar pra fora, porque agora agente olha pro passado, eu tenho umas amigas, que estão com a idade que eu tenho agora, vinte e oito anos e entram no DENEGRIR e querem jogar esse engasgo fora agora, sabe? Ai eu falava assim, porque eu era igual você quando eu tinha vinte e um, e elas dizem: _ Ah Luane, tudo você quer ser a “foda”! E eu digo: _ Não na verdade, eu não quero ser a foda, eu só tenho a vivência de militar no Movimento Negro, eu tô nesse negócio de Movimento Negro Universitário há algum tempo, já passei por essa fase e por isso, consigo compreender toda essa especificidade que estudar numa UERJ tem. Eu lembro que agente monta aquela chapa, e agente passa de sala em sala, e a Luciene tem uma voz ótima porque com aquela voz mansa, ela vai falando tudo que quer. Eu lembro que a UERJ na época mudou até a política dela, limpou aquelas falas que tinha nos banheiros do nono andar que era: “fora judeus, negros e os homossexuais”, eu tive um professor de sociologia que implementou o discurso da chapa “Avançar” na sala de aula, sobe a questão do banheiro ser pichado. Mas, esse professor em especial que era o Maurício Burapo, que era único que falava sobre racismo, que existia mesmo e que tinha que existir movimento negro, e eu acho que ele só fava isso porque ele era árabe, eu tive aula com ele em duas turmas seguidas, e eu lembro que teve um dia que ele quis elogiar um penteado que eu fiz, eu acho que ele sabia tanto da questão da mulher negra que ele chegou assim: _ Eu quero te falar um negócio, cheio de dedos e com medo, sei lá, acho que ele tinha medo de que eu pensasse que era uma cantada, a ele disse: _ Luane, mais olha só, é só um elogio, eu acho muito bonito quando você faz esses penteados. Mas realmente se repensando a posição dele sabe. E foi o único, e era muito bom, quando eu pensei em fazer a monografia o cara já tinha se aposentado, mais foi o único. Era um professor muito bom, dava aulas diferenciadas, explicava a origem das coisas pra depois explicar a teoria em si, o contexto histórico, ele até colocou o discurso da chapa em sala de aula, e foi um momento importante, porque eu lembro que os partidos que estavam na universidade, PSTU e outros partidos que estão nessa universidade, não defendiam a política de cotas e ai eles vão pegar aqueles negros que ficam nos partidos entregando papel, e colocam pra falar em sala de aula, eu lembro que quando agente entrava em sala de aula pra falar, todo mundo questionava se era uma chapa do movimento negro, e agente porque: _ Uma chapa só de negros não pode ser de alunos, tem que ser do movimento negro? E agente respondia que não, era uma chapa de

alunos negros. Isso me marcou muito, e da chapa que agente fundou, agente queria fundar, já não existia mais o CENEGUE, e eu lembro que antes da chapa, agente queria fundar um coletivo só de negros e negras da UERJ, a chapa em si, tinha trinta e sete pessoas, que assinaram o papel, e agente dizia que não dava pra ficar só o CENEGUE, porque a UERJ tinha questões que agente tinha que acompanhar, depois que agente ganhou um cargo e aí, faz, reuniões, reuniões, e falamos: _ Vamos fundar o DENEGRIR, demoramos um tempo pra escolher um nome, porque eles deram um cargo pra gente e agente lutou muito, porque os partidos políticos queriam passar a perna na gente, e nós acompanhamos lá a contagem de votos. Eles criaram um cargo só pra gente discutir discriminação. Criaram uma secretaria dentro do DCE e deram pra gente, pra discutir, discriminação racial, violência de gênero, e pra pessoas com necessidades especiais. Fundamos o DENEGRIR, de dois mil e cinco pra dois mil e seis e eu começo a militar no DENEGRIR, e eu fiquei no DENEGRIR militando. Não é pra me “gabar” não, mais muitas meninas soltaram os cabelos, a partir do momento que eu soltei o meu, e elas falavam assim: _ Eu te admiro muito porque você usa seu cabelo solto, porque se eu tivesse o cabelo igual ao seu, eu não usaria, porque eu sei que seu cabelo é mais crespo do que o meu e o de fulana... As meninas falavam do meu cabelo e achava que eu era toda grossa, mais não, eu dava livros pra pessoas lerem, cortei química do cabelo de duas pessoas, a Kaíze começou a usar o cabelo, a Gabriela, e tinha o Malcon que ficava perturbando as meninas. E aí uma usa todas começam a usar, porque a imagem de uma influencia nas outras, fiquei militando no DENEGRIR, uma luta pra fundar o grupo, pra manter, muitos enfrentamentos políticos, mais o DENEGRIR começou com muitos machismos que nem dentro de casa eu tinha vivenciado. Machismos que as mulheres negras já tinham enfrentado quando elas saíram do Movimento Negro e no Movimento Feminista. Quando íamos discutir alguma questão, eles diziam: _ Fala igual mulher, tá falando que nem mulhezerzinha, fala que nem homem... Aí o DENEGRIR começou com essas coisas, e questões que antes de fundar o grupo era irmã, irmãzinha, e depois você vai vendo o machismo, o sexismo, a homofobia, e os caras são extremamente pentecostais, e eles acham que são rastas, eu não entendo de rastafarianismo mais pra mim aquilo não é rastafarianismo, sei lá eu não sinto, mais eu tinha uma influência muito forte da Luciene, pelo o que ela representa, eu comecei a ficar sufocada, agente fez o seminário Criolo do DENEGRIR, a Luciene organizou tudo, ela montou toda a gestão e estrutura do seminário, agente só era aqueles que faziam o seminário, mais ela pensou em todas as questões em termos estruturais e eu falei com ela que não estava mais agüentando o machismo dentro do grupo não. Eu falei com ela, eu vou sair e ela falou: _ Não sai não cara, agente vai montar o nosso grupo de mulheres a parte, e a Luciene já vinha do Rip Rop, e quando agente tenta puxar uma reunião das mulheres negras do DENEGRIR pra discutir a questão das mulheres negras do DENEGRIR pra discutir a questão do racismo, as mulheres não foram e os homens ficaram sabendo, e eu já tava muito “puta” e falei que eu não gostava do jeito que eles tratavam agente, nem meu irmão me tratava assim, meu irmão é escroto à bessa, apronta à bessa e não fala assim comigo. Então chega o momento de ir pro COPENE de Salvador, e aí tem essa questão de intolerância religiosa também e da homofobia que eu vi com o Juvenal, mais eu vou falar da questão do machismo. E aí, teve uma viagem pra Brasília e teve várias brigas internas, por causa da questão de cargo e ninguém falou nada, porque a Patricia deu um golpe, ela colocou o nome dela sem ser a questão decidida pelo em reunião coletiva do grupo. Só que o Pedro e o João também fizeram a mesma coisa pra poder ir pra outro lugar, pra ir pro COPENE e ninguém falou nada, e com a Patricia, só faltaram bater na menina, e com o Pedro o João, ninguém fez nada, então, agente começa a repensar a

questão do machismo, aquela aliança masculina. Ai, chega a hora de ir pro COPENE, e agente não tinha dinheiro pra ir pro COPENE, eu lembro que o PROAFRO ofereceu os ônibus, o SEMPRE NEGRO, mais agente não tinha como se financiar. E começou aquela coisa, não queremos pedir dinheiro aos partidos, não queremos pedir dinheiro a Jurema, vamos pedir dinheiro a universidade, ai tira os grupos, o único homem que foi um dia, foi sozinho por autonomia, foi o Ricardo, que foi pedir dinheiro no Sindicato dos Petroleiros todos os outros homens, ficaram que nem... Uma vez você me pegou descendo as escadas com a cara quente, porque tinha ido o Ministro da SEPPIR, e eles estavam dentro de um grupo só pra negros, e colocaram estudantes brancos, e fomos fazer um ato, porque marcamos com os caras as nove e já onze horas e os caras estavam tomando café na Mangueira, então eu discuti com os meninos, e não tinha essa perspectiva de discutir com os meninos na sala, até porque agente não tinha sala, a sala só vai ser fundada em 2009 e eu não estava mais no grupo. Sabe, as mulheres negras iam trabalhar e os homens ficavam lá, nem na minha casa era assim, meu irmão arrumava a casa, fazia a cama dele e a minha, me botava pra tomar banho, e no DENEGRIR os caras ficavam assim, o Jonas foi trabalhar no dia do ato e os caras ficaram lá bebendo vitamina e descendo naquela lerdeza. E ai sai todas as mulheres negras que nem loucas pra pegar dinheiro, quantos irmão vão? Treze então. Saem as mulheres negras, vão em todos os gabinetes, lá na ALERJ pedir dinheiro, mandam ofícios, conseguimos em torno de mil e poucos reais e os caras, todos lá sentados. Ai eu falei pra Luciene que eu ia sair, vou sair agora. A Luciene me falou que nós conseguimos o dinheiro em nome do DENEGRIR, e que era pra irmos pra Salvador, lá seríamos DENEGRIR e quando voltássemos, sairíamos do grupo, eu lembro que nessa época entrou a Fabiana e a Quésia também, eu lembro que agente falava que estávamos nos sentindo prostituídas, porque os caras não botaram a cara, não pediram dinheiro e agente que tinha corrido atrás de tudo. E os caras podia ir atrás, não trabalhavam, entendeu, no era tipo o Jonas que trabalhava e que não ia, era uns caras que só estudavam, e na hora de dividir, como tinha conseguido em nome do grupo, diziam que tinha que dividir igual pra todo mundo, alugamos uma casa porque não queríamos ficar lá no abrigo, ficamos com uma merrequinha de noventa reais pra ficar em Salvador e todos eles apavorados porque eu e a Luciane ia sair, e ficavam vem cá irmã, vamos conversar, que isso. E eu falei pra eles, que aqui não precisava ficar preocupados, porque agente tava indo com o dinheiro do DENEGRIR, mais que quando voltássemos sairíamos do grupo, tô me sentindo prostituída, tô cansada de machismo. Ai minha ficha caiu sobre ser mulher negra e como era difícil ser mulher negra comecei a ler outras coisas sobre mulher negra, li Lélia Gonzalez, porque eu tinha feito uma pesquisa na UFF, porque nessa época eu já tava na UFF, entrei na UFF em 2005, passei pra UFF no vestibular de Biblioteconomia. Das várias vezes que vocês foram pegar dinheiro, as mulheres negras foram também, dessa vez só foi mulher e vocês não fizeram nada. Então, quando chegamos na Bahia, na hora de voltar, os caras disseram que não iam voltar de ônibus, iriam voltar de avião, vamos ficar aqui não sei mais quantos dias e nós achamos aquilo um absurdo, tipo, os caras tinham dinheiro, não precisavam dividir aquele dinheiro, eles tinham dinheiro pra pagar quinhentos reais de passagem, então assim, quando voltamos, voltamos revoltadas, e saímos do grupo e eles disseram que não era pra falar sobre o que aconteceu, a nossa saída não fez os caras repensarem, quando saímos eu e a Lu, saiu a Kaíze, a Quésia, a Fabiana ficou em cima do muro, a A Patricia já tinha saído anteriormente, tipo, e quando perguntavam porque nós saímos, agente dizia que foi por causa do machismo, e hoje eu olho, e vejo que o machismo só piorou, por um bom tempo o DENEGRIR ficou sem mulheres, só ficou a Clarissa e a Monique. Nossa saída, só fez os caras

amadurecerem o machismo e a homofobia. E tem outra coisa que foi a intolerância religiosa, mesmo eu tendo sido da igreja, eu nunca fui aquela menina que ficava discriminando quem era de umbanda, quem era de candomblé. Mais eu tava apreendendo na igreja a discriminar, eu tava apreendendo uma perspectiva de Deus, que nunca foi a que a minha família tinha me ensinado, apesar dos meus pais não conservarem.

Eu lembro que um dos meninos tinha feito o santo no ano da chapa, e ele era homossexual e também era de candomblé. Eu lembro que uma vez, a filha do Jonas tava correndo no grupo e o Moacyr falou pra ela parar de correr, e o colega iniciado no candomblé falou assim: _ Deixa o erê correr! Nisso o Jonas falou assim: _ Tá amarrado que é erê, tá amarrado, isso é coisa do demônio, e o garoto era de preceito sabe e quando eles descobriram que ele era homossexual, as piadas, toda intolerância que eu entendo que dentro do Movimento Negro ele deveria ser abraçado por ele está fazendo o santo e ir de quelê pra universidade. Não, ele foi extremamente discriminado, ele foi extremamente desrespeitado, e eu só volto nisso porque hoje eu sou de candomblé, eu me reencontrei, mas, enquanto eu não me reencontrava eu também não discriminava. Eu lembro que a gente fez outro evento com o PROAFRO e eu lembro que você marcou colocou Oxum e Yansã e Yemanjá na mesa e foi o maior conflito dentro do grupo, o Jonas falou assim: _ Por isso que os “irmãos não vêm pro Movimento Negro, porque a maioria da população negra é crente e aí quando chegam nesses espaços, ficam colocando essas coisas de macumba na mesa. Porque eu cansei de ver a minha avó passando mal, com essas coisas do demônio. E aí a Clarissa chegou e falou: _ Jonas, calma, não fica assim cara, isso faz parte da mitologia africana, se o cara não tem maturidade pra reconhecer isso, sinto muito, mais tem que ter sim, mais tem que ficar sim. E ele queria ter tirado, acho que você não soube, mas rolou esse conflito todo lá fora. E esse é um grupo que se abrisse uma igreja eu não ia me espantar muito. Então eu sai do grupo, fiquei um bom tempo até ir pro Aqualtune. Mas assim... foi um grupo que eu tive a oportunidade de conhecer a Gislene dos Santo...

Eu fui pro Aqualtune, que foi um grupo que me ajudou muito, e que marcou muito a minha trajetória, eu saí do grupo em 2009, mais continuo frequentando o grupo de estudos, não sou mais do grupo porque ai já uma questão que eu não consigo mais me sentir bem, acho que foi importante pro meu crescimento, e que fez cair minha ficha de que eu sou mulher negra. Eu entro no Aqualtune em 2008 e fiquei até 2009, mais também não consegui me sentir dentro do grupo, eu nunca consegui me definir em nenhuma teoria, não consegui me identificar com a teoria do grupo, mais antes eu lendo o livro do Stuart Hall “O negro na cultura negra”, eu falei: Eu acho que eu sou dos estudos culturais, porque eu não consigo olhar pra você e falar você tem que ser assim. Pra mim, você é uma mulher negra, assistente social, professora, é lógico que o racismo, marca as nossas histórias e muitas dessa identidade eu entendo que são marcadas por uma situação de dor, mais você não é só negro o tempo todo sabe. Eu faço terapia, mais eu faço terapia por causa da situação da minha mãe, do meu irmão, do meu cabelo, tem outras questões que eu vou querer discutir sabe, porque eu escolho parceiros assim sabe, eu não consigo mais estar dentro de coletivos e associações porque eu acho que eu não acho que tem que dizer pro outro como o outro tem que ser sabe, sinceramente eu não tenho que dizer pra uma menina que ela tem que parar de alisar o cabelo sabe, se ela quiser parar de alisar o cabelo, ela vai olhar pra mim. E assim a minha monografia, eu me afastei do Movimento Negro, não ia mais no grupo

de estudos do DENEGRIR , eu não tava nem no Aqualtune,eu tenho muito carinho pelo Aqualtune,eu me afastei do Aqualtune porque, eu não sei mais como esta hoje,mais dentro do Aqualtune tem muita gente que ainda fica falando como é que você tem que ser, que você tem que uma mulher negra que tem que casar, que tem que ter filho, que tem que respeitar seu homem. Eu quero ter filhos, mais não sei se eu quero casar, eu sei que eu tenho uma personalidade muito difícil, não quero sustentar homem, já tive experiência de homem querendo me explorar sabe, e eu não quero também homem que acha que vai me dominar, eu também não quero um homem que acha que é só por ser militante, que ele vai me construir, construir uma coisa que já esta construída, porque muitos chegam com essa postura, e isso me irrita, eu não quero estar num grupo que diz o tempo todo como o outro tem que ser, que esse é o modo de ser negro, extremamente essencialista. Mais eu tive que sair do grupo pra pode perceber isso, quando eu volto a campo, eu sempre tive um discurso extremamente ideológico em relação ao cabelo, depois que eu entrei na militância que eu me reencontrei e me reconstruí com o meu cabelo. Eu Luane, não pretendo alisar, mais quando eu vou pra uma entrevista de emprego, dependendo do emprego, eu boto trança, porque eu sei que a trança dependendo de um contexto eu vou conseguir passar, e é melhor ir trançado do que só com ele mesmo. Quando eu fui pro campo, eu fui com várias verdades dentro de mim, que quem alisava o cabelo, alisava porque não gostava de si, porque não tinha o entendimento... E quando eu fui pro campo, eu percebi que diante de tanta dor e de tanta subordinação, de tanta colonização, as mulheres negras ali construíram outras perspectivas corpóreas sobre seus cabelos. E eu falei: _ eu vou ser militante e vou dizer que só é militante quem não usa química, eu vou ser “ideóloga”, dizer o que eu critico dos brancos, dizer a minha verdade? Ou eu vou trazer a verdade delas? É óbvio que tem que ter uma negociação com a academia, até porque a academia quer ouvir isso, mas eu falei não... eu vou respeitar as minhas entrevistadas, a Nilma já havia apontado isso, era uma coisa que eu não tava querendo ouvir, mais eu disse que eu ia respeitar. Quando eu apresento a minha monografia no Aqualtune, todo mundo lá com aquela perspectiva essencializada que só se descobriu quem não alisava o cabelo. E eu falei que meu grande ganho não é falar da mulher negra militante que não alisa o cabelo, meu grande ganho é falar da mulher negra que é solidária comigo, que não é militante, que alisa o cabelo, mais acha o cabelo afro bonito, mais acha que tem muito racismo no mercado de trabalho, mais que me ajuda pra caramba porque eu sou preta, meu ganho é falar dessa identidade, essa foi uma identidade que eu enxerguei no campo, tanto que eu ainda não soltei minha monografia ainda porque eu vou registrar, e eu sei que vou tomar muita porrada desse militantismo que essencializa uma identidade, porque é isso que a Nilma já havia sinalizado, são várias identidade negras, eu não posso dizer pro outro aquilo que ele é. E aí sabe, como é que eu vou me enquadrar num grupo e dizer pro outro aquilo que ele é? Porque são vários, como é que eu vou dizer pro outro aquilo que ele é? E eu me penso assim. Hoje eu entendo uma fala da Gislene dos Santos que as irmãs mandaram ela estudar e que ela não devia ficar em coletivo, ela deveria estudar pra ser intelectual, sinceramente, não sei se eu vou ser professora universitária, mas, eu sei que eu tô fazendo uma segunda graduação, que eu posso ocupar, eu posso ocupar nas ciências sociais mais é depois de um doutorado, mas em biblioteconomia, eu posso ocupar sim um cargo de uma chefia numa biblioteca de nome, ou então, dentro do que eu venho estudando na pós graduação, que é a étno-matemática, pensar propostas de pensar o corpo negro através da matemática, não consigo mais me ver em grupo, porque eu não quero mais me ver jo essencializando as coisas. Pois, eu vejo que em alguns momentos é circunstancial que você essencialize pra você conseguir enfrentar muitas coisas, Não sei se eu tô muito influenciada por uma

antropologia, desses estudos culturais, mais eu não consigo mais essencializar sabe. Não consigo mais viver em grupo, não consigo mais ficar ah! Essa é a verdade. Não consigo mais viver em grupo, eu tenho muita dificuldade, porque se essencializa tanto, que eu acho extremamente paradoxal, eu não sei por que eu tenho experiência de militar somente em grupo de mulheres negras, mais agente ainda tá com muita competição, eu aprendi solidariedade com três mulheres negras que eram as minhas chefes e com a minha mãe que sempre foi muito solidária com as outras mulheres negras. Essas mulheres negras que eram minhas chefes lá na FIOCRUZ me ensinaram tanto, tanto e nem eram militantes! Porque na militância tem umas coisas que me decepcionam muito. Hoje eu tô assim, eu prefiro sentar e estudar, me construir economicamente, me formar nessa área que eu também posso contribuir na questão racial, mais assim, é complicado porque às vezes você chega em ambientes que é extremamente branco, que você tem que se negar o tempo todo, você não pode ser você. De vez em quando eu preciso ir ao Movimento Negro, eu preciso ir numa palestra, encontrar os pares, mais assim, eu não consigo mais ficar dentro de grupos que me digam como eu tenho que ser e eu faça isso com os outros, você tem que ser assim, você tem que usar o cabelo assim. Eu não quero mais isso. Eu acho que depois que você entra na militância, é que nem quando você entra no candomblé, você tem que dar continuidade, no mínimo se você fez suas obrigações, se não fizer vai ficar perturbado. Eu entrei na militância, eu comprei uma briga eu me posicionei, eu me libertei, eu me identifiquei, mais eu não quero dizer pro outro, você tem que ser assim, você tem que casar com homem preto, você tem que usar seu cabelo afro. Porque cada um sabe sua história, eu, por exemplo, tenho as minhas ideologias, eu não pretendo alisar meu cabelo, eu olho pro meu cabelo e só acho ele realmente bonito do jeito que ele, gosto do jeito que ele é, com os penteados afros que eu faço, eu não coloco trança hoje pelo mesmo motivo que eu usava antes, mas por causa do mercado de trabalho, quando eu me canso de usar meu cabelo Black Power eu posso usar trança, não uso mais trança pra esconder, porque tem umas discussões relacionadas à trança, mas eu não me vejo mais com meu cabelo escovado, com relaxante, eu não me acho mais bonita usando o cabelo desse jeito. Pretendo se eu tiver um filho que seja com um homem negro, mais sinceramente, de tudo que eu passei com relacionamentos com pares negros, eu não diria que hoje não vou sair com homens brancos, ainda não saí, mas não sei sabe, esses discursos fechados, eles fazem você ter atitudes que você diz que não vai ter, eu não quero mais ter meu discurso fechado, têm umas coisas que eu tenho quase certeza, tipo, eu não vou alisar meu cabelo, não quero mais ter meu cabelo ferido, essas coisas, mas eu não quero mais fechar o meu discurso, dizer pro outro o que ele é, eu quero continuar nessa construção, eu quero pensar propostas pedagógicas, não quero mais dizer que a pessoa é alienado, agente vê muito isso na militância e não faz bem. Isso só afasta, e a gente não precisa construir pouco, agente precisa construir muitos. A militância negra pra mim foi um momento de encontro comigo mesmo, o encontro com a ancestralidade não foi através da militância no Movimento Negro, o encontro com minha ancestralidade teve muita influencia sua, do Jorge, que me deram várias porradas no PROAFRO, que a minha ficha não caia, e vocês falavam: _ Pô Luane, não dá pra ficar sem religião. Acho que vocês já viam que eu tinha problema com a minha espiritualidade e não falavam. É óbvio que o Movimento Negro me ajudou muito a desconstruir esses olhares que a sociedade tem sobre o candomblé e sobre a umbanda. Mas, o encontro com a minha ancestralidade é um trabalho que começou lá na minha família, com a minha avó. E aí eu volto pro Movimento Negro, e aí eu fico no Movimento Negro por muito tempo e vejo o que não é, por muito tempo e aí eu entro no Candomblé. A colonização conseguiu me fazer ter medo do que quando

era criança eu ia pulando saltitando feliz. Então assim tive um companheiro que foi uma merda em outros sentidos, mas em termos de religião ... “Cara, como você tem medo de alguma coisa que quando você era criança você ia pulando, sorrindo com sua avó?” que era pro centro. E aí eu começo a ir e começo a ver, sabe? Mas não foi esse discurso de Candomblé que o movimento negro tem, que é outro discurso idealizado, porque quando você está dentro do Candomblé, você vê que não é exatamente assim. Mas, por exemplo, o candomblé pra mim é muito além de eu ser negra: o candomblé pra mim, o meu santo, eu sou filha de Omulú com Oxum, para mim é uma coisa assim de encontro com a minha pessoa, coisas que não conseguia dar definição e cada dia que eu estou no terreiro eu aprendo. O candomblé para mim, quando eu entro no terreiro, eu faço o que a mãe Edezuíta fala: eu esqueço os meus títulos, eu esqueço que eu sou socióloga, eu esqueço que eu faço uma outra faculdade, eu esqueço que sou militante. Realmente eu me posiciono ali para aprender. E o terreiro tem sido um lugar pra mim que óbvio, que eu vivencio uma africanidade que eu não me dou conta. Ressignificada? Pode ser. Mas que é um dos lugares que eu me encontrei, que eu precisava porque eu tinha vários problemas espirituais que eu não dimensionava. A cabeça totalmente perturbada e que eu não dimensionava. E por exemplo, hoje faço terapia, mas eu já estou há dois anos no candomblé, então eu estou trabalhando na terapia os problemas, acredito eu, que não são espirituais, que são coisas da realidade física. Porque os problemas espirituais eu não levo pra terapia: “ah eu sonhei que estive com Iansã” “Ah, eu sonhei que estive com Omulú”, não vou levar isso, só levo os conflitos de casa, estas coisas. Então assim, o movimento negro me deu uma porta, mas hoje eu vejo que a minha construção identitária... e entender também esta questão da intolerância dentro do Denegrir porque ... Sabe, tem que beijar a mão de uma mulher preta, ela que vai cuidar da sua cabeça, esse posicionamento, né? O que assim te dá né? Você ser uma Ekedí, você ser uma mãe de santo, você ser uma mãe pequena... É muito: o cara ter que ficar ali e te obedecer. Uma vez teve um conflito dentro do meu terreiro, e o cara teve que baixar a cabeça, o ogan teve que baixar a cabeça para a mãe pequena. Ela: “Volta aqui!” ele baixou. Então, isso para o homem, dentro desta construção masculina... e o respeito que ele tem que ter por ela, que é minha mãe pequena também? E aí, sabe? O cara é machistão, queria bater no outro, acho que é o William, não, não era o William não, era o Ricardo. O Ricardo voltou na hora. E aí, sabe? Então assim, tem estas questões que a gente aprende, mas assim, é um lugar que eu me encontro, é um lugar assim que ... é engraçado, é uma coisa forte, é uma coisa muito forte que a mãe da Katiúscia, a Sônia, que é socióloga, ela fala assim, que também essa coisa do Santo, quando ela ... é o momento dela de África, mas eu nem defino como um momento de África, para mim é um negócio... não esta África que a gente descreve. Para mim é uma coisa assim tão intensa, tão forte que você não consegue, eu não consigo dimensionar com palavras o que sinto das vezes que meu santo tentou pegar minha cabeça. E que pegou, já pegou uma vez. Assim, eu não consigo dimensionar, é uma coisa que num raciocínio lógico, escrito não explica. Não explica. É muito... aí você se entende, aí você chega num lugar e você não fala para ninguém que você é filho de fulano, e você chega o santo da casa te faz uma festa e é o seu santo. Como é que se explica isso, sabe? Você sai dessa conjuntura de materialidade, e aí você entende você. Como é que pode isso? Aí você entende que aquilo faz parte de você e que é real, que toca, que te abraça, que te beija. É muito fantástico, é muito assim... Eu gosto muito de ser rodante, porque assim, se eu ficar... acho que seu fosse Ekedí, não desmerecendo, do jeito que eu ia, no caminho que eu ia, eu não iria acreditar. Então eu preciso desse descontrole total mesmo, para eu acreditar. Porque aí eu caio lá: “brum!” Sabe? Eu sei que eu não tenho... eu sei que se eu ficasse

acordada não iria ter graça. Do jeito que ia num caminho eurocentrado eu não iria acreditar no que eu era. Eu precisava ser rodante mesmo e ficar aí passando mal para sentir. Então assim eu acho que eu me reconstruí muito entrando no movimento negro, me percebi enquanto mulher negra, mas no candomblé eu também estou me reconstruindo de outra forma: hoje sei onde eu vou por agressividade, onde eu vou por não sei o que. Eu tenho aprendido muito assim, sabe? Eu tenho aprendido muito porque é uma religião que inclui, a entender e a respeitar o homossexual muito mesmo porque eu tenho vários irmãos de santo, meu pai de santo é. Então assim eu tenho aprendido muito a respeitar o outro, que uma coisa... E minha relação com os brancos também melhorou porque como eu tinha que expulsar esse racismo e sempre sofri muito por causa dos brancos, eu queria matar todos os brancos. Mas dentro do Candomblé eu tenho conseguido ter uma relação. Óbvio que eu não vou ficar subalternizada, vão me chamar de macaca e eu vou ficar quieta, mas eu já consigo dimensionar o respeito. Porque durante muito tempo eu fiquei com muito ódio, porque quando você começa a estudar e a pensar o que fazem com você, o ódio te toma mesmo, aí depois que sua ficha cai. Hoje vê que sou, definindo, para terminar, mulher negra que se construiu a partir do movimento negro. Eu era uma Luane que estava muito fragmentada, que tinha uns valores familiares muito inseridos, que vêm até hoje, mas que construiu uma identidade negra, que continua com dor, porque ser negro para mim é vivenciar uma dor cotidiana, é ver os seus sempre na miséria e na pobreza. Mas assim, no início eu via ser negro só no sofrimento, hoje eu vejo ser negro também numa perspectiva de humanidade: é sofrer, é ter dores, mas é também ter alegrias, sabe? Eu consigo ver isso. Eu não falo pra mim que eu sou bonita, só porque eu sou negra e que eu tenho que dizer isso para mim. Eu me sinto bonita. Porque eu olho para mim, eu me vejo bonita. Isso assim, não sei, no meu passado eu não faria. Então assim, o movimento negro foi fundamental na minha construção. Na religião, eu não sei talvez daqui a alguns anos eu fale: “Ah foi por causa do movimento negro”, na religião eu acho que foi porque eles me guiaram mesmo, e eu acredito que eu estar no movimento negro é também porque eles querem. Porque eu vejo que cada passo que a gente dá, não é porque cada passo que a gente dá, não é porque você deu sozinha, porque quem você carrega com você, falou você vai ser isso. Hoje eu fico pensando: “Será que eu fiz ciências sociais só porque eu quis mesmo ou porque queriam que eu fizesse? Será que eu faço biblioteconomia só porque eu achei que dava emprego”. Eu fico pensando assim, porque vou vendo que eu vou estudando e que vai me dando interesse, eu fico assim: “mas isso aqui será que é interesse meu mesmo? Ou é o interesse de uma ancestralidade que eu estude e que eu fale sobre isso. Será que era só a minha dor para falar sobre cabelo? Ou os nossos ancestrais queriam que eu falasse que nosso cabelo não é ruim e agora querem que eu estude etno-matemática para explicar este cabelo?” Sabe? Então assim, é uma construção. Eu acho que hoje eu sou uma pessoa reconstruída, eu tenho meus conflitos, os meus altos e baixos. Tenho os problemas do racismo, por exemplo, racismo ambiental, questão de moradia, que Niterói inteira as comunidades negras foram atingidas e eu moro em comunidade. A gente tá naquela coisa de procurar casa. Tem esta questão da minha mãe que é a minha força sabe? Quem me bota pra cima, e minha mãe com todas essas questões que ela tem, minha mãe sabe tudo o que eu sou e não me diz, a minha ficha começa a cair, minha mãe sempre soube o santo que eu tinha, quando eu saio da igreja eu tinha vinte anos. Acho que eu tinha entrado no PROAFRO, não me lembro, eu tava dançando em casa, imitando igual na infância e minha mãe falou: _ Ou você volta para a igreja ou vai para a umbanda. E eu falo pra ela: _ Eu não tenho que ter religião não mãe. E aí ela responde: _ Tem sim. E eu pergunto por que. Daí minha mãe responde: _ Porque você

tem a mesma carga espiritual da sua avó. E você é uma pessoa que não pode ficar sem religião. Ai esse ano me chega, ela tava fazendo um prato que meu santo come, ela tava fazendo cuscuz, e eu sempre odiei qualquer comida branca, nunca gostei, na verdade eu nunca gostei de qualquer comida branca sempre que eu comia eu passava mal, ai ela chegou e falou: _ Você tem que aprender a fazer cuscuz. E eu disse: _Por que eu tenho que fazer cuscuz, eu não vou comer isso, eu não vou fazer isso na minha casa não. Daí ela disse: _ Vai fazer sim, porque quem anda contigo come. Ai eu disse: _ Quem é que anda comigo que come? Eu não sabia. E ela disse: Pergunta ao seu pai de santo. E ai ela me falou uma fala assim que eu fico as vezes chocada, e eu fico pensando assim. Pô, minha mãe é empregada doméstica, e ralou muito, se bem que tem muitas irmãs que são domésticas e são de candomblé, mais também não sei o que minha mãe passou pra hoje não ser da religião, mesmo sabendo que ela tem vários problemas espirituais decorrentes da religião, porque não é esquizofrenia física, tem a questão espiritual, e minha mãe falou assim: _ nunca fique com um homem que, porque minha avó tinha cargo dentro da umbanda, não sei no candomblé, mas sei que na umbanda ela preparava as comidas, mais eu sei que ela apanhava muito, foi muito espancada, várias vezes ela era violentada pelo meu avó, pra não ir pro centro e morreu na religião, e ela falava que ia morrer na religião, vou morrer umbandista. Fez santo no candomblé, depois de velha, mas fez. E falava que ia morrer na religião que ela amava, e ia, levava os filhos todos, e dizia, eu vou morrer, vou morrer no candomblé, essa é minha religião, é o que eu amo, e minha avó morreu na religião e levou isso até os cinquenta e sete anos, morreu novinha, ela foi condenada aos nove anos, mas consegui viver até cinquenta e sete, criar os filhos. E minha mãe falou: _ Olha só, sua avó apanhou, sua avó foi espancada e continuou, pra poder não ir pro centro, então você nunca arrume um homem e que vai dizer pra você que você não tem que seguir a sua religião, porque você fez a sua escolha. E depois que você fez a sua escolha... Porque eu falei mãe, ninguém escolhe ser de candomblé, você vai suprir isso aí e acabou. E ela respondeu: _ Tá mais você escolheu, você podia ter fugido que nem eu e não fugiu, então nunca arrume um homem que não deixe você ir pra sua religião. Primeiro tem que ser o que você é, sua religião. E eu perguntava a ela o que eu sou e ela dizia que eu ia descobrir. Minha mãe sabe muito, mais ela não me fala nada. Eu acho isso muito africano, porque como ela leva sete anos pra dizer um prato, eu falei pra ela: _ Diz logo tudo! Até porque quando ela falou pela primeira vez, ela viu que eu fiquei no folclore. Ai agora ela viu que u tô séria, foi no meu terreiro, viu.. ah seu pai de santo é sério. Hoje eu tô me construindo, a construção é constante. Então assim, hoje eu tô me reconstruído, me reencontrando, consigo me ver enquanto mulher, consigo ver o que eu não quero, consigo ver os tratamentos, muito da relação de mercado de trabalho, das relações amorosas, os tratamentos que eu recebi pelos caras, e hoje o que eu acho mais curioso, que assim, hoje eu já tô formada, porque eu vejo muitos deles falar pra mim que eu tenho que parar de estudar, e assim, não me sustentam nem nada, e eu tenho aquela guerreira lá que fala: _ Não Luane, faz pós graduação e outra faculdade, agente tá morando em condições que agente não sabe o que vai ser, onde a gente mora, se vai ser interditado ou não e minha mãe fala para eu continuar estudando e homens que vem de fora, que me conhecem superficialmente, falam pra eu parar de estudar, ai eu fico vendo a relação do machismo e a questão de ser uma mulher negra. Como querem te tirar o tempo todo daquilo que você quer fazer, mais eu estudo biblioteconomia porque eu vou ganhar dez mil com a profissão, vou passar num concurso e vou ganhar dez mil e ai como tem homem que não quer que você tenha independência financeira, quer que eu fique ganhando seiscentos reais como professora do estado e dependendo do salário do meu marido, tá legal, mas eu ter essa independência não. Então é isso assim, pra

finalizar, Luane, negra, de candomblé, ainda não sou iniciada mais pretendo, tô correndo atrás disso, que tem uma mãe que é filha de Yansã, mais que foi muito guerreira e que assim, sempre trabalhou muito, e lutou muito pelos filhos, e sem minha mãe eu não teria me formado e que se não fosse pela minha avó, que lutou muito pelos filhos, eu não teria a mãe que eu tive sabe, e que ensina que pelos filhos você tem que lutar, e é uma luta tão intensa, e é uma luta contra o racismo, que não é falada, porque quando a minha mãe lutava pelo meu irmão eu falava que, ela tinha que largar de mãe e eu hoje eu entendo o quanto eu tava influenciada pelo racismo, as minhas tias não lutaram pelos meus primos e meus primos morreram e minha mãe não, minha mãe lutou loucamente, e falou que o filho dela ela não ia entregar, ela sempre disse que não deixar o filho dela ir pra cadeia ou deixar ele passar por um montão de coisas. E hoje meu irmão, venceu o racismo e não reconhece isso, e minha mãe sofre por isso, porque minha mãe fez de tudo por ele e hoje ele não reconhece isso ou não quer saber. Mais é o que a minha avó deixou e o que minha mãe falou que por um filho, quando você é negra, você bota um filho no mundo, você tem que lutar até o fim, então assim, é um conjunto dessas coisas é um conjunto dessas forças, que faz você pensar, que faz você entrar na universidade, que é um ambiente que te machuca e que te fere, e eu me formei e eu não acreditava que eu hoje eu poderia passar numa especialização, porque a universidade ela te faz isso, ela te desacredita, ela te humilha ela te espezinha, ela diz que a tua história não te pertence, ela se apropria, por isso que eu acho que você cai numa negritude e até essencializa, porque lá é tão violento aquele espaço, de tanta arrogância, e olha que eu fiz ciências sociais num andar que não era na economia, mas é tão violento que você tem que arrumar estratégias de sobrevivência, foi longo o meu caminho, foram sete anos, por inúmeras dificuldades financeiras, por depressões e por abandonar períodos, por não ter acesso a programas, porque tem matéria lá que é programa de computador, mais quando eu venci, quando eu defendi a minha monografia, eu entendi que não era só a Luane, que pra mim enquanto negra eu me formar, era todo um coletivo que esperava eu me formar, e eu entendi isso quando eu fui defender que tanta gente apareceu, duas horas da tarde que é horário de preto tá trabalhando, apareceram pra assistir minha defesa sabe, e as orientadoras colocaram esse horário, porque não queriam, e quando elas viram tanta gente chegando os olhos delas soltaram, queria também uma professora negra e botei peito pra Claudia Miranda estar, então assim, é isso, agente nunca tá sozinho, nem no mundo físico nem no espiritual, e que eu espero que eu esteja sempre acompanhada por tantas figuras negras.



Figura 21- Luane Bento. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 22- Luane Bento - Apresentação de trabalho no VI COPENE. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 23- Luane Bento – Foto com sua mãe. Fonte: Arquivo pessoal.

5.4 Com a voz Allyne Andrade

É uma pergunta difícil. Acho que hoje, Allyne Andrade é uma menina moradora de Realengo, porque o lugar de onde venho faz bastante diferença para forma como eu enxergo o mundo hoje (15/07), negra e que conseguiu construir uma identidade de gênero liberta já dentro da universidade, no combate da vida adulta mesmo. Sou basicamente a filha de Vera, de Jorge e irmã de Allyson, neta de Adelaide, tia do Lucas e da Júlia. Acho que essa identidade de família construída faz a grande diferença no que sou. E agora advogada, mas advogada é uma identidade transitória, é um estar, não é um ser.

A minha infância foi lúdica e muito feliz. Eu fui criança, tive a felicidade de ter mãe e pai participativos. Mesmo não tendo uma consciência racial, nem sendo integrantes do movimento negro, sabiam da negritude, não a desvalorizavam, o que acho importante. Eles sempre deram importância à educação, fizeram tudo que podiam fazer para que eu estudasse, estudasse inglês, estudasse o que fosse... Fazer jazz, natação... Sempre fizeram isso, tanto para mim quanto para o meu irmão. Acho que foi por isso que desenvolvi esse amor pelo estudo, pelos livros, já na infância. Hoje percebo que as crianças não ganham muitos livros de presente, mas eu sempre tive isso. Na minha família, minha mãe sempre me presenteou com livros. Presenteava-me por passar de ano na escola também.

Tive uma mãe muito participativa na minha vida escolar, participativa até demais. Ela era mãe representante, organizava e ia às festas da escola, discutia com os professores. Todo dia ela estava na escola, eu dizia que ela era mãe de porta de escola (risos). Minha mãe escolheu ser dona de casa, para ficar com a gente.

Tive uma infância tão feliz! Mas eu já era bastante difícil, tinha uma personalidade bastante forte. Principalmente, quando eu comecei a estudar e entender que o mundo não era só “eu”, que é o “outro” também. Começam os embates, a defesa das posições que desde cedo nós já buscamos. Lembro-me, eu estudava numa escola particular no subúrbio do Rio, em Realengo, escola Elpídio da Silva, amava aquela escola. Continuo morando até hoje em Realengo, moro na mesma casa desde que nasci. Na minha infância, tive uma professora negra, a tia Edna, que foi muito importante para mim. Ela sempre procurava -hoje entendo isso, na época não entendia- dar um sentido positivo, por eu ser a única aluna negra na sala e ser uma das melhores alunas da escola. Ela sempre fazia questão de me dar medalhas, de colocar fadinhas e estrelinhas no meu caderno pelo desempenho, fazia aquele “auê” todo na sala e acho que isso foi muito importante pra mim.

Eu questionava bastante as coisas na escola. Mas sempre fui “vaselina”, questionava e não desrespeitava os professores. As pessoas implicavam comigo por tudo. Falavam do meu cabelo, diziam que ele era duro. Eu puxava o cabelo das meninas, colava chiclete no cabelo daquelas que o tinham liso e queriam jogar o cabelo na minha cara. Eu realmente não permitia que as pessoas fizessem essas coisas, mas não entedia muito bem, pois não tinha uma construção racial. Hoje, consigo lembrar que eu já tinha essas coisas do embate. Lembro até das bonecas negras que meu pai tentava me dar e que quase não existiam quando eu era criança, era raríssimo, mas lembro que tive duas. Meu pai mandou buscar pra mim por meio de alguém que foi nos Estados Unidos e viu uma boneca negra. Era a minha boneca, no início queria passar henê no cabelo dela,

porque ela tinha o cabelo crespo (risos). Eu passava henê também, então queria passar também no cabelo dela, mas minha mãe me convenceu a não passar, pois mancharia a boneca toda!

Lembro que desde muito pequena, minha primeira memória sobre o racismo refere-se à questão do cabelo. Com sete anos queria fazer permanente, na época era o permanente americano que estava na moda. Isso é algo que lembro bastante da minha infância, de já existir essa preocupação com o cabelo, uma preocupação que não é nossa, a gente absorve o que os outros falam: a beleza do cabelo liso, que o cabelo crespo é duro, é ruim. A gente cresce vendo nossas mães, tias e avós “fazendo o cabelo” e queremos fazer. “Fazer o cabelo” marca que já somos mocinha, fazer o cabelo, alisar, não andar só de trança. Porque na minha cabeça, criança só anda de trança e mocinhas alisavam o cabelo. Ter um cabelo “adequado” e “bonito” já é uma preocupação para a criança negra. Creio que isso não é natural, não tem que ser uma preocupação de criança. Entretanto, reconheço nessa preocupação uma tentativa, uma necessidade de pertencimento numa sociedade que não reconhece nossa beleza. Alisar o cabelo para fazer-me mais bonita. Isso é uma consequência do racismo na minha infância, embora eu tenha sido uma criança muito feliz.

Não tenho nada do que reclamar. Sei que, infelizmente, nossas famílias não são todas estruturadas, mas graças a Deus tive essa dádiva. Tive uma família ali comigo, meu irmão foi e é um grande companheiro. Sempre pude estudar e sempre me entendi enquanto negra. Não sabia muito bem o que significava ser negra na sociedade, mas meu pai desde cedo sempre falava pra mim: - Somos negros e a sociedade nos impõe muitas dificuldades por sermos negros. Você tem que estudar, não se envolva com essas pessoas que não gostam de estudar. Minha mãe tinha essa preocupação de que eu tivesse meus amiguinhos que gostassem de estudar. Ela dizia:- Não anda com “fulano”, ele não gosta estudar, ele só fica aí embaixo. Eu moro em condomínio, “ficar lá embaixo” significava descer para brincar no play todos os dias.

Minha mãe era muito cuidadosa, sempre preocupada com nossas roupas, nossa educação, com nos dar o melhor. Eu e meu irmão fomos crianças normais, fiz minhas travessuras, quebrei coisas, era estudiosa... Fiz tudo que tinha que fazer na infância. Fiz jazz, gostava de dançar na frente da escola e imitava o Michael Jackson.

Depois fui para a segunda parte do ensino fundamental, em 1997. Estudei numa escola na Vila Militar, zona Oeste do Rio de Janeiro, Escola Subtenente Duplar Pires de Mello. Lá eu era uma boa aluna também, mas como era adolescente aprontava muito mais. Sempre fui uma boa aluna, sempre gostei de estudar, fiz os meus deveres. Mas lá eu já comecei a ficar um pouco mais questionadora, acho que desde a quinta série, quando estudei na Simonsem, discutia com os professores. Se eu não concordava com o que eles falavam, com o gabarito, eu reclamava. Reclamava sem desrespeitar, mas reclamava. Na escola, a história que ensinam para gente é muito diferente da realidade, é etnocêntrica.

Amava ler, lia tudo que me dessem. Não distinguia livro bom de ruim, até que li aquele livro Negrinho e fiquei muito ofendida com ele, não o reli. Nem lembro o que me ofendeu. Eu era nova, porém não quis mais ver o que estava escrito no livro.

Na escola fui popular, tive muitos amigos, brincava muito, gostava de dançar. Sempre quis ir para universidade, desde pequena, dizia que seria jornalista, queria ser igual à Glória Maria. Ela era uma referência externa que eu tinha de negritude. Agora me emocionei porque me lembrei da história, queria ser igual à Glória Maria. Sempre quis ir para universidade, o estudo era uma coisa natural para mim, nunca tive outro caminho, meus pais não me deram outro caminho.

Em 2000, fui para o ensino médio. Saí de uma escola particular e fui para uma pública, tinha saído do Duplar e fui para a FAETEC República, que é o Centro de Ensino Integrado (CEI) de Quintino. Fui fazer técnico em informática. Eu não sabia o que queria fazer, mas amava computador e minha mãe “botou pilha” para que eu escolhesse informática. Minha mãe falou: Você só vive no computador. Meu pai trabalhava numa empresa de informática, então tive computador desde muito cedo, tive XP 500, 286, 386, 486, até Pentium. Eu vivia no computador, então concordei com a minha mãe e fiz o concurso da FAETEC, passei em terceiro lugar geral. Minha mãe e meu pai ficaram felizes.

Estudar numa escola pública foi fundamental para o que sou hoje. Foi o meu primeiro despertar de consciência social. Primeiro porque, quando você estuda numa escola particular, todo mundo mais ou menos tem o mesmo padrão social daqueles que podem pagar a escola. Nessas escolas particulares de subúrbio, existe uma classe média remediada e suburbana - a classe C- que não “nada em dinheiro”, mas também não precisa perder a dignidade para sobreviver, está ali fazendo o seu, pagando as suas contas e se divertindo um pouco. Essa era a minha realidade.

Na escola pública convivi com um mundo ampliado. No ensino médio, li um livro sobre a situação do negro no Brasil, um livro paradigmático que foi importante. Já no ensino médio, comecei a me envolver com uma militância insipiente. No CEI de Quintino, nada nos era dado, tudo devia ser conquistado, desde o papel higiênico do banheiro até o professor que dava todas as aulas. Fiz grandes amigos no segundo grau. Aliás, eu tenho amigos desde o jardim de infância, não perdi os laços com eles. No CEI Quintino, eu estava formando minha personalidade, me deparando com a realidade social. Em 2002, fui fazer estágio e ganhei uma bolsa. Era um dinheiro que dava para comprar minhas coisas, me achei muito independente por não ter que pedir dinheiro para os meus pais. Quando saí do segundo grau, achei que não tinha condições de fazer vestibular, então nem tentei a prova e nem fiz pré-vestibular. Estava numa época de bastante crise, coisa de adolescente, tudo é definitivo, tudo é dramático.

Quando entrei para o ensino médio, tive os meus quinze anos que toda menina sonha, eu sonhava pelo menos. Não quis príncipe, para você ver como eu já tinha uma construção de gênero, não queria príncipe nos meus quinze anos (risos). Meu pai fez uma festa para 500 pessoas e foi maravilhoso. Essa coisa de sonho de princesa que as meninas têm como rito de passagem.

Logo depois, no ano seguinte, em 2001. Meu pai ficou desempregado, sofreu um acidente gravíssimo de carro. Ficamos numa situação muito difícil. No início do desemprego meu pai tinha dinheiro guardado, indenização, não tivemos muita crise, mas depois que a grana começou a rarear foi uma época de muita crise, de um embate com a realidade. Nunca me faltou nada, meu pai me mimou muito, tanto pra mim quanto para o meu irmão. Tudo que nós pedíamos, ganhávamos. Todos os brinquedos, todas as roupas, tudo. Meu pai e minha mãe se matavam pra dar tudo pra gente. Então, tanto essa ida para escola pública (meu irmão também foi pra escola pública, foi pro CEI de Marechal), quanto isso do meu pai ficar desempregado e de ver minha mãe voltar a trabalhar como empregada doméstica para ajudar no sustento da casa me marcaram muito.

Minha mãe quando era adolescente, 12 anos, trabalhou como empregada doméstica, pois meu avô botou todas as filhas pra trabalhar nessa profissão. Todas as minhas tias já foram empregadas domésticas, mesmo assim meu avô cuidou para que elas terminassem os estudos. Terminar os estudos significava ter o ensino médio. Eu tenho 10 tias por parte de mãe. Meu avô era analfabeto, trabalhava muito, botava os filhos para trabalhar na obra e as meninas pra trabalhar em casa de família quando

completavam 12 anos. Depois minha mãe melhorou de vida, fez o segundo grau, era secretária bilíngüe. Meu pai se formou, é contador, mas para isso trabalhou desde os 08 anos de idade, era feirante. Então eles não foram precisando mais disso e as minhas tias também, todas já se formaram na universidade, todas depois de ter filho, com 30 anos, com 40 anos. Só tenho uma tia que ainda é empregada doméstica, mas por opção. Ela gosta de ser empregada doméstica, que é diferente de ser obrigada pelo seu pai.

Então quando meu pai ficou desempregado, em 2001, no primeiro ano tinha o fundo de garantia, a gente ainda viveu bem, mas nós tínhamos custos muito altos, como a manutenção do carro, viagens... Além disso, teve o acidente do meu pai. Minha mãe voltou a trabalhar como empregada doméstica e meu pai num supermercado. Foi uma lição muito grande pra mim. O ensino médio foi uma fase de estagiar, de ter meu dinheirinho, de conquistar certa independência. Comecei a sair sozinha, conquistei a confiança de meus pais. E ver minha mãe voltando a trabalhar como empregada doméstica, sem nenhuma amargura, foi essencial. Ela não tinha nenhuma amargura, meu pai até tinha, mas a minha mãe não tinha nenhuma e isso foi uma lição muito grande pra mim, da dignidade que a gente não pode perder nunca e nem da alegria, minha mãe estava sempre alegre. Eu nunca vi minha mãe reclamar, três anos que meu pai ficou desempregado ou subempregado, o que não é pouca coisa, minha mãe nunca reclamou, nunca vi minha mãe de ladainha. Ela estava sempre rindo... Sempre dizendo: Vai dar certo! A vida é de muita luta mesmo.

Bom, voltando ao vestibular no meu terceiro ano, em 2002, resolvi não fazer vestibular. Eu estava estagiando e cheia de inseguranças. Primeiro, o jornalismo não me pareceu mais algo tão natural. Em segundo lugar, todos os meus amigos estavam indo estudar no PH, no GPI – que são cursos pré-vestibulares famosos no Rio de Janeiro- eu acreditava que sem isso não poderia passar. No outro ano, em 2003, terminei o ensino médio e continuei fazendo estágio de informática no Tribunal Regional Federal. Foi muito legal trabalhar no TRF. Tinha um desembargador, Dr. Paulo Barata, ele me disse: - Você não é técnica de informática, você é advogada. Talvez ainda não saiba, considere fazer Direito. Fui assistir a uma sessão de julgamento e me apaixonei, assistia a vários julgamentos no horário de estágio. Decidi, é Direito mesmo que quero. Resolvi que iria fazer vestibular esse ano, 2003. Só que 2003 foi um ano confuso, começamos a ter algumas brigas em casa, todo mundo estressado, meu pai estava à flor da pele pelas dificuldades e pelo racismo no mercado de trabalho. Quantas vezes ele ia procurar novos empregos, passava nas provas, menos na entrevista. Teve até um caso que ele foi praticamente contratado e, quando viram que era negro, disseram que a vaga era para uma mulher, que houve um engano. Pela primeira vez vi meu pai chorar. Aquelas dificuldades, a dor de ver meu pai qualificado sendo preterido, a luta da minha mãe e meu irmão sofrendo. Eu estava depressiva e só percebi depois. Demorei a decidir que faria o vestibular, perdi a data de todos os outros vestibulares, somente não perdi o da UERJ, porque ela entrou em greve e foi o único vestibular que atrasou. Os únicos ainda abertos eram os da UERJ e PUC. Um dia estava deitada, triste e comecei a orar. Sentia no olhar do meu pai e da minha mãe a preocupação deles, por eu não estar aguerrida para o vestibular, estar meio perdida. Além disso, tinha a dor deles por não poderem me pagar cursos, embora eu nunca tenha reclamado. Mas um dia eu acordei e resolvi sacudir a poeira.

Nesse dia que resolvi levantar e correr atrás de fazer vestibular, eu tinha ido ao supermercado com a minha mãe e uma mulher, uma senhora negra, começou a falar sobre como era difícil ser empregada doméstica, criar filhos, como tudo custava caro. E eu estava tão absorta em mim mesma, pensando em como consolidaria essa situação do vestibular, que não prestei muita atenção no que ela dizia. Minha mãe era um poço

de simpatia, elas tiveram o maior papo. Quando ela já estava indo embora, colocou a mão no meu braço e falou: - Se levanta, para de chorar e vai fazer a prova que você quer, porque a vaga é sua. Ela disse varias coisas pra mim, que eu falaria muitas línguas, viajaria muito. Eu só precisava me levantar para as coisas acontecerem. E eu levantei... Eu me levanto! No dia seguinte, fui fazer as coisas... Foram muitas coisas vividas, muitas aconteceram para eu estar nesse lugar hoje. Nem todo mundo tem fé, mas eu vivi, então não posso deixar de acreditar. Essa experiência foi fundamental para minha afirmação como evangélica, essa profecia se cumpriu e continua se cumprindo na minha vida.

Simultaneamente, o pastor da minha igreja falou: Allyne, eu escutei no rádio um assunto que talvez te interesse. O pastor da Igreja Presbiteriana que eu freqüentava era bastante preocupado com a educação da juventude. É engraçado como as coisas sempre acontecem dessa forma na minha vida, algo meio místico. Ele falou: eu escutei hoje no rádio uma notícia sobre pré-vestibular comunitário, para negros. Uma tia minha também me falou e eu fiquei com aquilo na cabeça. Alguém trouxe o jornal da Educafro para mim, frei Davi estava na capa do jornal, era uma manifestação a favor de ações afirmativas. Também vi uma entrevista na TV sobre ações afirmativas, tinha algumas ações no tribunal contra o sistema de cotas, tudo no mesmo período. Resolvi ir ao Educafro. Na reunião geral conheci muita gente que depois passou a fazer parte da minha vida. A luta por ações afirmativas me fascinou, estudei o tema, militei muito a favor dessa mudança. Fui muito feliz como parte da Educafro. Mas como eu cheguei lá no final do ano, só fazia sentido me inscrever no pré-vestibular comunitário no ano seguinte, em 2004. Apesar disso, comecei a freqüentar suas reuniões, ajudava na sede.

Voltando ao vestibular, me inscrevi na UERJ e não contei pra ninguém. Para a primeira fase, meu pai me deu o dinheiro da inscrição que custou, R\$ 34, 00. Ele recebeu um dinheiro, me deu 40 para eu pagar a inscrição e ir à UERJ. Não contei pra ninguém, nem para os amigos e parentes. Fiz o vestibular, saí meio triste e fui ao cinema, fui ver "Procurando Nemo", não esqueço, até hoje amo esse filme!

Quando saiu o resultado, a minha surpresa foi que eu tinha passado para a segunda fase. Nesse momento resolvi estudar. Foi um exame classificatório diferente, caiu português, geografia, história e inglês. Como eu tinha alguma base de inglês e português, foquei em geografia e historia. Peguei esses livros de segundo grau e estudei sozinha. Fiz a prova sem falar para ninguém e não conferi o resultado, mesmo assim resolvi separar todos os documentos necessários para a inscrição. O ano em que fiz vestibular foi o segundo ano da política de ações afirmativas na universidade, houve uma mudança na lei. Era necessário o envio de todos os documentos autenticados, porém, primeiro, você fazia o vestibular e se classificava, para depois mandar os documentos para ser deferido como cotista. Ou seja, havia o risco de passar no vestibular e ter sua matrícula indeferida na universidade. Não havia um mecanismo pra você voltar para as vagas gerais. Se você passasse no vestibular e seus documentos não estivessem corretos, a vaga era perdida. Por isso, resolvi me prevenir e separei todos os meus documentos para caso eu fosse aprovada. No dia de divulgação do resultado do vestibular foi difícil ver, pois a página da UERJ não carregava; os jornais já tinham esgotado todos. Como a UERJ estava em greve, o resultado foi divulgado por nome e não por número de inscrição. Saiu o nome por extenso no jornal e na Internet. Como o meu nome é ALLYNE com dois L e um Y, a maioria das pessoas que já estudaram comigo reconheceram e o meu melhor amigo, Felipe Lima, que estudou comigo no ensino fundamental, ligou pra mim e falou: Allyne, tem um nome aqui igualzinho ao seu no Direito, é você? Eu achei que você iria fazer jornalismo. Mas o nome é igual ao seu, não é possível! E está aqui como cotista pra negro, você fez

Direito? E eu falei que era eu. – Então você passou no vestibular. Eu chorei... Gritei... Meus pais e meu irmão ficaram tão felizes. Depois que passou a euforia, comecei a pensar em como me sustentaria na universidade. A gente não tem fé, duvida das coisas. Depois de 15 dias da divulgação do resultado, meu pai arrumou um emprego, na mesma profissão dele. E em mais 15 dias eu vim pra faculdade.

Entrei na faculdade em abril de 2004. Estava inscrita no pré-vestibular comunitário, mas como já tinha passado na faculdade e as aulas da UERJ começaram em abril, resolvi criar um pré-vestibular comunitário na minha igreja e ser coordenadora. Muitas pessoas me ajudaram a montar o pré-vestibular na Igreja, meus vizinhos e os próprios membros da Educafro. Fizemos um núcleo em Padre Miguel e eu virei coordenadora junto com outras pessoas de pré-vestibular comunitário, além disso, eu militava no Educafro.

Vim pra UERJ e no primeiro ano fiquei militando na Educafro como coordenadora de pré-vestibular comunitário, dava aula de cidadania, de português e ajudava na sede. Foi na Educafro que comecei a me apaixonar pelas questões raciais, a ler mais sobre o tema, queria entender certas coisas que sentia, mas que não conseguia nomear: a injustiça do racismo; o racismo que te precede; que chega antes de você em todos os lugares; não te deixa falar e te silencia. Além disso, varias outras questões eram problemáticas para mim, até a história da minha própria família.

Minha avó paterna teve e tem muita consciência racial, embora tenha sido analfabeta até quase os 70 anos de idade. Agora ela tem 88, mas sempre dizia pra mim – minha filha, os brancos não são confiáveis. Parece que meu bisavô matou minha bisavó, ou minha bisavó morreu - não sei direito- e depois distribui os filhos em várias casas. Minha avó e meus tios-avôs foram todos criados por padrinhos e só se conheceram depois de mais velhos, se procuraram nesses programas de rádio de antigamente. Minha avó paterna, Dona Adelaide, foi registrada como se nascesse em 1922, embora não tenhamos certeza. Foi criada como escrava e acordava 3 horas da manhã, não pôde estudar, colhia milho, plantou café... Essas coisas. Ela era tratada como escrava mesmo e sempre quis estudar, mas não a deixavam estudar, batiam nela. Eu tive avó materna também, Dona Glória, mas faleceu cedo, só me lembro dela fazendo roupinhas para as minhas bonecas e fazendo comida mineira, tão gostosa.

Minha avó Adelaide falava: Eu via aqueles brancos com anel de doutor, já tudo novo estudando e eu tendo que trabalhar. Então quando meu avô quis casar, ela com 17 anos (nas suas contas), idade em que se registrou para poder casar. Por isso, a gente não tem a exata certeza de que ela nasceu em 1922. Depois de casada, ela trabalhava como posseira, ela trabalhava, mas a maior parte ficava para o dono da terra e nunca conseguiu fazer dinheiro suficiente. Quando ela juntava o dinheiro pra comprar a terra, a terra estava sempre mais alta, o dobro. Eles ficavam trabalhando e não conseguiam o pedaço de terra sonhado. Meu avô falou que no Rio era melhor porque aqui eles não enganavam tanto os pobres, que teriam mais oportunidades. Meus avôs, tanto paternos, quanto maternos, são de Minas Gerais. Meus avôs paternos venderam tudo, os dois analfabetos, meu avô conseguiu um emprego e a minha avó teve os filhos e foi criando, lavando roupa e fez questão de que os filhos estudassem, porque ela tinha essa dor de não ter podido estudar. Então ela sempre falava muito isso pra mim, de como o negro era visto, de como o negro era maltratado. Do jeito dela e com as suas histórias, mas ela tinha essa percepção da diferenciação entre negros e brancos.

Então acho que essa minha entrada na Educafro foi meu jeito de nomear essas coisas que eu e minha família já sentíamos. A luta pela educação é importante, porque minha família acreditou que a educação salvava. Não esqueço a primeira entrevista que dei e que saiu no jornal. A minha avó já sabia ler, eu fui mostrar pra ela, toda feliz, e ela

estava muito feliz porque eu não tinha saído nas páginas policiais, porque é só assim que a gente sai no jornal. Depois que minha avó aprendeu a ler, ela lê todo dia, porque ela diz que não quer nunca mais esquecer as letras. O fato de ela ter feito essa leitura da minha matéria foi mais importante pra mim do qualquer outra pessoa que pudesse ter lido aquilo. (Emocionada)

Mas o tempo foi passando, a Educafro é um movimento misto de carentes e afro-descendentes e ali comecei a ter determinados choques. Começou a ficar patente para mim os diversos mecanismos que tornavam mais fácil um carente se inserir dentro da universidade do que um afro-descendente. Fui começando a me incomodar, mas precisava de um discurso racial mais construído e dentro disso os embates que surgiram dentro da própria universidade me fizeram buscar algo mais radical, de raiz mesmo. Fiz Direito, as pessoas dizem que Direito na UERJ é o melhor curso do Rio. É uma faculdade bastante conceituada por ter muitas pessoas no poder oriundas da UERJ, por isso ela acabou ficando com a fama de ser a melhor do Rio, quiçá uma das melhores do país, pelo número de ministros do STF, procuradores do estado, juízes, membros do MP advindos dessa universidade. Falo isso para dizer que era bastante nítida a divisão na sala entre os cotistas e a classe média alta, que é o público pra o qual a UERJ, uma universidade pública, foi feita. A classe média alta brasileira acredita que o espaço é deles, que é natural eles o ocuparem. Isso era um embate, porque para mim também era natural que eu estivesse na universidade, afinal também fui criada para isso, já para eles era óbvio que não era natural uma mulher negra, uma jovem negra na universidade. Como fui criada para isto, já comecei a brigar nesse momento, a questionar a insinuações dos alunos, dos professores, de que os alunos cotistas não tinham legitimidade para ocupar aquele espaço, como se não tivesse havido uma seleção.

Lembro-me que na primeira aula do direito, um professor preocupado com as cotas, um professor respeitado, fez uma enquête para saber de onde vinham os alunos. Quem vem do Santo Agostinho? E aquela “cabeçada” levantou a mão. Quem veio do Abel de Niterói? Quem veio do São Bento? Quem estudou no Ph, Pedro Segundo, dos Caps? Do Colégio Militar? Resumindo, ele só citou as escolas mais caras ou mais famosas do Rio de Janeiro e depois pediu para que os restantes identificassem suas escolas. Do CEI de Quintino era só eu na sala. Entretanto, a minha geração do CEI de Quintino foi uma geração muito boa, todos os meus amigos entraram para a universidade pública, mas a maioria em áreas tecnológicas. Mesmo estudando em escola técnica, não cumprimos o papel que o estado espera de nós, que é o de virar trabalhador, sem uma formação mais avançada. Fomos todos para a Universidade.

Então eu começo a ter esses primeiros embates, por isso precisei de uma constituição mais forte que a Educafro não me permitia. A Educafro pra mim era focada mais na inserção per si do que na discussão racial, principalmente na postura que um aluno deveria ter depois que ele entrasse na universidade: entrou na universidade, virou as costas para o movimento negro, isso me incomodava. Continuei na Educafro, mas precisava de mais.

Em 2005, eu estava andando pelos corredores e um amigo meu chamou e falou que um pessoal do nono andar – que abriga os cursos de Filosofia, História e Ciências Sociais-faria uma reunião com os alunos negros da UERJ para discutir nossa situação. Era época de eleição para o DCE, a gente resolveu fazer uma chapa, a “Avançar”, não fiz parte da chapa como integrante normal, mas fiz toda a campanha. Nós tínhamos uma estratégia e não falávamos diretamente sobre questão racial. Chegávamos à sala, imagina o impacto que tinha, de só negros fazendo campanha. A questão das cotas

pautava per si e a gente falava o que pensava. Era imediato, quando a gente entrava na sala os alunos perguntavam se nós éramos cotistas e o que pensávamos sobre a questão racial.

Fizemos sozinhos a campanha, o orçamento foi de imagina... R\$ 300,00 que juntamos do nosso dinheiro e colocamos cartaz pela UERJ toda. Nessa época, o pessoal já fazia campanha com R\$ 4000,00... 5000,00. A gente fez um auê aqui, armou uma capoeira, botamos a UERJ abaixo. Fizemos essa construção do avançar, ganhamos a eleição na proporcionalidade, tinham duas coisas pra votar, proporcionalidade e a chapa que você gostaria. Ganhamos umas cadeiras no DCE, mas começamos a discutir que isso não era suficiente, tínhamos a chapa, mas o que faríamos depois disso?

Resolvemos fazer um movimento de estudantes, um coletivo de estudantes negros na universidade. Essa reunião ocorreu no dia 13 de maio, durou 48 horas, ficamos esse tempo todo sem dormir, só terminou no dia 14 de maio, quando foi fundado o DENEGRIR. Escolhemos a cor amarela. Andávamos por aqui de camisa amarela perturbando os racistas da Universidade. Fizemos um coletivo de estudantes negros que na época da fundação tinha como objetivo a difusão de ações afirmativas, discutir a questão das bolsas, porque na minha época a bolsa só durava um ano e era ridícula, apenas R\$ 190,00. Além disso, não podíamos acumular com outra bolsa de pesquisa. Não tínhamos laboratório de informática na UERJ, quem não tinha computador sofria pra fazer os trabalhos, tinha custos. Qual estudante que sobrevive com R\$ 190,00? Sem alojamento, sem bandeirão, com uma biblioteca pouco equipada. Éramos um movimento focado no espaço universitário, nós queríamos ver a lei 10.639/2003 implementada na universidade.

Acho que o nosso desejo era formar um espaço de integração, onde qualquer aluno negro ou negra pudesse entrar. Não precisava ser cotista, precisava ser negro ou negra, a questão racial sempre foi muito mais forte. Até porque uma percepção que era nossa, na época, do espaço universitário, era que aqueles estudantes que ficaram com o rótulo de cotista foram os alunos negros, já que era aquele publico que antes não fazia parte da universidade. O aluno branco de escola pública passava batido. As cotas raciais eram as cotas que incomodavam, porque a questão racial é o calcanhar de Aquiles do país. Nós queríamos discutir democracia racial, questões de currículo, fazer pesquisa na nossa área. Foi nisso que nós nos focamos, trabalhamos para ter representatividade nas instancias decisórias da universidade.

Cada membro foi entrando nos centros acadêmicos das suas respectivas áreas. Eram reuniões de muito embate. Hoje faço a leitura (na época eu não fiz) que muitos dos problemas do nosso coletivo foram por conta da própria dificuldade de estar na UERJ. Era tudo muito difícil, muito difícil mesmo, uma luta diária. Nós estávamos tão preocupados, focados, nesse inimigo externo, nesse outro, que era o professor, o opressor, o colega de classe opressor (porque os colegas de classe também oprimiam) que não demos conta das opressões que poderiam ocorrer entre nós mesmos. As opressões de gênero, de orientação sexual, liberdade religiosa. Creio que nos protegemos pouco contra isso.

Nos éramos um movimento inédito nesse espaço, vivenciando algo inédito. Fomos ganhando voz na universidade, todo mundo sabia quem era o DENEGRIR, implodíamos todas as reuniões, não deixávamos passar nada se a questão racial não fosse discutida, trancávamos a pauta. Não sei se estávamos preparados para o destaque que ganhamos na universidade, acho que não nos prevenimos muito. Eu fiz parte do DENEGRIR em 2005 e saí em 2006. Saí em uma briga, numa viagem que teve, nem saí pela questão de gênero, embora isso fosse um problema no grupo. A questão racial ainda era mais forte pra mim do que a questão de gênero. Quando eu era criança e

adolescente nunca tive essa identificação com ser mulher, cresci ouvindo que não era feminina, que era impositiva, como a sociedade acha que os meninos devem ser. O meu irmão, por exemplo, sempre foi muito mais dependente do que eu, até no momento do carinho, do contato... Eu nunca fui assim, desde criança. Por isso, identidade de gênero não era algo tão forte pra mim, tão construído. O grupo começou a se incomodar com a minha participação em outras esferas, eles achavam que eu devia me centralizar pelo grupo. Creio que existe uma dificuldade de construção coletiva que nos temos porque somos muito acostumados a ser um negro sozinho nos espaços. Ser “o negro” professor universitário, “o negro” médico, ou seja, dessa solidão nos diferentes espaços. Penso que várias situações poderiam ser administradas e não o foram. Primeiro por uma ingenuidade na crença de uma família, de uma irmandade, numa amizade que faria com que as pessoas passassem a mão na sua cabeça, mas que não aconteceu. Os conflitos eram muito grandes, violentos. A militância é uma busca pelo poder em si, e se não ficar muito enegrecido pra todo mundo que é uma busca de poder coletivo, tem um momento que os caminhos entram em divergência.

Eu era bolsista no PPCOR na mesma época que ainda militava no EDUCAFRO. Quando fui fazer esse estágio no “Programa Políticas da Cor”, do laboratório de Políticas Públicas, percebi o quanto era difícil trabalhar na mesma área que você milita e escolhi que não queria viver disso, nunca tive esse sonho. O PPCOR, tinha vários outros estagiários, um grupo que já era do laboratório de políticas públicas antes de mim e que para me desvalorizar dizia que eu era a princesinha do movimento negro, novinha, bonitinha, “Afro-patty”. Quando eu entrei no programa criaram uma equipe para poder coordenar os eventos, porque quem coordenava se comunica com todo mundo, conhecia pessoas, era uma maneira de formar redes, um certo tipo de empoderamento e me excluíram dessa equipe. Teve um evento que foi no Ceará, que era do FORGRAD (Fórum dos Reitores de Graduação), que era um fórum de reitores e também um encontro com os procuradores jurídicos das universidades. Nessa época, tinha muita ação judicial e os procuradores e advogados das universidades ainda não sabiam como lidar com as ações contrárias as cotas. Eu estava auxiliando uma pesquisa, feita pelo Dr. Renato Ferreira e a Prof^a Raquel Lenz César, sobre os precedentes, sobre como os procuradores deveriam agir nos casos de liminares contra as cotas. O evento, como todos, teve alguns problemas, embora tenha sido um sucesso. Contudo, a equipe de eventos (da qual eu não fazia parte), disse que os erros ocorreram porque eu não fui colaborativa. Até o coordenador do programa, que tem muito tempo na academia, me disse: Allyne faz na maciota, leva devagar essas questões de hierarquia, diferenças de acordo com o título acadêmico, ciúmes da sua militância... Você é graduanda, não se estressa com essas falas. Nesse momento eu entendi o jogo acadêmico, no terceiro período da faculdade. Percebi como a mulher negra ameaça, pois as pessoas esperam nos encontrar num espaço de submissão, não estão acostumadas com mulheres negras que querem disputar espaço e não têm medo do poder.

Não tenho medo de responsabilidade, não tenho medo de construir meu discurso publicamente, nunca tive. E isso assusta. Ainda mais quando você não possui um conhecimento formalmente construído, pois eu não era uma pesquisadora de relações raciais, eu era preta e sempre achei que isso me dava autoridade para falar. O que eu vivi, nada pode me tirar, essa historia é minha. Não é um apoio ao empirismo, penso que a pessoa que pesquisa sobre o tema, mas não o viveu, pode chegar a conclusões legítimas e importantes, deve ser ouvido. Não compartilho da idéia de que a opinião de um branco sobre racismo não é válida porque ele é branco. Contudo, creio que nenhuma pesquisa deslegitima minha opinião. Nesse sentido, eu já me sentia nessa

posição de sujeito, e não de objeto de pesquisa, por isso era complicado para algumas pessoas entenderem essa minha postura.

Em relação ao meu desligamento do DENEGRIR, foi um processo muito doloroso para mim, porque eu era muito orgânica naquele espaço, dei minha vida, dei meu sangue por esse coletivo. Penso que existe um custo político em fazer parte de um grupo de militantes de negros e negras na universidade. Claro que foi um custo que não foi só meu, que todos assumiram, foi um risco conjunto. Acho que no jogo político uma coisa que pode acontecer é as pessoas discordarem de uma postura sua, mas foram os ataques pessoais que me incomodaram, pois eu era amiga daquelas pessoas e elas tentaram minar até o meu relacionamento, que pra mim era um relacionamento diferente, eu estava amando pela primeira vez. Já tinha namorado meninos negros e um único menino branco, que foi um relacionamento muito bom, exceto quando chega aquele momento da relação inter-racial, ainda mais quando você é militante, em que o seu modo de ver a vida é muito diferente daquele que o outro possui e dificilmente compartilhará com você, é um tipo de relacionamento que uma hora torna-se incompatível com o que você vive, foi o que aconteceu comigo. Então voltando para o meu relacionamento que era lindo e foi uma coisa importante pra mim, pois ele era dread, eu era Black,... e ver algumas pessoas falando mal desse amor me magoou muito. Eu não tive estômago para os ataques pessoais. Depois de todo o desgaste político e pessoal ficou insustentável continuar no Denegrir. Sumi por um tempo, estava vivendo um amor, me reaproximei da minha família, voltei a estudar mais firmemente. Finalmente reapareci em uma reunião, que foi a que me desliguei formalmente. A confiança é como um papel liso que foi amassado, por mais que você tente alisar esse papel, ele continua papel amassado. Não vi sentido, em manter aquela relação, se eu não confiava mais naquelas pessoas nem elas em mim.

A minha saída foi horrível, porque eu era Allyne do DENEGRIR, tinha essa identificação na época, pra mim foi uma perda de identidade muito forte. (Emocionada) Eu dizia meu Deus e agora, onde que eu vou ficar? O que vou fazer? Mas mesmo assim continuei próxima do grupo, ia aos eventos, ajudava, ainda falava com galera, não era mais a mesma amizade. No início do DENEGRIR a gente andava junto e fazia reuniões que duravam 6, 7 horas. Líamos os textos, discutíamos, fazíamos churrasco (na época não éramos vegetarianos). Eu deixava de ir para os eventos da minha família para estar com o DENEGRIR, de estudar para estar com o DENEGRIR, eu não assistia todas as aulas para estar com eles, porque aquilo era mais importante pra mim. Não me arrependo de nada, foi fundamental para a minha construção, para o que eu era e para o que sou hoje. Mas acho que saí na hora certa, no momento que Deus permitiu. Logo depois disso eu também saí do EDUCAFRO, meu pré-vestibular comunitário fechou e depois não fui gostando do ritmo que as coisas foram tomando, as pessoas que eu ainda me identificava saíram, então achei que era a hora de sair também.

Estava precisando cuidar de mim, foi um período de retomar meus estudos acadêmicos. Apesar de sentir que estava em falta com algumas matérias, não tive nenhuma reprovação na faculdade. Mas por conta desse foco nas relações raciais, deixei um pouco de lado algumas matérias do Direito. Eu não queria saber de Processo Civil, estava lendo Gislene Aparecida dos Santos, Lélia Gonzales, Malcom X, O Processo Civil que se explodisse! Depois eu repensei isso, afinal é a profissão que e terei que recuperar esses estudos, principalmente porque eu já estava mais ou menos no sexto período e as matérias começaram a se complicar. Então comecei a estudar, voltei para o Inglês, também saí do PPCOR. Foi um ano de muitas rupturas, me afastei de tudo. Agradeço ao conhecimento que adquiri quando trabalhei no LPP / PPCor com

o Pablo Gentili, que me deram uma visão mais pragmática da academia, tive o prazer de ver a Cláudia Miranda, Fabiola Camillo, Osmundo Pinho, Renato Emerson, grandes acadêmicos. Agradeço tudo que aprendi nesses espaços que foram essenciais para mim, o Denegrir, o PPCor e a Educafro.

Em 2007, fui estagiar em um escritório famoso. Um dos donos do escritório, que foi ministro do STJ, tinha uma trajetória importante na questão de defesa de igualdade racial. Eles eram favoráveis às cotas e assinaram o Amicus Curiae, que foi um instrumento jurídico utilizado para defender a constitucionalidade das cotas, perante o STF, pelo movimento negro, a sociedade civil carioca. A tese jurídica foi criada pelo Luís Fernando da Silva, advogado do Rio de Janeiro, e o advogado Humberto Adami também atuou. Os dois já foram ouvidores da Seppir, por sinal. Era interessante conversar com os advogados, aprender como era a atuação na área. Aprendi algumas coisas do direito lá, mas botei na cabeça que queria fazer intercâmbio, sempre quis viajar. Decidi que queria um estágio onde eu trabalhasse como um estagiário deve trabalhar e ganhasse razoavelmente mais, pois no escritório eu trabalhava muito, não tinha tempo para estudar direito e eu queria fazer alguns cursos. Por isso, larguei o estágio nesse escritório e fui para a FINEP.

Desculpa minha fala não linear, mas aconteceram muitas coisas na universidade. Acabei me lembrando de algumas que foram determinantes para que eu passasse a discutir gênero. Quando entrei na UERJ, em 2004, conheci a Monique e a Clarissa, minhas veteranas que foram do primeiro ano de cotas. Elas foram importantes pra mim, me receberam na universidade, me explicaram sobre os professores e tornaram a vida mais suave. A Monique era de Criola, uma ONG do Rio de Janeiro, e já tinha uma construção sobre gênero que me ajudou. Também tinha a Kaize, que apesar das grandes diferenças é uma grande amiga. Na época tivemos alguns problemas, porque certas pessoas da turma estavam “zoando” os meninos que ficavam com mulheres negras, fizeram uma brincadeira na minha sala e chamavam os meninos que “namorassem” com meninas negras, consideradas feias, de São Jorge (São Jorge é o santo que mata dragões). A partir desse episódio que comecei a pensar gênero de forma combativa, para além das divisões de tarefa na minha casa. Então eu e Kaíze Ribeiro escrevemos um artigo “A beleza que o ibope não escolheu” e publicamos no jornal do Centro Acadêmico de Direito. Nesse dia, o corredor do Direito silenciou para nos passarmos, todos estavam lendo esse artigo. Kaise e eu chegamos juntas na universidade, todos nos olhavam, cochichavam entre si. Depois ela foi na sala e falou do racismo, falou na frente de um professor nosso que era super racista, falou sobre o racismo e a questão de gênero. Foi uma catarse, as pessoas choraram, ela falou do enfrentamento diário contra o racismo a discriminação por gênero. Isso me marcou muito, primeiro pela garra dela (emocionada), as pessoas dessa época nunca vão esquecer disso. Depois disso começaram a surgir umas questões pessoais, em relação à traição. Comecei a identificar a discriminação com as mulheres e vi que nos éramos execradas. Passei a perceber a tentativa de deslegitimar mulheres através do comportamento sexual delas, discriminação feita tanto por homens, como pelas mulheres entre si.

No aniversário do meu pai de 50 anos, ele mandou eu convidar todos os meus amigos, chamei todo mundo. Nesse dia, foi em 2007, a Katiúscia Ribeiro, e todas nós, mulheres, estávamos com essa mesma percepção da questão de gênero nas relações. Eu, Katiúscia Ribeiro, Fabiana Magno Lacerda, Kaise Ribeiro Toledo estávamos na mesa e resolvemos criar um grupo de mulheres negras. Depois conversamos com a Lenora, que era psiquiatra do Pedro Ernesto, grande mulher, já falecida e patrona de nosso coletivo. Falamos com ela sobre essa nossa vontade, queríamos ir num abrigo,

trabalhar com várias mulheres. Em nossa primeira reunião, conhecemos uma menina moradora de um abrigo que começou a conversar com a gente, foi algo meio místico. Fechamos essa questão de que não seríamos um coletivo acadêmico, seríamos uma associação de mulheres e trabalharíamos em associação de prostituta, em abrigo, em creche, em escola, com a questão de raça e gênero. Começamos a organizar o AQUALTUNE, e aquele falatório, as pessoas comentando porque um coletivo de mulheres. Nosso grupo cresceu, varias meninas de outros lugares estavam sentindo a mesma coisa. Acho que depois da questão racial não resolvida, mas já sedimentada dentro de nós, começamos a ver esses embates de gênero que ocorriam dentro do próprio movimento negro e na sociedade.

No início do AQUALTUNE, só tínhamos nós 4, depois o grupo cresceu. Todo grupo tem seus embates, varias mulheres já passaram pelo AQUALTUNE, mas agora o grupo se estabilizou. Nesse primeiro momento, nós tentávamos construir com outros movimentos também, com movimentos mistos, mas depois esse trabalho começou a ficar difícil. Por exemplo, sei que hoje qualquer coisa que eu tentar negociar com o DENEGRIR não será com total confiança e nem eles comigo, por tudo que já aconteceu, mas eu tenho todo o respeito pelo trabalho que eles fazem. Eles estão aí, para o bem, ou para o mal, são uma referência e não tem mais ninguém aqui dentro do espaço da universidade se propondo a fazer o que eles fazem, botando a cara a tapa e eu respeito isso.

Então é difícil perpassar a questão do pessoal, que pra mim é onde o movimento negro não avança, nas relações pessoais e de categorizar: falar que fulano é reto ou não, sério ou não... ou seja, não reconhecer outras formas de militância. Algumas pessoas têm outras formas de enxergar o mundo, tem gente que é lúdico, que não vão ter o mesmo enfrentamento que eu. E isso não é só em relação aos homens, mas entre as mulheres. É principalmente uma discussão que pra mim já deveria estar superada mas não está dentro do movimento de mulheres, que nos Estados Unidos chamam de Feminism e Womanism. Na tradução seria a diferença entre mulherismo e feminismo. Nem todas as bandeiras feministas as meninas compravam. Era uma falsa oposição entre feminismo e família negra. Como se uma mulher negra feminista fosse inimiga de um homem negro. Uma mulher preta feminista é vista como uma ameaça para um homem negro, já para uma mulher branca e um homem branco é uma ameaça ainda maior. É muita subversão, como dizia uma professora minha: ser negra, militante racial e feminista. Quem é que agüenta? (risos) Uma mulher independente, que não constrói essa relação do sagrado casal. Eu sou cristã, fui muito católica, depois virei evangélica, mas não consigo construir isso pra minha vida, isso do casal negro, que é o centro do sistema, que é assim que nos vamos construir, que não há outra via. Eu quero ter uma família, também luto pelo direito ao amor, um companheiro, mas e as famílias monoparentais? E as lésbicas? E os homossexuais? Como fazem? Se você não constrói uma família negra, você falhou?

Para mim isso começou a ficar complicado. O movimento de mulheres me deu essa noção de diversidade, que no movimento racial só eu não tinha. Foi ficando dolorido ver na prática mulheres que militavam comigo serem oprimidas por homens que também eram militantes e ficar tudo bem. Quando a gente leva para o enfrentamento, os movimentos tentam levar tudo para debaixo dos panos. E nessa luta quem vira inimiga é aquele e aquela que denunciam a agressão. Também teve homens que denunciaram essas opressões, que não aceitavam aquela opressão de ver meninas negras militantes, com o maior potencial, apanharem, serem humilhadas. As meninas transformavam-se por causa do namorado, mudavam de religião, de postura. Eu não aceito essa submissão dentro da minha Igreja, mas entendo que a igreja é o espaço do

paternalismo, mas o movimento negro não é. O movimento negro é um espaço de libertação, principalmente o movimento de mulheres. Como que eu vou militar com uma pessoa do lado e ela vai dizer – não porque o feminismo... Lélia Gonzáles, porque Beatriz Nascimento, citando profundamente todas as feministas negras e ao mesmo tempo sofrendo epistemícidio pelo companheiro. Lélia Gonzales gritava na cara de todos esses machistas mais velhos do movimento negro! Como que eu vou “comer esse reggae”, de ver a mesma menina que fala de feminismo negro ir para reunião e “botar a viola no saco” porque o marido estava do lado?

Eu comecei a não suportar mais aquilo. A questão da fofoca também, da desqualificação das mulheres pelo exercício da sexualidade, do afeto. Eu ouço demais: e começaram a dividir de que era a favor do aborto e de quem não era, quem era promiscuo e quem não era. A mulher negra não pode ser promíscua... Isso foi um discurso que até no início eu como evangélica fazia, mas depois vi a bobagem que era. Perdemos muitas pessoas que eram cruciais para nossa militância por causa dessas divergências, começamos a ter esses embates, além das outras “passadas de perna” mesmo, até em questão financeira, questão de evento, poder, de articular por “debaixo dos panos”, reunião de corredor, de MSN, ficar fazendo fato político, construindo um mal estar e quando chega na reunião, tudo emperra, não se constrói nada. E essa necessidade, eu respeito os movimentos negros, acho muito saudável o dialogo, mas não tenho mais essa necessidade de respaldo dos outros movimentos para fazer o que eu faço. Até queria construir uma unidade, mas não sei como fazer. Acho que ninguém sabe.

Essa é uma evolução que não foi só minha, é do AQUALTUNE, das pessoas que estão no AQUALTUNE hoje, que sobreviveram a esses vários embates. Não tenho necessidade de fazer grandes eventos, com milhares de organizações apoiando. Existem movimentos que eu respeito e gostaria de construir coletivamente, mas se nós quisermos fazer algo só do AQUALTUNE, que somente nós acreditamos que dará certo, nós faremos. Não importa se compareceram somente 20 pessoas, para mim está ótimo. Primeiro por que é algo que aprendi na igreja cristã, a não catequizar quem já é batizado, quem é catequizado, é catequizado. Não vou ficar moldando meu discurso todo tempo pra agradar quem já é do movimento negro, eles já estão tão salvos, estão libertos. Não vou explicar o significado do batismo para quem é batizado, citar autores que todo aquele público já leu só por erudição, ser mais do mesmo.

Eu é que estou fazendo a minha libertação. Contribuiremos com as outras mulheres negras que assim quiseram ingressar nesse movimento conosco. Falarei aquilo que é caro pra mim, para mulher negra, o que é essencial pra mim. Acho que o AQUALTUNE hoje dá essa liberdade para as integrantes, de terem visões diferentes de mundo e de feminismo, o que antes não dava. Isso fez parte do amadurecimento do grupo, a concepção de que cada um é cada um, mas isso não inviabiliza o nós. Perdemos excelentes militantes por causa desses embates. Pessoas que tinham posições muito mais liberais, avançadas, mas que no início não conseguíamos administrar essa diversidade na unidade. O AQUALTUNE é muito importante pra mim hoje, é o movimento que eu faço parte, que eu não larguei, que me faz melhor. Embora eu ache que, atualmente, jamais posso militar como militei no DENEGRIR, pois aquilo que eu dei para eles, não sou mais capaz de oferecer para ninguém. Primeiro porque foi muito intenso, era tudo ou nada, se jogar de cabeça. Penso que hoje eu tenho essa consciência de grupo, que demora, às vezes você quer fazer algo e o grupo não avança. Eu tinha essa ânsia e a gente acaba se atropelando, porque centraliza, o outro não concorda, discute... Hoje em dia eu espero a minha evolução e a do grupo, tem que ter a sintonia de todas nós, construir consenso, não tenho mais tanta pressa. Também

entendi que não preciso deixar minha vida pessoal de lado, porque movimento negro, de mulheres feministas... o que seja, tem um monte de gente pra fazer, agora da minha vida pessoal só eu para cuidar da minha felicidade, dos meus estudos, da minha saúde, ninguém vai fazer isso por mim. Acho que hoje consegui esse equilíbrio.

Em 2008, fui para o Japão num intercambio que sempre quis fazer. Escolhi o Japão por razões pragmáticas, primeiro porque dava bolsa e meus pais não tinham condições de pagar e segundo, por essas coisas que sempre acontecem comigo. Eu pensei: posso ir pra qualquer lugar do mundo (sempre achei que iria pra vários lugares), mas para o Japão acho que vou agora, é uma oportunidade única. E como sempre, ajetei todos os documentos, deixei guardado na gaveta e falei que se eu sentisse no meu coração uma coisa diferente eu me inscreveria. Um dia antes da inscrição não dormi, fiquei pensando naquilo, sonhei com o Japão. Então eu fiz e fui selecionada, fui a primeira negra a ir do programa aqui da UERJ, pela faculdade de Direito. E foi essencial. A Isabela, uma grande amiga, da UERJ, me ajudou na inscrição e nós duas fomos selecionadas. Primeiro porque o Japão é uma possibilidade, obvio que não deixei de ser negra lá, um país racista, xenófobo, mas foi uma possibilidade de ser só estudante e foi maravilhoso! Porque aqui, no Brasil, eu sempre me dei responsabilidades sociais, de ser um exemplo na minha família, para os meus primos. Sempre me preocupei muito com os estudos, e dar gosto aos meus familiares de buscar seu lugar, realizar seus sonhos. Preocupava-me em ser aceita, amada por todos, sempre tive essa necessidade das pessoas gostarem de mim. E no Japão, em algum momento, eu me desliguei dessa necessidade, de fazer um pouco o que as pessoas esperavam de mim. Estudei como todo estudante, mas resolvi me divertir. Viajei, fui esquiar, me batizei na Igreja também, estava precisando repensar meu lado espiritual, repensar um relacionamento que terminou. Enfim, eu fui fazer as coisas que achava que tinha que fazer. Mas não me desliguei totalmente do Brasil, continuei ajudando o AQUALTUNE no que eu podia, revisando os projetos, ajudando no que as meninas me pediam. Sempre gostei de escrever, escrevo poesia desde os 8 anos de idade, não mostro pra ninguém, mas sempre escrevi. É uma coisa que me acalma, me faz bem, eu gosto de falar, até acho que sou boa oradora, costumam dizer que sou, mas o que me desabafa mesmo é a escrita, é o que me alivia. Então eu colaborava no que podia, no que elas precisavam, era importante não perder de vista essa minha dimensão racial, mesmo estando lá do outro lado do mundo.

Lá no Japão fizemos festa quando o Obama ganhou a eleição, lá todo mundo com camisa do Obama, a comunidade africana fez uma farra lá no Japão. Fui uma boa aluna, mas também não fui pro intercambio pra ser a melhor, essa necessidade que sempre tive. Mas não queria fazer vergonha, então tirei notas boas. Pensei quando chegar no Brasil (risos) o professor vai pedir o meu histórico, então mantive uma média razoável. Tenho bastante respeito pelo coordenador do programa, o prof. Domingues, não queria decepcioná-lo, como não o fiz. E no Brasil eu estava sempre envolvida em muitas coisas, estudava, fazia estágio, militava, fazia curso de inglês e antes da minha viagem para o Japão fiz o curso sobre “Teorias e Questões Políticas da Diáspora Africana na Américas”, organizada pelo PROAFRO e pela CRIOLA. Esse curso foi importante para mim, levei os textos pra lá, reli, comprei muitos livros em inglês, umas bibliografias raciais. Comprei vários de autores raciais americanos, li outras coisas também. Resolvi estudar política internacional, era uma coisa que desde o início da faculdade já estava nos meus planos, ser diplomata, mas depois fui militar e acabei me interessando por outras coisas. Estavam pensando em questões econômicas, na época o salário de diplomacia era muito baixo, achei mais fácil ficar na área

jurídica, até porque estudando para Direito poderia fazer milhares de concursos e em algum eu passaria. Já Diplomacia é um estudo bem específico.

No Japão, melhorei meu inglês, dei aula de inglês para criança. Trabalhei no OutBack como promotor, as pessoas pensavam que eu era americana, porque sou negra e falava inglês (mesmo com o meu sotaque!). Nesse trabalho eu sorria, apontava o salão e falava Irashaimasse (que é seja bem-vindo em japonês), gostei muito desse trabalho, mas fiquei pouco tempo. No segundo semestre, dava aula de culinária brasileira.

No Japão, comecei a pesquisar para minha monografia, queira escrever sobre diversidade e direitos fundamentais, mas quis usar bibliografia estrangeira. Viajei um pouco, gastei todo o dinheiro que não tinha (risos). Meus pais pagaram minha passagem para o Japão e eu paguei os gastos da viagem. Comprei algumas coisas e voltei para o Brasil. Juntei um dinheirinho lá, trouxe presentes para os meus familiares e amigos. Eu pensei que ao voltar para o Brasil ficaria bem, mas quando voltei fiquei muito mal, senti saudades e tive medo de como seria a vida depois da faculdade. Primeiro quis ficar com minha família. Aproveitei o tempo livre para ficar com a minha mãe, meu pai, meu irmão, ver o meu sobrinho. Então fiquei mais ou menos um mês minha família e também preocupada em terminar minha graduação, porque fui para o Japão no nono período.

Cheguei aqui para formar, somente faltava o décimo período, e eu sempre disse para minha mãe que não ficaria na universidade mais nem um segundo além do necessário para me graduar. Eu não gosto das coisas demorando, sinto-me marcando passo se não faço no tempo determinado. Aqui percebi que minhas idéias sobre diversidade davam para fazer um doutorado, ou melhor, um trabalho mais dedicado. Guardei a bibliografia e fiz uma coisa mais prática para tirar uma nota boa, porque era melhor fazer sobre um tema mais fechado, passar e tirar uma nota boa. Fiz a minha monografia sobre discurso de ódio e liberdade de expressão, - hate speech, que é uma coisa que está sendo discutida agora no Brasil, relacionado à liberdade de expressão. Por exemplo, um parlamentar, como o Bolsonaro, poder usar da liberdade de expressão para dizer que é contra os homossexuais? Na monografia trabalhei com os limites que a liberdade de expressão deve ter pra não abrigar discursos discriminatórios. Foi uma escolha pragmática também, pois pude tratar do tema racial sem muitos problemas. Escolhi um orientador, professor de direito constitucional, titular da cadeira, prof. Luis Roberto Barroso, grande professor e profissional. Ele é um advogado muito famoso; procurador do Estado e bem sucedido nas questões de direitos fundamentais. Ele foi meu orientador. Aprendi muita coisa, fiz uma boa monografia, com mais de cem páginas. A Banca foi formada por professores importantes, como: Ana Paula de Barcellos e Thiago Magalhães. Obtive a nota máxima. Estava preocupada em fazer a prova da OAB e fui bem sucedida, graças a Deus. E como tudo isso que acontece na minha vida, de forma meio místico, uma amiga me ligou, nesse meio tempo, e me falou: Allyne tem uma bolsa de diplomatas para afrodescendentes. Eu sabia da existência dessa bolsa e acompanhava o processo, mas tinha me desconectado, estava preocupada com a OAB. Ela viu o edital e lembrou que um já quis ser diplomata. Quando voltei ao Brasil, no final de 2009, essa minha amiga ligou falando da Bolsa Prêmio para afrodescendentes com vocação para Diplomacia. Fiz a inscrição e a prova, que estava difícil, mas pelo estudo que fiz no Japão, tive condições de fazê-la. Além disso, não deixei de ler o jornal brasileiro. Na prova, muitas questões foram relativas às relações internacionais. Fui aprovada, e fiz a entrevista em Brasília. Em Março, ganhei a bolsa, coleei grau, passei na OAB e fechei esse ciclo de Universidade. Agora estou estudando para concurso para diplomacia, advogando e sou do AQUALTUNE. Acho que essa é a minha vida, resumidamente. (Risos).



Figura 24- Allyne Andrade – Festa de Aniversário de 3 anos (1988). Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 25- Allyne Andrade – Com os pais, recebendo a carteira OAB (2010). Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 26- Allyne Andrade - Representação do AQUALTUNE na reunião com os afro-latino americanos - Senegal 2011
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 27- Allyne Andrade - Marcha das Vadias (2011).
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 28- Allyne Andrade - Foto com o Ministro das Relações Exteriores Celso Amorim – Itamaraty / Brasília 2010. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 29- Allyne Andrade - Intercambistas da Universidade de Kobe – Outubro 2008. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 30- Allyne Andrade - Aniversário de 4 anos do AQUALTUNE- 2011. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 31- Allyne Andrade - Evento do PPCor -2006 com André Brandão, Renato Ferreira, Jacques Dadesk e Osmundo Pinho. Fonte: Arquivo pessoal.

5.5 Com à voz Clarissa França

Sou de Aracaju (Sergipe), vivi lá até mais ou menos 17 anos. Sou de uma família de classe média, média alta, para minha cidade, que é outro contexto em relação ao Rio de Janeiro. Quando eu era criança, acho que não me reconheci enquanto negra, porque meu irmão é mais escuro, e eu o discriminava. Então eu não me reconhecia, porque no nordeste nós negociamos essas identidades e como sou mais clara, tinha toda uma negociação. Meu pai é mais claro em relação a minha mãe. Hoje eu vejo isso. Hoje em dia olhando para trás, percebo que sofri muita discriminação. Sempre estudei em colégios onde só tinham brancos e os quatro alunos pretos eram eu, meu irmão e os meus dois primos, que eram da minha família. Penso que a minha família é uma exceção, pois todos os meus tios e pais são formados, são médicos, mas eu não tinha essa noção quando era criança. Somente quando cheguei ao Rio de Janeiro percebi isso, como sou exceção no universo da população negra. Sempre estudei em colégio particular, nunca me faltou nada, nunca tive problemas de alimentação, de transporte... Sempre fui muito incentivada a estudar. Incentivada, cobrada, não tinha alternativa. Como não trabalhava, eu tinha que estudar. Esse foi sempre o foco da minha família. Hoje percebo que minha família é muito isolada, um ponto dentro de uma classe média em Aracaju. Somos muito sozinhos, não temos contato, porque você acaba se destacando da sua origem e ao se inserir fica sozinho. A sua família é aquela família preta, em que todos os médicos pretos da cidade são daquela família, que todos desconhecem. Sempre fui incentivada a estudar nos melhores lugares. Em Aracaju, sempre estudei no melhor colégio, fiz inglês, essas coisas... Quando estava na quinta ou sexta série, decidi morar no Rio de Janeiro, falei “– Vou fazer vestibular para o Rio de Janeiro, porque é a cidade maravilhosa.” Isso porque eu ficava vendo essa imagem do Rio na televisão. Meus pais não me deram muita credibilidade, falaram: “–Ah tá bom, você vai estudar no Rio de Janeiro”. Já por volta do primeiro ano, no segundo grau, decidi que seria diplomata e comecei a pesquisar tudo relacionado a isso. Conheci um diplomata, ele falou para mim que

eu não poderia fazer faculdade em Sergipe, tinha que fazer faculdade em um grande centro e sugeri Brasília. Então eu comecei a estudar, meus pais sempre apoiaram. Hoje em dia também vejo que por causa do racismo eu me sentia mal por ser preta, por achar meu cabelo feio, por ter uma bundona, entre outras coisas. Então, eu acabava focalizando no estudo. Sempre fui a primeira aluna da turma, porque era uma forma de me destacar, de me inserir, hoje em vejo que isso era uma estratégia. Então como eu sempre fui muito boa aluna, meus pais sempre me incentivaram muito. E quando eu falei que queria fazer vestibular fora eles me apoiaram. Comecei a estudar para o vestibular em Brasília, mas não gostei da cidade e quis ir para o Rio de Janeiro, que eu não conhecia. Nessa época, o meu sonho era estudar na UFRJ, porque eu nem conhecia a UERJ. A UFRJ fazia vestibular em vários lugares do Brasil, inclusive lá no Nordeste, em Campina Grande. No ano que eu fiz a UFRJ teve uma greve e anularam o vestibular, foi a maior confusão. Também fiz vestibular lá em Sergipe, na minha cidade, e passei, mas não quis me matricular. Minha família fez lá um complô para me convencer a fazer a matrícula em Sergipe, mas eu resisti, pois resolvi vim para o Rio de Janeiro. Arranjei uma universidade particular de relações internacionais aqui no Rio, mas achei o ensino fraco e não saberia o que fazer em Sergipe formada nessa profissão (risos). Então achei melhor voltar para o meu sonho principal, que sempre foi fazer Direito. Saí dessa universidade particular e fiz seis meses cursinho pré-vestibular. Nesse período conheci a UERJ, porque todos falavam que era melhor universidade de Direito no Rio de Janeiro. Então eu tive vontade de fazer a UERJ por ser a melhor, mas meu sonho mesmo era UFRJ. Passei para UFRJ e na UERJ não passei na primeira chamada, fiquei no segundo excedente de cotas. Nessa época comecei a ouvir a discussão sobre as cotas e entrei num dilema, porque falavam: “a cota é para negro, mas é para negro pobre, não é para os negros ricos”... Nesse tipo de discussão eu ficava pensando que por já ter estudado toda a minha vida em colégio particular, se eu fosse cotista estaria me aproveitando. Mas como no questionário do vestibular perguntava se você era negro ou não e, como no primeiro vestibular se você fosse negro não tinha a opção de não concorrer pelas, ou seja, como não tinha corte de renda, se você fosse negro, você iria concorrer pelas cotas. Eu falei: “não posso mentir e dizer que sou branca, eu sou preta, então vou concorrer pelas cotas mesmo, não tem o que fazer.” E me inscrevi pelas cotas. Contudo, eu era contra as cotas, principalmente por absorver o discurso da televisão, do jornal, que era o de pensar que o sistema de cotas não verificava a capacidade do preto e entrar pelas cotas significava que o preto não tinha capacidade. Mas como eu queria passar na UFRJ, não me importei muito com essas questões. Passei para o primeiro semestre na UFRJ e quando saiu a segunda reclassificação da UERJ eu fui classificada. Lá na UFRJ eu já estava participando do movimento estudantil pelos problemas relacionados à faculdade de Direito. Eu sempre gostei de resolver coisas políticas, no colégio sempre fui líder da turma, do grêmio... (risos). Na universidade entrei logo para o Centro Acadêmico. Como eu acabei passando na UERJ, fiquei na dúvida se iria. Mas na UFRJ eu estudava a tarde e era muito precário o ensino nesse turno, então resolvi ir para UERJ no segundo semestre de 2003 e fiquei muito feliz, satisfeita na UERJ. Sabia das cotas, mas em nenhum momento eu tinha participado de algum movimento desse tipo. No início das cotas, os estudantes que entraram na UERJ se reuniram e fizeram questão de buscar se organizar para pensar essas questões. Nesse primeiro momento não participei de nada, até porque eu cheguei no segundo semestre e a minha realidade do direito não tinha nenhuma discussão sobre isso. Mas estudando aqui na UERJ eu conheci a Monique, que participava da ONG CRIOLA, foi ela que começou a minha discussão. Na verdade, eu a achava o máximo, porque ela é negra, toda emponderada e tinha coragem de se colocar. E eu falava: “gente quero ser que nem essa menina”. Ela falava o que ela fazia na CRIOLA e queria que ela me levasse.

Lembro de uma vez que nós estávamos na turma e uma garota negra estava com uma blusa do colégio de segundo grau para conseguir pegar o ônibus e vir para faculdade. Nossa professora quando viu falou: “Mas você ainda estuda no segundo grau?”. Ela falou: “Não”. E a professora continuou: “Mas porque que você tá com essa blusa? Sabia que isso é antiético?”. A professora humilhou a estudante. Então eu e a Monique levantamos mão, porque queríamos responder e ela não deu direito de resposta. Levantamos e saímos de sala com a garota. Na época eu não tinha argumento para dizer que estava havendo discriminação, mas a Monique tinha e falou que a professora estava discriminando. Nesse momento nos aproximamos, começamos a conversar e ela me introduziu nessas questões. Também me lembro de um evento de hip hop da CRIOLA, de mulheres, que ela me convidou e foi onde comecei a conhecer o pessoal da CRIOLA. Conheci várias meninas que tocavam hip hop e também conheci um estudante negro, o Moacir, o Cizinho do DENEGRIR. O outro momento que lembro, é quando ele foi à minha faculdade comunicar que estavam formando uma chapa de pretos na UERJ, para disputar o DCE. Isso foi no meio de 2004 para 2005. Eu achei um total absurdo: “Como é que vocês estão montando uma chapa só de pretos?” Fui à reunião com uma amiga para dizer que discordava dessa iniciativa, mas quando cheguei lá tomei um impacto, só tinha preto na sala, de dread e alunos que eu nunca tinha tido contato. Eu me perguntei quem eram aquelas pessoas, todo mundo falando alto e a maior briga, todos discutindo o nome da chapa. Quando eles começaram a falar eu prestei atenção e fiquei pensando: “não é que eles têm razão?” Temos que montar uma chapa de preto mesmo, só de preto. Achei melhor ficar somente de apoio, porque já participava do Centro Acadêmico e, além disso, não quis ter nenhum conflito, pois também era questão de medo. Começamos a participar da chapa, ouvir as discussões e apesar de não concordar com várias coisas, não falava, por que eu não tinha embasamento teórico: não tinha lido Fanon, Malcon... (risos) E eu falava: “eu não vou falar, depois falo uma coisa que não tem nada a ver, todo mundo já é do movimento”. Depois eu procurava ler, comecei a me inteirar, foi uma época muito intensa, eu vinha para faculdade de manhã, só estudava, e ficava panfletando, indo nas salas e acompanhado o povo. Foi uma experiência que mudou a minha vida, porque comecei a ver a existência do racismo. Quando nós chegávamos, mais ou menos dez negros juntos, todo mundo começava a se acotovelar e a falar. Parecia que éramos um bando de bandidos, era algo que parava a universidade. Muitos acusam a gente de querer acabar com a paz na UERJ, falavam que não podíamos construir uma chapa de pretos. Foi uma época difícil, porque também não tivemos apoio do movimento negro. Também acho que não tivemos como acessá-lo, mas percebi que a gente não teve apoio dos mais antigos. Na verdade os únicos que apoiaram, fizeram numa postura de “pedir benção” e dizer que se nós estamos lá foi pela luta deles. Concordo com isso, mas penso que não é suficiente. Lutamos pelo DCE. Nesse período, a Sub-reitora de graduação na época (Raquel) colocou no CONSUNE a questão da nota de corte, sob o argumento de que as cotas estavam acabando com a universidade, com a qualidade, então era necessária uma nota de corte na segunda fase da UERJ. Nesse dia eu estava na reunião, brigamos para que a fala fosse aberta, mas quando conseguimos, percebemos que não tínhamos ninguém para falar, ou seja, pleiteamos a fala, mas não preparamos ninguém para falar. Nesse instante, vimos a necessidade de nos organizar. Hoje vejo que a gente se organiza, sabe o que quer, mas não consegue ter um projeto depois da conquista e isso que é muito complicado, porque o desgaste é muito grande. Depois disse momento, montamos o DENEGRIR - coletivo de estudantes negros. Tivemos discussões quanto ao nome, algumas coisas eu não acompanhei porque sempre ficava aqui no Rio apenas na época de aula e muita coisa acontecia nas férias, que era quando o pessoal estava com menos obrigações e tinha tempo para fazer outras coisas. Então fundaram o DENEGRIR, era um coletivo com

muita gente. Começamos a fazer grupo de estudo sobre a questão negra e eu comecei a descobrir um mundo que não conhecia, pois nunca tinha ouvido falar de tantos autores negros. O grupo de estudos do DENEGRIR tem esse viés, somente estudar autores e autoras negras. Nessa época não tínhamos sala na UERJ, então nos encontrávamos onde desse, no corredor, nas salas de aula, e foi nesse processo que fui me construindo e vi um fenômeno que foi todas as mulheres do DENEGRIR saíam. Apesar de entender o que elas falavam, não achava sair uma postura certa, pois penso que temos que construir dentro do coletivo e não abandoná-lo, o que não adianta nada. Decidi ficar, falei: “Eu vou ficar aqui, foi eu que construí isso, eu que fundei, não vou sair”. Eu continuei e fiquei até que o DENEGRIR ficou com cinco pessoas, sendo que quatro são homens. Nesse meio tempo surgiu o AQUALTUNE, formado por várias pessoas que eram do DENEGRIR antes. Também participei desse coletivo, porque a discussão de gênero não me contemplava no DENEGRIR, além de achar que não tinha condições de empreender uma discussão desse tipo lá. Comecei a participar do AQUALTUNE, mas tive muita divergência em relação ao posicionamento, porque eu já tinha um posicionamento do DENEGRIR e tenho uma postura diferente delas sobre o feminismo e a questão da mulher. Acabei saindo do AQUALTUNE, até porque eu decidi construir no DENEGRIR mesmo. Acredito que temos que fazer algo para que as mulheres entrem no DENEGRIR, por isso resolvi militar somente no DENEGRIR mesmo. O DENEGRIR tem seis anos, quase a minha faculdade inteira, cinco anos de faculdade, seis anos de DENEGRIR. Já tenho três anos de formada e considero que militar no DENEGRIR foi extremamente importante na minha vida. Acho que se eu não tivesse entrado na UERJ, no momento que entrei e não tivesse participado desse processo todo, vejo que a minha tendência de embranquecimento teria se mantido. Eu vim de uma realidade de embranquecimento e isso só se perpetuaria e se aprofundaria cada vez mais. Sempre convivi em espaços em que sou a única negra, hoje trabalho na procuradoria do município e sou a única negra. Aqui no Rio conheci outras realidades, fui morar num pensionato de mulheres, em Humaitá, muitas bolsistas da PUC moravam lá. Tive contato com pessoas de outros lugares do Rio, da Baixada Fluminense, que eu não conhecia. Conheci a realidade de não ter dinheiro para pegar um ônibus, coisas que antes eram muito distantes de mim, pois eu não entendia como as pessoas não tinham o dinheiro da passagem. Nesse momento que eu identifiquei como a minha realidade era exceção. No DENEGRIR tinha umas reuniões nas quais os integrantes contavam as “tragédias” da vida, como: não ter o que comer, dormir no chão... Percebi que não tinha nenhuma tragédia para contar, porque sempre tive tudo. Então essa questão, que eu também via muito, das pessoas terem que trabalhar quando terminava o segundo grau, da família pressionar para ela estudar e trabalhar, na minha família era o contrário. Percebi o quanto a minha realidade era diferente, como era alguém não ter um lugar para estudar, porque a casa não permite, eu já não tinha essa realidade, não ter um computador... Eu somente tinha ideia do que era ser pobre, mas não tinha conhecimento dessa realidade. Na minha família o que ela quer fazer, ela parcela, mas faz, não tem muito problema de acesso. Eu nunca tive uma coisa que quisesse e não pudessem me dar. Eu também nunca quis muita coisa, mas como a minha mãe sempre fala “- em ordem de pobre a gente sempre teve muito”. Outra coisa que percebi como exceção na minha vida é o fato dos meus pais serem casados até hoje e serem dois pretos com formação universitária, minha mãe e meu pai são médicos. Na maioria das famílias negras a mãe sozinha, ou a avó cuida dos netos, sempre tem algum processo desse tipo. A minha família é muito diferente. Quando eu era criança tive alguns conflitos com a minha mãe, porque sempre fui muito imperiosa, sempre quis as coisas do meu jeito, sempre bati de frente com a minha mãe porque ela também é assim. Mas quando eu aqui no Rio de Janeiro comecei a

ver as histórias das mulheres negras, admirei cada vez mais a minha mãe. Eu falava para ela: “mãe... a senhora é maravilhosa... a senhora é uma lutadora”. Porque eu comecei a ver tudo que a minha mãe passou, a minha mãe era pobre, não tinha nada. Todo mundo falava que ela tinha que ser professora, porque filha de pobre tem que ser professora, mas ela quis ser médica, isso há mais de 30 anos. Há 30 anos uma pessoa negra, uma mulher negra, entrar na faculdade de medicina em Sergipe era muito difícil. Mas ela entrou e era a única negra. Lá todo mundo era parente de alguém. Uma lembrança que ela conta é que no primeiro dia de aula o professor pegou a lista e começou a falar: “ah... você é dos Francos, eu conheço a sua tia, sua avó está bem?” Já o nome Cléia Marques Santos não tem nenhum parente conhecido. Minha mãe brincando falou: “ah... sou parente de Silvio Santos” (risos). Ela só teve mais acesso aos livros de medicina porque fez amizade com a neta do governador de Sergipe e por isso conseguiu estudar mais, porque ela não tinha como comprar nada. Acho que muito dessa minha ideia de vir para o Rio de Janeiro é porque minha mãe fez pós-graduação aqui. Vim para o Rio, fiquei aqui até agora, já tem três anos que me formei e isso mudou a minha vida. Eu alisava o cabelo, foi um processo muito duro parar de alisar (risos). No movimento negro que eu participei o pessoal não é muito sentimental (risos). Ninguém entende o seu momento, todo mundo só quer que você pare de alisar cabelo e acho que não é assim, as pessoas precisam de todo um processo, apenas falar não adianta. Eu sofri com o cabelo desde criança. Acho que tem uns três anos que não aliso mais, parei um pouco antes de me formar. Eu não sabia como era o meu cabelo sem alisar, porque desde criança eu o aliso. Também sentia muito quando chegava em Aracaju, porque aqui eu tinha um grupo que me fortalecia, que não deixava alisar. Já em Aracaju todos falavam que eu tinha que alisar, falavam que meu cabelo estava horrível. Então sempre que eu chegava em Aracaju acabava alisando. Aqui eu estava firme de que não iria alisar, porque não posso me mutilar e quando chegava lá meu pai, era o pior meu pai, pressionando dizendo que meu cabelo estava horrível. Até que eu tomei a decisão drástica de botar trança, porque como meu cabelo era alisado, ele quebraria todo e eu teria que cortar. Cheguei lá de trança, elas foram um drama familiar. Tive que cortar o cabelo, deixei ficar natural e até hoje está assim, mas tem sempre uma pressão quando chego lá em Aracaju. Teve um dia que botei um Black bem grande, botei o cabelo todo para cima e cheguei ao aeroporto. Quando meu pai olhou, falou... “Clarissa que cabelo é esse?” Aí eu falei “É meu cabelo, não pode?” (risos) “E o seu cabelo aí?” Meu pai é misturado com índio, então o cabelo dele é mais baixinho. “Deus fez assim, o senhor quer mudar agora o meu cabelo?” E ele “– Não, porque esse DENEGRIR!” Porque para ele tudo é culpa do DENEGRIR, culpa da minha participação no movimento negro, porque eu estou ficando louca, porque tudo é racismo. Nesse processo também comecei a falar com o meu irmão, que é um ano mais novo. Ele ficou em Aracaju, faz medicina e é o único preto da sala, todos os amigos dele são brancos. Ele namorou uma garota que no contexto do nordeste é “branca”, mas ela é preta, apenas tem a pele clara e o olho verde, por isso pode negociar a identidade. Ele também sofria várias coisas, é mais escuro do que eu, bem mais escuro, mas também não percebia o racismo. Eu dei um livro para ele “Tornar-se negro” e ele começou a ver as coisas. Várias vezes ao ir aos eventos com a minha mãe ele percebia que era o único preto no local. É isso, a gente é sempre o único, é sempre o “bonde do eu sozinho”, eu sou o único a estar lá. Dessa forma, ele começou o processo, em alguns momentos ele avança, em outros retrocede, porque não ter o apoio de um grupo e também não encontrar um ambiente propício. Ele passou por todo esse processo das cotas lá em Sergipe, viu todos os absurdos dos estudantes do colégio particular irem todos vestidos com o uniforme do colégio, para mostrarem que não eram cotista, no primeiro dia de aula, passeata na rua. Teve um episódio que foi marcante para ele, no dia 20 de novembro. Lá em Aracajú não é

feriado, ele estava na sala e o professor perguntou: que dia é hoje? Ninguém sabia e ele perguntou para o meu irmão – que dia é hoje? E o meu irmão falou que não sabia. O professor disse que ele tinha a obrigação de saber, porque era o dia da consciência negra. Isso ficou tão marcado que no outro ano, no dia da consciência negra, ele colocou uma blusa escrita “100 % Negro” e foi para a faculdade, só que, ingenuamente, pensou que passaria despercebido, que ninguém o questionaria. Ele foi para faculdade, sem preparo nenhum, sem discurso nenhum (risos), somente com a camiseta. Ele ia para o banheiro e me ligava, para que eu dissesse o que ele deveria dizer, porque estavam o acusando de racista. Nesse momento ele percebeu que não basta só vestir a camisa do “100% Negro”, precisa ter o discurso. A mesma situação acontece com a minha mãe. Hoje em dia ela participa das rodas com as amigas brancas e coloca-se a favor das cotas, porque ela só tem amigas brancas também. Eu vejo como a gente influencia a família na discussão e como eles têm também suas limitações, da vivência. Logo no início eu também não entendia nada, era super-revoltada, dizia que todo mundo não pode alisar o cabelo, falava para minha mãe que ela tinha que parar de botar bobs, porque isso é uma mutilação. Depois eu aprendi a respeitar mais, hoje percebo a dor que é perceber que a vida toda você acreditou numa mentira, ver que sempre foi discriminada. As pessoas têm resistência de enxergar o racismo porque dói e eu entendo. No início eu não entedia, falava que botaria na minha filha um nome africano. A questão de querer casar com um homem negro também é muito discriminada pela minha família, meus tios falavam que cabelo dos filhos seria muito duro (risos) e eu respondia para os meus tios que eles também eram todos pretos, como é que falavam isso? Na minha família é muito engraçado porque têm de tudo, uns se identificam como pretos, outros dizem que são “canela”, que são “bombom”. Comecei a identificar todos esses processos também, todos os meus tios que têm ensino superior são casados com brancas. Todas as minhas tias ou são solteiras ou são casadas com pretos. Somente uma é solteira, a gente no movimento chama de “preta top”, ela é cardiologista, super famosa em Sergipe, dá aula na faculdade de cardiologia, já foi presidente da associação, é cardiologista do governador, mas é sozinha, nunca se casou. Na minha família muitos conseguiram estudar, mas as mulheres estudadas não se casam. Elas falam que não encontram pretos que estejam no mesmo nível e também não são escolhidas. Como todos os meus tios eram casados com mulheres brancas isso era um problema, porque eu chegava às reuniões e falava que as brancas eram interesseiras. Outra coisa que percebi era que eles são casados sempre com mulheres de classe inferior, eles são médicos com pós-graduação e são casados com mulheres que têm o segundo grau, donas de casa, mas que tratadas como princesas, são bibelôs. Enquanto as mulheres negras da minha família sempre são muito batalhadoras e sempre foram aquelas que botaram a família para frente. Tem a referência da mãe da minha mãe, que tinha um comércio. Eu falo para o meu irmão que ele tem que casar com uma preta. Ainda bem que a namorada dele é preta, se bem que ela se acha branca, mas ela passa pelas mesmas coisas que todos os pretos passam e não entende, também não quer compreender, porque também tem o “privilégio” de ser considerada branca, prefere ficar nessa negociação. Eu já estou pensando em voltar para Aracajú, quero terminar a pós-graduação para poder fazer isso, porque vejo que há muita a ser feito lá. É igual a Salvador, tem muito, muito preto, mas que não se reconhecem, pensam estar tudo bem, que a questão é apenas trabalhar e lutar para conseguir. Hoje acho que a minha família é legal porque eles já fizeram esse caminho, já lutaram, já conseguiram as coisas materiais, mas viram que falta alguma coisa, viram que por mais que se tenha você está sempre sozinho. Por mais que você tenha, você não consegue levar a sua família toda, existe um núcleo da família que é bem sucedido, mas que não se expande. Outro fenômeno é que a segunda geração, a geração que vem depois dessa que estudou, é um contrassenso, porque

deveria estar estudando mais, por sempre ter tido tudo, mas não o fazem, os únicos que estão estudando somos eu e o meu irmão. Por isso, não basta somente lutarmos pela questão monetária, pelos bens materiais. Porque vamos conseguir, mas quando chegar lá a gente passará pelas mesmas discriminações, conseguiremos pagar e botar nosso filho preto na mesma escola branca, na qual ele será “esculachado” desde criança, assim como nós fomos. “Qual é a diferença?” Hoje em dia eu tenho dinheiro, trabalho, sou advogada, mas vou colocar o meu filho aonde? Em que colégio? Num colégio que reproduzirá a mesma coisa e ele sofrerá como eu sofri a vida toda, sendo a “tanajura” e o meu irmão sendo o “fedorento”. No final você está pagando pelo embranquecimento do seu filho. As minhas priminhas pequenininhas detestam ser pretas, elas têm três anos de idade. Na minha família eu vejo isso. A minha família não tem uma mínima ligação com a comunidade. Quando eu cheguei aqui eu vi o pessoal que mora em favela, lá em Aracajú é bem diferente. Aqui mesmo você sendo rico, morando no Leblon, você passa pelo morro todo dia e vê a pobreza. Lá em Aracajú não é assim, o rico não sabe onde o pobre mora, não vê, não passa, não convive de jeito nenhum, não tem o intercambio daqui. Em Aracaju a minha vida era pegar o carro e ir para o colégio, do colégio meu pai me buscava, levava em casa, quando saía do colégio para casa da amiguinha, meu pai me pegava e levava para casa da amiguinha. Outra situação que me impactou na UERJ foi a questão da bolsa ser de R\$190,00. Isso não é nada para a realidade das pessoas que mesmo não tendo o que comer, vem para faculdade. Além disso, na faculdade nós somos cobrados o tempo, temos que nos equiparar aos outros, sermos melhores, estudar muito... Isso também foi uma coisa que comecei a ver. A desestruturação da universidade pública é muito pior para quem não tem dinheiro, para quem é pobre, para quem é negro, porque você depende da estrutura, você depende de uma biblioteca boa, de acesso à internet, coisas que não se tem em casa. Enquanto uns do Centro Acadêmico querem lutar para ter festa, outros querem lutar para ter o livro na biblioteca, por não terem dinheiro para comprar e a universidade não ter a sensibilidade de perceber isso. Nós vimos vários equívocos da reitoria da UERJ, por exemplo, teve um tempo que a bolsa que era para os cotistas não podia ser acumulada com outra bolsa, então a bolsa que era de assistência estudantil tornava-se bolsa de pesquisa, e não podíamos fazer estágio pela fortuna de R\$ 190, 00. A UERJ não tem coisas como alojamento e bandeirão, como têm a UFRJ. A gente sempre viu a questão de acabarem com as cotas dentro da universidade articulada a precarização da política. Porque quando não há subsidio para política, ela vai se extinguir. E a tendência do discurso do reitor é de que não tem mais demanda para as cotas, ele fala que estão sobrando vagas. Isso é uma política de incentivo ao PROUNI. Ao sairmos na estação de trem, vemos uma propagando enorme do PROUNI, sendo que o público alvo do PROUNI é o mesmo público alvo das cotas. A universidade não faz nada para que as pessoas saibam a existência das cotas. O motivo das pessoas não concorrerem, não é falta de vontade, é não conhecerem a existência das cotas e se acharem incapazes. A autoestima está tão lá embaixo, que elas acham que é muito difícil, que não conseguirão fazer universidade. Eu vejo como é importante lutarmos e mostrar que isso é diferente na universidade. Acredito que a universidade é um espaço de resistência para construirmos. Contudo, hoje eu também acho que temos uma postura muito elitista, mesmo o movimento negro que está na universidade. Acabamos comprando um discurso que hierarquiza a luta do preto. Percebo como não conseguimos dialogar, porque queremos enquadrar, dizer o que é o certo, o que é ser preto. Ser preto é não alisar o cabelo, usar umas roupas africanas, adotar um nome africano... Então o preto que foge desse estereótipo não é preto, pode até ser preto, mas é um preto alienado. É um “preto confuso”, tem várias denominações. Esse discurso não contempla a maioria das pessoas que estão no movimento negro hoje. Penso que existem outras formas,

além do discurso, de construir resistência, de conquistar as pessoas para a militância, como afetividade, levando para outros lugares, pois se for pelo discurso inicial ninguém volta. No meu grupo mesmo não pode casar com branco, não pode alisar o cabelo, entre um monte de outras restrições. Dessa foram, ninguém retorna ao grupo (risos). “Porque que eu voltei?” Porque gostava de ficar aqui. Eu não tive isso na minha universidade, nos outros lugares por onde passei, por isso gostava de ficar aqui, mas eu os achava muito radicais, mas fiquei apesar disso. Também existe um pessoal menos radical, a “ala mais ou menos”. Penso que somente pelo discurso é um caminho de muito sofrimento. Se eu não soubesse de muitas coisas, acho que a vida seria mais fácil, eu ficaria feliz de ver a Taís Araújo tomar tapa na cara na novela, eu ficaria feliz de ver a política da Rede Globo de colocar em toda novela um homem preto com uma mulher branca, ou uma mulher preta com um homem branco. Eu ficaria feliz, mas agora não consigo mais ver TV, porque fico com raiva (risos). Não posso ler o discurso do jornal pelo mesmo motivo. Eu não fico com raiva da gente, porque na vida de militante começamos a construir espaços para trocar afetividade, precisamos dessas coisas, ou enlouquecemos. A gente lida com sofrimento o tempo todo e não conseguimos fingir que não estamos vendo. Não dá para achar legal ver a procuradora do meu trabalho falando de “samba do crioulo doido” no meio da palestra. Tenho que levantar a mão e me posicionar e dizer para a doutora que essa é uma expressão racista. Você fica rotulada como policiadora do ambiente. Eu vi muito isso na época da invasão do Complexo do Alemão, as pessoas diziam que tinha que matar, fuzilar, e eu questionava o fato dessa mesma postura também estar presente na procuradoria geral do município do Rio de Janeiro, nos advogados. Alguns dias eu resolvo que não vou falar sobre racismo, mas sempre acontece alguma coisa (risos) que eu tenho que falar. Nunca dá, porque só de andar com preto já é um problema. Quando sai todo mundo do DENEGRIR para ir numa pizzaria, todo mundo de black, cabelo com dread, é uma “atração de circo”, todos param para ver. Nós começamos a dar tchau para as pessoas, nem podemos nos divertir. Percebo como ficamos sem espaço, porque a boate da Lapa não nos contempla, a escola de samba não contempla mais, o funk a mesma coisa... A gente fica fora, excluído da nossa própria comunidade, porque não vamos ao funk porque a imagem da mulher negra está sendo embranquecida e ela está sendo desrespeitada. Não vamos ao samba porque o samba, hoje em dia, está com muitos gringos. Então acabamos não indo para lugar nenhum. Nos isolamos e não dialogamos porque ficamos sem espaço. Em relação ao que eu falei, penso que não conseguimos criar pontes. Os brancos lá na minha faculdade tinham toda uma rede, eles entravam na faculdade, mas já sabiam os livros que estudariam e o que queriam ser. Eu nem sabia o que era promotor, e olha que minha família só tem pessoas com o terceiro grau. Eu sabia o que era juiz, por que minha mãe sempre quis que eu fosse juíza. Mas enquanto você descobre no final da faculdade o que é isso, decidi que vai ser um juiz, você se depara com uma realidade completamente diferente, que é o mercado de trabalho. E no Direito se você não tiver quem te indique, não entra nos grandes escritórios, não conseguem nem estágio nessas grandes empresas, isso é algo que tentamos falar com a OAB. Eu não conheço nenhum preto que está nos grandes escritórios. Os pretos bem sucedidos que conheço fizeram concurso público. No mercado de trabalho a discriminação é a mesma. Além disso, tem que ajudar a família, porque já ficou esse tempo todo estudando e agora ele tem que ajudar financeiramente. Dessa forma, começa um círculo vicioso onde a grande maioria dos negros tem uma decepção quando se formam, porque esperavam outra coisa, esperavam passar rápido em concurso. Essa falta de orientação e suporte, penso que é um problema do movimento negro. Por exemplo, quantos negros a gente já tem formado? E não conseguimos atingir esse negro que está entrando na UERJ, que passará pela mesma coisa que eu passei, são tão poucos e nós não

conseguimos, entendemos a importância, mas não conseguimos. Ou não queremos, não sei. Porque não conseguimos dialogar, dialogar com o mais velho, dialogar com quem já se formou, com quem está entrando. Sempre vemos como se fosse um problema do outro. Eu também vi isso em relação aos professores negros na UERJ. Com exceção de você, Magali, os outros compram muito o discurso da relação “professor–aluno”, não enxergam o aluno negro, que passou pelas mesmas coisas que ele, prefere o discurso da hierarquia e nisso não há troca. Todos falam a mesma coisa, mas não falamos o nosso discurso entre si. Toda vez que vou às palestras, já sei tudo que vão falar, pois depois que você é do movimento negro sabe aprende sobre a questão da mulher negra, do homem negro, do racismo, da discriminação. Eu Clarissa sou o lado S.A do movimento, por que eu quero montar empresa, pois penso que hoje em dia temos que montar empresa, não dá para esperar quem dê emprego para gente. O branco não vai dar. A gente vai ficar dependendo do branco até quando? O preto consome e gasta dinheiro, se não criarmos empresa, viramos apenas nicho de mercado. E assim, enriquecemos os brancos. Compramos os produtos deles. Existe uma demanda e temos que aproveitar isso. É a mesma coisa em relação a questão da mão- de-obra. Se não nos atentarmos na necessidade de capacitar nossa população, por quanto tempo falaremos que a escola pública não presta? Isso eu já sei. Não é questão de deixar de lutar por isso, mas quantos professores negros nós já temos? Quantos se formam todo ano? Não podemos mais alegar que é por falta de pessoas qualificadas, isso já temos, então o problema é outro. Penso que precisamos criar instituições. Não tem uma instituição preta que chegue aos lugares e acolha ou proteja a mão de um garoto preto. Não tem! Ficamos perdidos, não temos uma referência a quem recorrer. Então deixamos espaço para que o “VIVA RIO”, que está em todas (risos), é uma ONG enorme, ocupe. O movimento negro tem todo um problema com a questão de empresa, pelo menos o movimento que participo, não é marxista, mas o sistema não contempla, o capitalismo não contempla... Concordo, mas as pessoas precisam trabalhar e precisam comer. Eu questiono muito qual é o papel da nossa geração. Cada geração tem o seu papel, teve geração que começou a visualizar o racismo, mas que não conseguia partir para ação, que ficou na postura de denúncia, porque era o que dava para fazer naquele momento. Mas e a nossa geração? O mesmo discurso que a gente usa hoje, a Frente Negra usava lá trás. O Abdias já falava isso desde o início, e o que mudou até agora? Nada! Nada vai mudar do dia para noite, mas precisamos entender que a luta é dinâmica, que ela tem que ter muitas faces. Não dá para o pessoal só escrever na universidade, isso é o papel de uma pessoa, de um grupo, um grupo de pretos vai escrever na universidade, vai dar suporte teórico, mas tem que ter um grupo na rua para fazer, tem que ter o pessoal nas empresas, não tem como todos fazermos as mesmas coisas. O preto militante tem que ter lido Fanon, lido Malcom... Eu li metade do Malcom, porque tenho que ler tanta coisa, muitos também não leram os livros de direito que eu li. Então cada um lê o que tem, na hora que você precisar de defesa, você me chama (risos). Não dá para ler tudo, temos que ser estratégicos. Eu tenho que ser boa para quando o movimento negro precisar de mim no direito eu dar conta. Temos que entender os papéis de cada um ou ficaremos sempre querendo cobrar do outro e isso não agrega. Cada um tem que fazer a sua parte para irmos além. Eu saí do AQUALTUNE, mas nunca vou querer ver o AQUALTUNE ruir, porque o que elas discutem é muito importante, o que elas fazem é muito importante. Antes de ter equívoco, ou não, são mulheres pretas. E sempre vai ter equívoco, mas eu não vou chegar num lugar de brancos e dizer isso. Temos que conversar internamente, discordar entre nós. Claro que sempre lidamos com escassez, escassez de recurso, de recursos humanos, mas já sabemos disso e não nos preparamos devidamente. A mesma coisa acontece aqui na UERJ, estamos vendo que a política de cotas está morrendo, ninguém está falando nada, nem a gente está falando nada. Eu estava até estava pensando em escrever sobre

isso no curso, saiu o decreto do governador destinando vagas para outros segmentos e ninguém falou nada, nem mesmo a imprensa. Somente vi uma nota no jornal e isso é muito estranho. Essa é a política de inviabilizar a política de cotas e matar. Porque o que deu mais força para política de cotas? O debate! Não está tendo debate. Está sendo abafado, porque já viram que o debate é bom, que foi ele que fez a política de cotas se consolidar. A estratégia agora é outra e nos precisamos de gente que analise o contexto, porque se eu estou aqui no embate, todo dia, muitas vezes perco algo que está acontecendo. É um decreto ali, uma política aqui e a gente vai perdendo. Não estamos vendo o contexto em que o racismo está, porque se ele é estruturante, temos que ter essa visão da estrutura. Não dá para ficar segmentando só aqui, alguém precisa fazer essa análise global, e não conseguimos fazer isso nem na realidade brasileira. Eu sempre falo para minha mãe que não podemos colocar a culpa nos outros da nossa falta de informação, se a gente não sabe é porque não queremos. Antigamente as pessoas não tinham internet, não tinham facebook, não tinham nada, mas mesmo assim se articulavam. Hoje em dia temos tudo, e está acontecendo alguma resistência em Salvador e nós do Rio não nos manifestamos. É um absurdo fazermos um congresso negro em que as pessoas do Nordeste são sub-representadas. A maioria da população negra do país é nordestina e isso é algo que me incomoda ainda, por isso quero voltar também. Eu não vejo movimento negro no nordeste, com exceção da Bahia. A Bahia é o ápice do movimento negro no Nordeste. Em Aracajú tem muitos quilombos, mas não conseguimos nos comunicar. Não vemos o que é estratégico, para agirmos no sentido de composição de interesses. Dessa forma, terminamos entrando em conflito por pouca coisa. Por exemplo: o irmão tem um jornal, mas se o jornal não é reto, eu não vou escrever no jornal, nem comprar o jornal. Muitas pessoas liam o Irohin, mas a gente deixou morrer. Eu entendo que não era apenas um projeto de uma pessoa, era um projeto do movimento negro. Se o movimento negro tomasse aquilo talvez tivesse outro rumo, mas a ideia é sempre de individualizar, criar coisas isoladas. Não dá mais para uma organização fazer tudo, essa organização tem que dialogar com as outros, porque temos que produzir em muitas áreas, se uma discute a questão da mulher, outra produz na área da violência. O que eu percebo em relação ao movimento universitário é isso, o diálogo é muito difícil. Nós perdemos até a linguagem, nossa fala já assusta, porque falamos de forma rebuscada (risos). As pessoas não falarão com a gente se sentirem que estão sendo diminuídas pela falta de embasamento teórico. Eu vejo no grupo de estudos, alguém novo chega e daqui a pouco está uma discussão sobre o que Fanon disse, o que Malcom falou e aquela pessoa não volta mais (risos), pois não foi para isso que ela veio. Por mais que tentemos criar uma atmosfera de não isolamento, de abertura, não conseguimos porque o nosso discurso é muito acadêmico, já estamos nesse viés. Mas temos que sair, apesar de estarmos muito presos. Às vezes nos pensamos que não, que estamos conseguindo dialogar, mas não é o que acontece. Acho isso muito engraçado. Então, minha vida é basicamente isso.



Figura 32- Clarissa França. Fonte: Arquivo pessoal.